

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Língua Hebraica, Literatura e Cultura
Judaicas

Deborah Hornblas Travassos

Judaísmo Messiânico no Brasil: A *Beit Sar Shalom*:
Um Estudo de Caso

São Paulo
2008

Deborah Hornblas Travassos

O Judaísmo Messiânico no Brasil: *A Beit Sar Shalom*:

Um Estudo de Caso

Dissertação apresentada ao
Departamento de Língua Hebraica,
Literatura e Cultura Judaicas, da
Universidade de São Paulo para
obtenção do Título de Mestre.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Marta F. Topel

São Paulo
2008

Ao meu pai por sua imensa sabedoria, à
minha mãe por toda sua paciência e
compreensão, à minha filha Tamara razão
do meu viver e ao Marcos companheiro de
todas as horas.

Agradecimentos:

À professora Dra. Marta Topel, minha orientadora e estimuladora intelectual.

Ao rabino Daniel Woods que me recebeu de braços abertos em sua comunidade e que sempre se dispôs a colaborar com meu projeto.

À comunidade *Beit Sar Shalom* que tão generosamente me recebeu durante quase dois anos.

Ao rabino Alexandre Leone por sua grande erudição que tanto colaborou para essa dissertação, Aos rabinos Michel Schelesinger e Daniel Toitou e o Sr. Alberto Milkewitz pela rápida resposta aos meus questionamentos.

À Daniela Guertzenstein por sua pronta disponibilidade em me atender.

À Fátima Previdelli por sua preciosa colaboração ao revisar essa dissertação.

Aos amigos tão queridos: Fabrício Gerardi, futuro grande intelectual, Alessandra Bachini, amiga de tantos anos e a primeira a me incentivar a volta à universidade, e Paulo Travassos por ser um pai presente.

A todas as pessoas que participaram, contribuindo para a realização deste trabalho, direta ou indiretamente meus sinceros agradecimentos.

Resumo

O objetivo central desta dissertação foi mostrar como os judeus messiânicos da sinagoga *Beit Sar Shalom* vêem a si próprios e como são vistos pelos grupos de fora de suas fronteiras étnicas, no caso, como eles são vistos pelas lideranças judaicas – seculares e religiosas – da cidade de São Paulo.

O judaísmo messiânico é uma religião que mistura elementos do cristianismo, pois acredita que o messias enviado por Deus é Jesus, e do judaísmo, porque mantém parte de seus rituais, festas e tradições. A partir da análise realizada foi possível concluir que se trata de um tipo paradigmático de religião sincrética, em que os elementos ora do cristianismo, ora do judaísmo são cuidadosamente selecionados e aplicados a seu corpo doutrinário.

O trabalho foi desenvolvido a partir da etnografia da sinagoga messiânica *Beit Sar Shalom* localizada em São Paulo no bairro de Higienópolis. Foram analisados aspectos ritualísticos dessa religião, assim como aspectos identitários a exemplo de rituais de iniciação e de passagem comparando-os com rituais judaicos tradicionais.

Palavras chaves: judaísmo, cristianismo, messianismo, sincretismo religioso, identidade religiosa.

Abstract

The central objective of this dissertation was to show how messianic jews from *Beit Sar Shalom* synagogue see themselves and how they are seen by the groups outside their ethnicity frontiers, in the present case, how they are seen by Jew leadership – secular and religious – from São Paulo city.

Messianic Judaism is a religion that mixes elements of Christianity, because they believe that the messiah sent by God is Jesus and Judaism because maintaining part of the rituals, festivities and traditions.

The results of this analyze should be seen as indicators that the religion was concluded as a kind of paradigmatic syncretic one, in which elements of Christianity and Judaism are carefully selected and applied to the doctrinaire body.

The study was developed having as starting point the ethnography of the *Beit Sar Shalom*, messianic synagogue, located in São Paulo in the borough Higienópolis. Ritualistic aspects of this religion were analyzed as were identity aspects such as initiation and passage rituals, comparing them with traditional jewish rites.

Keywords: Judaism, Christianity, messianism, religious syncretism, religious identity.

Sumário

Introdução.....	1
Capítulo I – O surgimento do judaísmo messiânico	7
1.1. Os cristãos primitivos – judeus do tempo testamentário	
1.1.1 Os judeus messiânicos e o cristianismo primitivo.....	16
1.2. A identidade judaica	
1.2.1. A questão judaica ao longo da história.....	17
1.2.2. A questão da identidade judaica e a <i>Beit Sar Shalom</i>	21
1.3. Uma breve história das religiões no Brasil.....	26
1.3.1. Os judeus no Brasil moderno.....	30
1.3.2. O judaísmo messiânico no Brasil: a história da <i>Beit Sar Shalom</i>	33
1.4. Judaísmo messiânico e o sincretismo religioso	
1.4.1. O sincretismo religioso.....	37
1.4.2. O judaísmo messiânico e o sincretismo religioso.....	43
Capítulo II – O messianismo no judaísmo.....	49
Capítulo III – Os rituais	
3.1. A sinagoga messiânica.....	54
3.2. <i>shabat</i> e <i>kidush</i>	59
3.3. As festas	
3.3.1. A Páscoa judaica e a Páscoa cristã.....	62
3.3.2. A Páscoa para os judeus messiânicos.....	64
3.3.3. <i>Rosh há-Shaná</i>	66
3.3.4. <i>Yom Kipur</i>	67

3.3.5. <i>Rosh há-Shaná e Yom Kipur</i> para os judeus messiânicos.....	68
3.4. Os rituais de iniciação e passagem	
3.4.1. A circuncisão.....	70
3.4.2. A circuncisão para os judeus messiânicos.....	71
3.4.3. <i>Bar Mitzvá</i>	72
3.4.4. <i>Bar Mitzvá</i> para os judeus messiânicos.....	73
3.4.5. A conversão para o judaísmo.....	75
3.4.6. A conversão para o judaísmo messiânico.....	76
Capítulo IV – Os judeus messiânicos falam de si	
4.1. Teologia	
4.1.1. Quem é Jesus Cristo para os judeus messiânicos?.....	80
4.2. O papel da <i>Torá</i>	84
4.3. O papel do <i>Talmud</i>	87
4.4. O Estado de Israel.....	90
4.5. A <i>Shoá</i> como fator identitário.....	94
Capítulo V – Os judeus messiânicos falam sobre os outros	
5.1. Os judeus messiânicos falam sobre o judaísmo.....	96
5.2. Os judeus messiânicos falam sobre o cristianismo.....	100
Capítulo VI – Os judeus falam sobre os judeus messiânicos.....	105
Conclusão.....	117
Bibliografia	
Questionário	
Fotos	

Introdução

O trabalho “*Judaísmo Messiânico no Brasil: A Beit Sar Shalom: Um Estudo de Caso*” é uma pesquisa baseada em uma etnografia. Existem atualmente algumas sinagogas messiânicas na cidade de São Paulo e várias espalhadas pelo Brasil e pelo mundo; a *Beit Sar Shalom* foi escolhida para ser estudada por ter sido a primeira sinagoga messiânica brasileira.

O judaísmo messiânico é um movimento religioso surgido no final do século XIX na Inglaterra, essa religião prega essencialmente que Jesus é o messias enviado por Deus, apesar dessa crença, não se consideram cristãos e se declaram judeus. Os judeus messiânicos afirmam que a sua religião é a judaica, a mesma dos apóstolos e do próprio Jesus, e por isso mantêm a tradição judaica nos rituais religiosos, na celebração das festas judaicas, nos modos de vestir como, por exemplo, o uso do solidéu, nos serviços religiosos realizados em sinagogas e no uso da língua hebraica. Esses aspectos serão todos analisados no decorrer do trabalho.

É importante frizar que os judeus messiânicos não vêem nenhuma contradição na sua religião, consideram perfeitamente possível (e desejável) serem judeus e ainda assim acreditarem que o messias, na figura de Jesus, já veio e voltará, tese essa que vai contra a crença do judaísmo rabínico que ainda espera pelo messias que será enviado por Deus.

Durante a pesquisa surgiram diversos questionamentos e entre as problematizações mais relevantes encontram-se a questão da identidade judaica e como ela é construída na “Sinagoga” *Beit Sar Shalom* (Casa do Príncipe da Paz),

comunidade judaico-messiânica localizada à Rua Albuquerque Lins, nº. 1282 no bairro de Higienópolis, São Paulo.

O trabalho sobre judaísmo messiânico foi um exercício etnográfico que incluiu diferentes tipos de atividades. Durante um ano e meio, de julho de 2005 a janeiro de 2007, a *Beit Sar Shalom* foi visitada todas as sextas-feiras, inclusive nos dias dos feriados religiosos judaicos como *Pessach* (Páscoa), *Rosh há-Shaná* (ano novo) e *Yom Kippur* (Dia do Perdão) e seus rituais observados detalhadamente. Um diário foi mantido com os registros das observações. A intenção ao realizar essa pesquisa de campo foi a de levantar a maior quantidade de dados que ajudassem a compreender diferentes aspectos da identidade religiosa dos judeus messiânicos.

No período da observação participante dos rituais dessa sinagoga foi realizada uma entrevista com Daniel Woods, líder religioso da comunidade, que foi gravada e transcrita. A entrevista teve como objetivos traçar a história da fundação da *Beit Sar Shalom*, a trajetória pessoal de Daniel Woods e o que o religioso pensa de questões como o Holocausto, o Estado de Israel, além, obviamente, de questões ligadas ao judaísmo messiânico, como os rituais de iniciação, as festas e a sua doutrina religiosa. A técnica utilizada para fazer a entrevista foi a de deixar o entrevistado livre para expressar todas as suas lembranças com um mínimo de interrupções por parte da entrevistadora, pois se tratava da história oral baseada nas suas memórias e a interferência da entrevistadora poderia “poluir” essas recordações. Existem segundo Lino Rampazzo¹ dois tipos de entrevista: aquela padronizada ou estruturada, onde há um roteiro de entrevista pré-estabelecido e há aquela entrevista despadronizada ou não-estruturada, nessa o entrevistador é livre para adaptar suas perguntas a determinadas situações e em geral as perguntas são

¹ RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**. São Paulo: Loyola, 2002. pp. 108-110

abertas. A entrevista com o rabino Woods seguiu a segunda recomendação de Rampazzo.

Daniel Woods foi extremamente receptivo nos encontros necessários para gravar a entrevista (três encontros realizados nos dias 30/08/2005, 23/09/2005 e 18/11/2005), feitos na sede da *Beit Sar Shalom* e declarou diversas vezes que minha pesquisa e a entrevista ajudariam a esclarecer pontos considerados obscuros da sua religião. Segundo ele, um trabalho acadêmico ajudaria a mostrar às pessoas, principalmente aos judeus não messiânicos, os fundamentos do judaísmo messiânico e a sua seriedade enquanto religião.

Numa segunda fase da entrevista, foram feitas perguntas específicas quanto aos rituais de iniciação, rituais de passagem, festas, posicionamentos da *Beit Sar Shalom* em relação à *Shoá*² e ao Estado de Israel.

Após um ano e meio de observação participante, foi distribuído aos membros da comunidade messiânica um questionário (anexado ao final do trabalho) com perguntas fechadas do tipo: nome, endereço, profissão, data de nascimento, quantas vezes por semana freqüenta a *Beit Sar Shalom*, etc. e perguntas abertas do tipo: qual a religião praticada atualmente? Como conheceu a *Beit Sar Shalom*? O que significa ser judeu? Dessas perguntas algumas eram fáceis de responder como: “qual a sua religião?” e não encontraram nenhum tipo de resistência daqueles que se dispuseram a responder o questionário. Já as questões mais complexas do tipo “o que significa ser judeu para o Sr.(a)?” encontraram uma resistência bem maior, e dos questionários que foram respondidos, vários entrevistados deixaram em branco (não responderam) essas questões.

² *Shoá*- hebraico-Holocausto.

Muitos dos freqüentadores da *Beit Sar Shalom* se recusaram ao responder o questionário, às vezes alegando falta de tempo, ou mesmo afirmando que não responderiam a questionários, pois poderiam ter suas palavras distorcidas e alteradas (segundo os membros da comunidade isto ocorreu em outras ocasiões). Alguns prometeram responder ao questionário na semana seguinte, mas nunca o devolviam. Foram inclusive feitos vários apelos por Daniel Woods para que as pessoas respondessem ao questionário, mas ainda assim houve grande resistência.

A recomendação feita por Lino Rampazzo³ de que o entrevistador esteja presente quando o questionário é respondido nem sempre foi possível nesse caso, já que como fora assinalado houve uma recusa muito grande em responder às perguntas e essas eram fundamentais para a pesquisa. Apenas cinco questionários foram respondidos na presença da pesquisadora, oito foram enviados via e-mail e os outros três foram entrevistados por telefone.

Dos cerca de cinqüenta freqüentadores assíduos da *Beit Sar Shalom*, apenas dezesseis responderam ao questionário e ainda assim depois de muita insistência (apenas cinco responderam rapidamente). Considero ser esse um dado da pesquisa que merece discussão e que permite elencar algumas hipóteses como, por exemplo, existe certo incomodo entre os membros da *Beit Sar Shalom* em falar abertamente de sua religião? Existe algum temor de não serem reconhecidos como verdadeiros judeus? As respostas a essas questões serão discutidas nesse trabalho.

Um aspecto importante a ser ressaltado é que nos anos de 2005 a 2007, o número de pessoas que freqüentavam a *Beit Sar Shalom* diminuiu sensivelmente, dos cerca de cinqüenta fiéis que eram vistos no início desse trabalho restaram menos de trinta membros ao final desse estudo de caso, o que dificultou ainda mais

³ RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**. São Paulo: Loyola, 2002. pp. 110-114

a pesquisa. Não foi possível apurar quais os motivos que levaram à diminuição do número de pessoas.

O objetivo dos questionários foi o de compreender de forma ampla quem são as pessoas que freqüentam a *Beit Sar Shalom* e como elas se auto-identificam. As dificuldades encontradas durante o processo mostram que os fiéis messiânicos dessa sinagoga têm problemas identitários, isto fica provado na resistência que têm de ser identificados, dizem temer retaliações da comunidade judaica (alguns disseram isso textualmente) e apresentam um comportamento arredo em relação aos que estão do lado de fora das suas fronteiras identitárias, citando Barth⁴. Essa tão complexa questão será discutida no capítulo I no item “a identidade judaica”.

O capítulo I do trabalho baseou-se em levantamento bibliográfico sobre questões como as origens dos cristãos primitivos, a identidade judaica, uma breve análise das religiões no Brasil contemporâneo e o sincretismo religioso.

O capítulo II inclui uma breve pesquisa sobre o messianismo judaico: qual a visão do judaísmo rabínico sobre esse assunto e como a visão messiânica se modificou ao longo do tempo, desde o período bíblico até após a destruição do Templo no ano 70 da era comum.

O capítulo III dedica-se à descrição da sinagoga *Beit Sar Shalom*, seus rituais mais importantes como a celebração do *shabat* e a benção do vinho. Também nesse capítulo foram descritas as principais festas judaicas como *Pessach*, *Rosh há' Shanah* e *Yom Kipur* e como essas efemérides são celebradas entre os judeus messiânicos. Os rituais de iniciação, como a conversão e a circuncisão, além do ritual de passagem a maturidade religiosa, o *Bar Mitzvá*, foram analisados tanto do ponto de vista judaico rabínico como da perspectiva do judaísmo messiânico. Esse

⁴ POUTIGNAT, Philippe e FERNAT, S. Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo. Unesp, 1997. pp.185-228.

exercício teve como objetivo desenvolver um contraponto que destacasse as singularidades da celebração das festas judaicas pelos judeus messiânicos da *Beit Sar Shalom*.

O capítulo IV foi dedicado à análise da visão teológica do judaísmo messiânico: “Quem é Jesus Cristo para os judeus messiânicos?” pergunta fundamental para entendermos a sua visão de mundo. Outras questões discutidas foram: Qual a importância que os judeus messiânicos atribuem à *Torá* (Lei máxima para os judeus rabínicos) e ao *Talmud*. Diferentes assuntos de relevante importância identitária para o judaísmo também foram abordados nesse capítulo: a exemplo de “como os judeus messiânicos se relacionam com o Estado de Israel e o Holocausto?” Essas perguntas foram respondidas pelos frequentadores da sinagoga *Beit Sar Shalom* e posteriormente analisadas.

No capítulo V, o esforço foi compreender como os judeus messiânicos, através das entrevistas concedidas, dos questionários respondidos, através de suas publicações (livros e folhetos distribuídos na sinagoga messiânica) e da *internet* vêem o judaísmo rabínico e o cristianismo. É importante ressaltar que o cristianismo, nesse capítulo do trabalho, foi analisado como um todo, apenas com uma leve separação entre o catolicismo e as denominações cristãs de vertente protestante.

O VI e último capítulo analisa a maneira como o judaísmo vê o judaísmo messiânico com esse objetivo foram feitas entrevistas com lideranças judaicas da cidade de São Paulo.

Nas conclusões finais tentei sintetizar e destacar as características religiosas que singularizam o grupo estudado que constitui uma categoria que oscila entre o judaísmo rabínico e o cristianismo.

Capítulo I - O surgimento do judaísmo messiânico

1.1. Os cristãos primitivos – judeus do tempo testamentário

Os Judeus messiânicos se consideram herdeiros diretos dos primeiros seguidores de Jesus, que apesar da crença no messias mantinham as tradições judaicas. A fim de esclarecer o contexto do surgimento desses primeiros cristãos segue um breve relato da composição político e social do período testamentário:

Em 37 a.C. Herodes, O Grande⁵ se tornou rei da *Judéia* que estava sob domínio romano, seu reino foi marcado por um alinhamento político e cultural com Roma e diversos projetos de construção foram realizados nesse período. Depois da sua morte, o reino foi dividido, por Augusto, imperador romano, entre os filhos de Herodes. Arquelau⁶ tornou-se etnarca⁷ da *Judéia*, *Samaria* e da *Iduméia*, enquanto Herodes Antipas⁸ tornou-se tetrarca⁹ da *Galiléia* e parte da Transjordânia. O reino de Herodes foi basicamente uma criação da política romana e esses o apoiavam como soberano.

A região é uma estreita área situada entre a África e a Ásia como uma espécie de corredor entre essas duas áreas, possuía então provavelmente uma superfície de 34.000 km² e cerca de 650 mil habitantes, era dividida em áreas menores como: *Judéia*, *Samaria* e *Galiléia*, a oeste; *Ituréia*, ao norte; *Gualanítade*, *Batanéia*,

⁵ REICKE, Bo. **História do tempo novo testamento**. São Paulo: Paulus, 1996.

⁶ Arquelau é deposto por Augusto no ano 6 a.C. A *Judéia*, *Samaria* e *Iduméia* passam a ser governadas diretamente por procuradores romanos. A capital da província passa a ser Cezaréia. REICKE, Bo. **História do tempo do novo testamento**. São Paulo: Paulus, 1996.

⁷ Etnarca significa aquele que governa uma etnia, exerce funções administrativas e judiciárias.

⁸ Construiu no ano de 17 a.C. a capital de sua tetrarquia às margens do lago Genezaré e chama-a de Tiberíades em homenagem ao imperador Tibério.

⁹ Do grego tetrarca, *téssara* = quatro, e *árcho* = senhor, portanto tetrarca é senhor de um quarto (de território).

Traconítide, Auranítide, Decálope e Peréia, a leste e Iduméia ao sul¹⁰. A região depois da morte de Herodes, O Grande, manteve seu sistema de administração, essa orientação só teve fim com a guerra de 66 d.C. Do ponto de vista político esse período ficou conhecido como *Pax Romana*.

O poder efetivo estava nas mãos dos romanos, mas em geral estes respeitavam a autonomia interna das suas colônias. O sumo sacerdote tinha o poder de gerir questões internas, através da Lei Judaica; este, porém, era nomeado e destituído pelo imperador romano. O centro do poder dessa região era a cidade de Jerusalém, local em que ficava o Templo, de onde governava o sumo sacerdote assessorado por um Sinédrio de 71 membros, composto de sacerdotes, anciãos e escribas.

A sociedade do império era dividida em vários grupos como Saduceus, formados por grandes proprietários de terra, comerciantes e pelos membros da elite sacerdotal, que tinham o controle do Sinédrio. Os Escribas, ou doutores da Lei. Os Fariseus, que de maneira geral eram nacionalistas e hostis ao império romano, esse grupo era formado por leigos, mas extremamente rigorosos no cumprimento da Lei e os Zelotas, extremamente nacionalistas, contrários a Roma¹¹. Havia ainda outros grupos formados pequenos e médios proprietários rurais, além de comerciantes, os trabalhadores em geral e os miseráveis, mendigos e escravos.

Segundo Bo Reicke¹², devido à sua posição geográfica, a região da *Judéia* e imediações eram de passagem por onde circulavam comerciantes, mensageiros, soldados, etc., era um local que possuía importantes centros urbanos, como Cezaréia e Jerusalém. Existia nessa região uma pequena manufatura de cerâmica,

¹⁰ *Encyclopaedia Judaica Jerusalém*. Vol. 8 pp. 635-638.

¹¹ A Bíblia Sagrada - Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1991.

¹² REICKE, Bo. **História do tempo do novo testamento**. São Paulo: Paulus, 1996.

construção civil e tecelagem. Havia também um comércio interno e externo bastante ativo; a principal atividade econômica, no entanto, era a agricultura.

Contudo, as diferenças sociais não eram só pautadas na riqueza individual, mas também em outros critérios como: sexo, função religiosa e pureza étnica.

Ainda segundo Bo Reicke a mais importante instituição religiosa era o Templo que, após ser destruído por duas vezes, estava sendo reconstruído nessa época. Nesse local eram realizados os sacrifícios, lá o Sinédrio se reunia, era onde as riquezas e impostos e objetos de culto eram guardados, era considerado o centro de toda vida religiosa, econômica e política judaica.

As sinagogas também eram centros religiosos e local de encontro e de discussões não só sobre a religião, mas também sobre aspectos da vida da comunidade. As festas religiosas eram muito importantes possuindo grande valor no cotidiano judaico, por serem também momentos de perpetuação da memória e da tradição.

Assim, o judaísmo não era uma religião monolítica, havia diferentes subgrupos, principalmente Fariseus, Saduceus, Zelotas e Essênios¹³, citados por Flávio Josefo em sua obra.

Provavelmente, Jesus viveu no primeiro século e os apóstolos continuaram suas pregações levando suas idéias à população de outras localidades como Grécia e Síria. Na região da Judéia e imediações a sinagoga era instituição essencial para

¹³ Essênios – grupo minoritário que estava organizado como uma comunidade monástica em *Qram*, área localizada perto do Mar Morto, desde o século II a.C. até o século I d.C., quando em 68 foram eliminados pelos romanos durante a Guerra Judaica. Rejeitavam a adoração de templo, consideravam os sacerdotes de Jerusalém ilegítimos. Viviam em regime comunitário com regras extremamente rígidas e possuíam uma teologia de caráter escatológico. Entre os ritos estava a prática do batismo por imersão. Alguns autores consideram que tanto João Batista como Jesus pertenciam a esse grupo. A Bíblia Sagrada - Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1991.

vida religiosa. Esse tipo de comunidade fora criada na diáspora, onde a necessidade de ter um local para reuniões sociais e religiosas era muito grande¹⁴.

Segundo Bo Reicke os primeiros seguidores de Jesus, assim como todos os autores do Novo Testamento eram provavelmente judeus. A bíblia cristã está recheada de referências às Escrituras Hebraicas, festas, como por exemplo, a Páscoa, além de instituições e tradições judaicas.

Assim podemos citar Paulo, um dos mais importantes seguidores de Jesus e autor das Cartas contidas no Novo Testamento, afirma que Jesus “*nasceu submetido a uma lei*” (Gal.4:4) e que ele “*se fez ministro dos circuncisos para honrar a fidelidade de Deus, no cumprimento das promessas feitas aos pais*” (Rom 15:8)”.

Fora os Evangelhos há muito pouca referência histórica sobre Jesus. Durante cerca de 1800 anos, o cristianismo teve por certo que o relato dos Evangelhos e de *Ato dos Apóstolos* era factual. Apenas no período do Iluminismo do século XVIII, na Europa, se desenvolveu uma nova abordagem bíblica. Até hoje uma das únicas referências históricas da vida de Jesus é aquela citada na obra de Flávio Josefo¹⁵ em *Testeonium Flavianum*, quando o autor descreve a condenação e a morte de Jesus. Uma referência explícita de Josefo encontra-se em *Antiguidades Judaicas*, há ali dois textos mencionando Jesus de Nazaré, no qual se refere a Tiago como: “*o irmão de Jesus também chamado o Cristo*”¹⁶.

¹⁴ REICKE, Bo. **História do tempo do novo testamento**. São Paulo: Paulus, 1996.

¹⁵ Flávio Josefo, nascido na Palestina de um clã sacerdotal no ano de 37 d.C. Josefo Ben Matias morreu depois de 94 d.C. provavelmente em Roma. Embora fosse líder das forças judaicas na *Galiléia* durante a revolta contra Roma (66-70), rendeu-se a Vespasiano, que o pôs em liberdade quando ele predisse que o general romano se tornaria imperador. A partir de 69 d.C. tornou-se hóspede da casa flaviana, família imperial de Vespasiano, de modo que Tito o levou para Roma e instalou-o no palácio imperial. Ali nos anos 70, ele escreveu *A Guerra Judaica* (originalmente em aramaico, mas traduzida para o grego) como propaganda a fim de mostrar a futilidade da revolta contra os romanos. Por volta de 94 d.C. concluiu *As Antiguidades Judaicas* em vinte volumes, uma história dos judeus dos tempos dos patriarcas à era romana. *Encyclopaedia Judaica Jerusalém*. Vol. 10, pp. 253-264.

¹⁶ <http://www.simpozio.ufsa.br> – Enciclopédia Simpozio – Capítulo 3. O cristianismo da fase do mesmo Jesus. Acesso em 05/03/2006.

Os primeiros historiadores romanos a fazerem referência aos cristãos são segundo Bo Reicke: Plínio o Moço, Cornélio Tácito, Suetônio Tranqüilo. Essas referências ocorrem mais de cinquenta anos após a morte de Jesus. Nos arquivos oficiais de Roma, que incluem as Atas do Senado (*Acta Senatus*) e as Correspondências do Imperador (*Comentarii Principis*) nada se encontra a respeito de Jesus.

Os judeus da região da *Judéia* e imediações, desde Alexandre Magno, viviam num mundo helenizado em que grande parte da população falava grego, os livros bíblicos que haviam sido compostos em hebraico e aramaico tinham sido traduzidos para o grego.

A *Carta aos Hebreus*, livro que compõe as Escrituras Cristãs pode ter sido endereçada aos judeus de Jerusalém, Um questionamento pertinente seria porque essa Epístola foi composta em grego e não em hebraico? Uma resposta a essa pergunta seria que provavelmente *Carta* foi endereçada à comunidade cristã em Roma¹⁷. Um argumento importante para a destinação desse documento aos romanos é que *Hebreus* ficou conhecida antes em Roma do que em qualquer outro lugar. Em meados do século II, Justino, escrevendo de Roma, demonstrava conhecer a *Carta*¹⁸.

A maioria dos estudiosos do livro bíblico *Hebreus* diz haver três estágios nessa Epístola, dois desses estágios estão no passado. Essa argumentação pressupõe que a comunidade que iria ler compreendia o raciocínio das Escrituras Judaicas (alguns consideram *Hebreus* como um *Midrash*¹⁹) e teriam conhecimento da liturgia

¹⁷ FLUSSER, David. **O judaísmo e as origens do cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago, 2002. Vol. II

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ *Midrash* –hebraico - significa busca, procura. Método homilético de interpretação da bíblia no qual o texto é explicado diferentemente do seu significado literal. *Midrash* também é o nome dado a várias coleções de comentários bíblicos, compilados da *Torá* Oral.

judaica. Na primeira parte da carta (Hb 2,3-4; 6,4-5) os hebreus teriam sido convertidos e evangelizados; na segunda parte (Hb 13,3 e 5,11; 6,12) começa a perseguição aos cristãos e na terceira (Hb 13,3 e 5,11; 6,12) essa perseguição cessa, mas continua a existir uma ameaça iminente.

Aparentemente, segundo Flusser, havia certo medo de que os destinatários de *Hebreus* se sentissem atraídos a voltar à religião anterior, ou seja, retornassem ao judaísmo. A questão que surge aqui é: Por que cristãos poderiam voltar àquilo que já haviam renunciado, ainda mais após a destruição do Templo?

Apesar dessa influência greco-romana, os judeus se distanciavam de certos aspectos da vida civil por causa das restrições que a religião judaica impunha, como por exemplo, compartilhar a mesa com pagãos, que não seguiam as leis dietéticas judaicas.

A região da *Judéia*, *Samaria*, *Galiléia*, *Iturpéia*, *Gualanítade*, *Batanéia*, *Traconítade*, *Auraníte*, *decálope*, *Peréia* e *Iduméia do Sul* desse período, eram cortadas por estradas, construídas por Herodes, O Grande. O sistema romano de estradas facilitava as viagens de comerciantes, mas também de pregadores. A procura das cidades se fundamenta numa maior densidade populacional, atingindo assim uma quantidade muito maior de ouvintes do que na zona rural. Nas cidades conviviam pessoas de diferentes origens, essa mistura provavelmente deu a origem à necessidade de pertencer a um grupo étnico cultural, disso resulta a grande procura pelas sinagogas que reuniam as pessoas não só para os rituais religiosos, mas também para discutir os diferentes assuntos que diziam respeito aos interesses da comunidade.

Esse novo contexto nos conduz a diversos questionamentos entre eles aquele que procura compreender quem eram os seguidores de Jesus nesse primeiro período, Segundo Luigi Schiavo:

A pesquisa exegética e histórica sobre as origens do cristianismo defendia uma relação evolutiva e descontínua entre judaísmo e cristianismo. Evolutiva por considerar que o cristianismo primitivo representava um salto qualitativo em relação ao judaísmo. Descontínua porque o cristianismo se afirmaria como superação de crenças e práticas religiosas judaicas. As duas tendências religiosas teriam acabado na separação entre sinagoga e igreja, oficializada já na década de 90d. C.

Para os estudiosos a continuidade consistiria no fato de Jesus estar profundamente inserido nos movimentos de reforma típicos de seu tempo; enquanto à descontinuidade seria, posteriormente, provocada, sobretudo, por fatores externos, como a desclassificação dos cristãos da condição de *religio licita* por parte da autoridade romana e a institucionalização do cristianismo no século II, que provocou uma organização hierárquica e doutrinal²⁰.

Desde o seu surgimento o cristianismo se via como um herdeiro do judaísmo, mas segundo Flusser ²¹é difícil crer que os judeus aceitassem com naturalidade o cristianismo; os novos elementos da mensagem cristã e sua estrutura diferem de forma estrutural do judaísmo, é muito difícil pensar que a religião judaica fundada num absoluto monoteísmo iria compartilhar a crença da divindade de Jesus. Dessa forma a nova crença que surge tornou-se a nova religião dos gentios. Para o autor, já a partir do segundo século, a maioria dos cristãos julgava que o modo de vida judaico era proibido.

²⁰ SCHIAVO, Luigi. **Anjos e messias**. São Paulo: Paulinas, 2006. pp. 19-20

²¹ FLUSSER, David. **O judaísmo e as origens do cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1988. pp.165-169.

Ao analisarmos a história das religiões percebemos que a maioria das comunidades religiosas surgiu de uma comunidade prévia, que supera a antecessora. Esse movimento por diversas vezes acaba resultando em cisma.

David Flusser afirma que o cristianismo não se originou em círculos essênios²². Entretanto, segundo o autor Christian Ginsburg (historiador orientalista), citado por Flusser em sua obra *Judaísmo e as origens do cristianismo*, os essênios foram os precursores do cristianismo, pois, a maior parte dos ensinamentos de Jesus, o idealismo ético e o ideal de pureza espiritual faziam parte das práticas dessa seita. Existe, então, segundo Ginsburg, a possibilidade de os primeiros cristãos terem sido membros advindos dessa seita, diferentemente do que para Flusser que defende a teoria de que durante o período entre a morte de Jesus e a conversão de Paulo, alguns judeus interpretaram a vida, morte e ressurreição de Jesus à luz do judaísmo. No momento em que nasce o cristianismo, esses judeus deveriam representar uma minoria, pessoas que deveriam compartilhar uma forma específica de judaísmo, que não prevalecia sobre a maioria dos judeus, todavia essa nova fé encontrou entre os gentios um terreno muito mais fértil. Para esses gentios tornarem-se cristão significava superar a fé judaica. Ao se tornarem cristãos, eles não se tornavam só iguais aos que professavam o judaísmo, mas sentiam-se superiores a eles.

A partir dos anos 70 d.C. quando o Templo foi destruído durante o episódio conhecido como a Guerra Judaica, a política tolerante de Roma em relação aos judeus foi revista. Os reflexos desses acontecimentos marcaram as relações entre judeus e cristãos com seu rompimento, segundo Flusser:

²² Esse grupo ou seita judaica ascética que teve existência desde mais ou menos o ano de 150 a.C. até o ano de 70 d.C. O termo Essênio provem do sírio *asaya* e do aramaico *essaya* ou *essnói*, todos com o significado de médico. *Encyclopaedia Judaica Jerusalem*. Vol. 3, p. 180.

Desde o começo, o cristianismo se viu mais ou menos como o herdeiro do judaísmo e como sua verdadeira expressão, ao mesmo tempo, que sabia que tinha passado a existir pela graça especial de Cristo. Como a grande maioria dos judeus não concordava com seus irmãos cristãos nessa reivindicação, o cristianismo tornou-se uma religião de gentios para quem, a partir do século II, era proibido observar os mandamentos da lei de Moisés. Já então a maioria dos cristãos julgava que o modo de vida judaico era proibido até mesmo para os judeus que haviam adotado o cristianismo, atitude que mais tarde se tornou posição oficial da Igreja²³.

Os reflexos desse rompimento se encontram nos textos neotestamentários como, por exemplo, na já citada *Carta aos Hebreus*²⁴.

O contexto sócio-político da região onde viveu Jesus favorecia o surgimento de movimentos messiânicos, fundamentalmente em função da opressão da dominação romana e das divisões internas no próprio judaísmo. Jesus teria nascido nesse momento. Quem seriam seus seguidores é uma pergunta difícil de responder já que os relatos históricos da época são escassos e pouco confiáveis.

Como fora assinalado, a sociedade judaica do tempo testamentário não era monolítica, havia profundas divisões internas que podem ter suscitado a criação de variados movimentos, da qual o messianismo fazia parte. Numa região de conflitos como era a *Judéia* e suas imediações desse período, a salvação por um humano ungido por Deus que poderia ter poderes de restaurar a ordem social provavelmente foi aceita por parte da população. O maior exemplo dessa manifestação foi o surgimento do grupo formado pelos essênios que procuravam a partir de um comportamento social ascético resolver os conflitos da sua sociedade.

²³ FLUSSER, David. **O judaísmo e as origens do cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1988. Vol. III, pp. 19-20.

²⁴ Site: <http://www.ifcs.ufrj.br>- artigo escrito por professora Dr^a. Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva. Acesso em 06/03/2006.

Como vimos existem duas teorias básicas em relação a quem foram os primeiros cristãos. A primeira afirma serem os cristãos judeus que passaram a aceitar Jesus como o legítimo Messias e assim teriam rompido com o judaísmo de origem, enquanto a segunda teoria afirma que a grande massa dos seguidores de Jesus não era formada fundamentalmente por judeus, mas por gentios que viviam na região e por onde os apóstolos fizeram sua peregrinação proselitista.

1.1.1. Os judeus messiânicos e o cristianismo primitivo

Os Judeus Messiânicos que freqüentam a sinagoga *Beit Sar Shalom* baseiam a sua legitimidade na primeira teoria, ou seja: se Jesus e os apóstolos não fundaram nenhuma nova religião, nasceram judeus e assim permaneceram e não há, segundo eles, nenhuma contradição em se auto-definirem como judeus. Para os seguidores do judaísmo messiânico, a Bíblia Cristã é uma continuidade cronológica da Bíblia Hebraica, ou seja, ela é diacrônica, não existindo ruptura entre os dois textos.

Assim sendo, os freqüentadores da *Beit Sar Shalom* alegam que praticam a mesma religião dos judeus do tempo testamentário que seguiram Jesus e que acreditavam ser ele o messias enviado por Deus e essa religião é o judaísmo.

1.2. A identidade judaica

1.2.1. A questão judaica ao longo da história

Os freqüentadores da *Beit Sar Shalom* se identificam como judeus, mesmo que muitos não tenham nascido judeus e não tenham passado por nenhum processo de conversão formal. Para Daniel Woods, líder dessa comunidade, é suficiente se sentirem judeus e viverem como judeus. O rabino afirma que para ser judeu é fundamental viver como judeu e isso implica na observância de rituais, festas, além obviamente do *Brit milá*²⁵ no caso do sexo masculino. Isto nos remete a uma breve reflexão sobre a identidade judaica.

A problemática da identidade judaica apresenta numerosas questões que foram abordadas por diferentes pesquisadores pertencentes a diversas disciplinas, como Sérgio DellaPergolla e Bernardo Sorj, como muitos outros estudiosos, ambos concluem que ser judeu vai muito além das fronteiras religiosas.

Discutir a identidade judaica fora de Israel é contemplar o ambiente de diáspora em que vive a comunidade judaica, dentro desse contexto, as diversas correntes do judaísmo adquirem em cada situação novos sentidos. Esse ambiente produz novas relações identitárias, e dentro da atual situação mundial em que se tornam comuns as quebras de barreiras nacionais e da globalização, a identidade judaica se apresenta cada vez mais como uma construção pessoal.²⁶

²⁵ *Brit milá* - hebraico – circuncisão dos meninos judeus ao sétimo dia de vida.

²⁶ SORJ, Bernardo. **Diáspora, judaísmo e teoria cultural**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003

Segundo Bernardo Sorj: *“toda identidade é incompleta sem a imagem de alteridade. Os mitos de origem nacional na tradição europeia a constituíram na contraposição e por vezes na negação, do outro”*²⁷.

Responder o que é ser judeu obviamente requer um esforço maior do que o pretendido por esse trabalho, é uma interrogação que não tem uma resposta fácil e única.

Antes da Revolução Francesa, os judeus eram identificados e se identificavam como um povo que tinha uma religião comum e que vivia sob as leis de um determinado país que impunha a força de seu direito a todos que viviam em seu território. Com a emancipação que o Iluminismo do século XIX trouxe à Europa, o conceito de nação e nacionalidade passa a fazer pauta de preocupação dos novos cidadãos que surgem nesse momento, entre eles os judeus. E estes começaram a se definir mais como etnia e nação e menos como grupo religioso. Quando falamos do conceito de nação não devemos pensá-lo como uma fatalidade histórica, mas uma busca consciente de pertencer a uma nação.

O sionismo que surge durante o Século XIX nasce como uma manifestação de um nascente nacionalismo judaico e não como uma reação ao anti-semitismo. Os judeus se sentem fora do nacionalismo europeu e constroem a sua própria noção de nacionalismo e identidade étnica e cultural, não mais baseados na religião comum, mas no conceito moderno de nação²⁸.

Como fora mencionado, antes do Iluminismo o judeu se identificava e era identificado como pertencente a uma religião, o que também determinava seu

²⁷ SORJ, Bernardo. **Sociabilidade brasileira e identidade judaica**, in SORJ, B. **Identidades judaicas no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p.149

²⁸ AVINERI, Shlomo. **La idea sionista**. Jerusalem: La Semana Editora, 1993.

estatuto legal. A sociedade cristã tinha sua organização política como expressão dos dogmas cristãos e, nesse contexto, o judeu era excluído, porém tolerado.

O Iluminismo e a Revolução Francesa romperam com esse equilíbrio, pois a partir desse novo contexto histórico, os judeus passaram a ser iguais aos outros cidadãos, surgiram novos dilemas que a estrutura tradicional da *Kehilá*²⁹ não era capaz de solucionar.

Segundo Avineri, a partir da segunda metade do Século XIX aparece um movimento de retorno dos judeus a Israel, esse movimento que culminou no sionismo mudou a história do povo judeu e a natureza do seu laço com a terra de Israel³⁰. O sionismo surgirá não como uma resposta ao anti-semitismo, mas como uma resposta ao nacionalismo e ao liberalismo do Século XIX.

Esse dilema em que o judeu europeu ocidental se encontra não pode ser resolvido com a conversão religiosa, o nacionalismo do Século XIX estava coberto de determinismo cultural e racismo. O sionismo surge como um movimento que resgata um sentimento nacionalista e de autoconsciência.

Paradoxalmente, mesmo após a criação do Estado de Israel, em 1948, continuou a polêmica sobre as características e atributos que definiriam os judeus. Seria um grupo étnico, uma nacionalidade, uma religião, uma ideologia, um conjunto de tradições? Apesar das múltiplas abordagens e dificuldades para definir quem é judeu, existem tentativas de aproximação ao fenômeno. Assim DellaPergolla afirma que de uma maneira geral usamos para definir judaicidade, a adesão às práticas religiosas, a cultura judaica, a afirmação de etnicidade e a ligação com o Estado de Israel:

²⁹ *Kehilá*- hebraico – grupo de judeus que formam uma congregação.

³⁰ *Ibidem*.

Nas sociedades contemporâneas que experimentam processos intensos de secularização, aculturação e interação social, as linhas demarcatórias que separam diferentes grupos religiosos, étnicos e culturais não são mais rígida e claramente demarcadas, como acontecia no passado. Múltiplas bases de identificação entre indivíduos e grupos podem coexistir. Como a identificação não é regulada legalmente, indivíduos podem mudar suas preferências durante seu ciclo vital. Indivíduos de origem judaica podem vivenciar diferentes níveis de vinculação ao judaísmo ou à comunidade judaica, e podem resolver cortar os respectivos elos, adotando ou não outra identidade. Estas mudanças atitudinais são reversíveis: pessoas que negam seu vínculo com o judaísmo podem mudar de idéia mais tarde. Alguns, ainda, podem admitir ou negar a identidade judaica dependendo das circunstâncias³¹.

Ainda segundo DellaPergolla, há um modo de vinculação ao judaísmo que ele denomina de “resíduo cultural”. Esta forma de liame inclui pessoas que sentem alguma ligação, mesmo que tênue com o judaísmo, em algum lugar da sua história pessoal:

Vista sob este contexto particular, a cultura é um conceito mais vago e subalterno, especialmente quando consideramos que a maioria de quem exhibe esse modo de identificação judaica ignora literalmente a filosofia e a literatura judaica e, fora de Israel, a língua hebraica. Um resíduo cultural provém de um parâmetro mais ambíguo [...] e não proporciona uma aliança mutuamente excludente com respeito aos estranhos (como ocorre com a religião e com a comunidade étnica), e pode com maior facilidade ser adquirida, compartilhada ou perdida. Também nesse caso, elementos esporádicos de religião e etnicidade/comunidade podem acompanhar o modo residual cultural de identificação, no qual, sem dúvida, se expressa sobretudo mediante um nexos intelectual individual, qualquer que seja seu grau de intensidade³².

³¹ DELLAPERGOLLA, Sergio & Schemetz, Uziel . **La demografía de los judios de latinoamerica**. Rumbos. Jerusalem, n. 15, pp.17-37, mar. 1996.

³² DELLAPERGOLLA, Sergio. **Assimilación/continuidad judia**. Mexico: Fondo Cultura Economica, 2000. pp. 467-485.

1.2.2. A questão da identidade judaica e a *Beit Sar Shalom*

A fim de compreender como expressam a identidade judaica, os fiéis da *Beit Sar Shalom*, entre outros exercícios, receberam um questionário com perguntas relativas ao seu pertencimento religioso, porém vários membros da comunidade se recusaram a responder às perguntas e se colocaram numa postura defensiva dizendo temer serem reconhecidos pelos que estão fora de suas “fronteiras identitárias” como não judeus. A princípio, apenas cinco questionários foram respondidos e entregues em mãos, outros oito foram respondidos via e-mail, e três por contato telefônico, quando foram reproduzidas oralmente as perguntas dos questionários.

Outra importante fonte de informações quanto à questão da identidade judaica no caso da *Beit Sar Shalom* foi a entrevista concedida por Daniel Woods, líder dessa comunidade. Durante três horas de entrevista, concedidas em três diferentes datas, foi relatada a história da *Beit Sar Shalom* e de sua fundação por Emanuel Woods - pai de Daniel - a descrição dos rituais de iniciação, de passagem, as festas religiosas, e a questão identitária de seus membros.

Nessa entrevista, o religioso fez questão de frisar diversas vezes que é um “judeu de nascimento” e que a aceitação de Jesus Cristo como messias só o faz “mais judeu”, pois trata-se da religião dos primeiros que seguiram Jesus Cristo, os cristãos primitivos, que nasceram judeus e que mesmo aceitando Jesus como o Messias esperado, ainda assim permaneceram judeus.

Daniel Woods também ressaltou que para se tornar judeu messiânico é necessário ser “judeu no coração” e o ideal, segundo sua fala, é passar por um processo de conversão formal. Um crente não judeu deve, portanto, se converter ao

judaísmo antes de se tornar judeu messiânico. A *Beit Sar Shalom* faz a conversão ao messianismo, mas para converter-se ao judaísmo rabínico (definição da *halachá*), segundo Woods, é necessário recorrer ao judaísmo rabínico. Esse importante ritual de iniciação será explicitado no terceiro capítulo desse trabalho.

O universo de freqüentadores da *Beit Sar Shalom* é pequeno, atualmente em torno de trinta membros assíduos, esse número vem decrescendo desde que a pesquisa começou a ser realizada em julho de 2005, quando o número de fiéis era em torno de cinqüenta pessoas.

Nove das dezesseis pessoas que responderam ao questionário se identificaram como judeus, e não como judeus messiânicos, atribuindo assim o mesmo significado às duas religiões.

No livro *Manifesto Judeu Messiânico* de David Stern, uma das preocupações básicas é definir o que é um “judeu messiânico” e tentar comprovar que não existem diferenças entre ser judeu messiânico ou judeu. Assim: “[...] *quem é, então, judeu messiânico? Minha primeira escolha entre definições é: A pessoa que nasceu judia ou se converteu ao judaísmo, que é “verdadeiro crente” em Yeshua e reconhece a sua judaicidade [...]*”³³.

Ou ainda:

[...] é premissa deste livro que não existe conflito algum entre ser messiânico e ser judeu. Crer em *Yeshua* é uma das coisas mais judaicas que um judeu pode fazer. O crente judeu em *Yeshua* não se defronta com a necessidade de renunciar a parte de seu judaísmo a fim de se tornar mais messiânico, ou ter que renunciar a parte de sua fé messiânica para ser mais judeu³⁴.

³³ STERN, David. **Manifesto judeu messiânico**. Rio de Janeiro: Editora Louva-a-Deus, 1989. pp. 18-19.

³⁴ *Ibidem*.

O autor também afirma que acha estranho que judeus que ele denomina de não-messiânicos tentem excluir os judeus messiânicos da comunidade judaica, pois Stern alega que os discípulos de Jesus eram todos judeus, as Escrituras Cristãs foram escritas por judeus e baseadas na Bíblia Hebraica, o conceito de Messias é judaico, além de o próprio Jesus ter sido judeu.

A partir, portanto, da análise do livro *Manifesto judeu Messiânico* adotado pelos membros da *Beit Sar Shalom* e das entrevistas concedidas pelos seus freqüentadores conclui-se que para essas pessoas, ser judeu messiânico é ser judeu, ou seja, o judaísmo e o judaísmo messiânico são a mesma religião, com algumas diferenças, mas pertencentes à mesma categoria religiosa. Daí a auto-identificação como judeu e não como judeu-messiânico, pois segundo os fiéis da sinagoga messiânica estudada neste trabalho trata-se exatamente da mesma religião.

Desta forma, os membros da comunidade *Beit Sar Shalom* se reconhecem como judeus, apesar de ao menos onze deles (dos dezesseis questionários já respondidos) não serem judeus por nascimento e não terem passado por um processo de conversão ao judaísmo³⁵. Os que se declaram judeus de nascimento (quatro dos questionários respondidos) alegam que em nenhum momento deixaram de ser judeus. Uma pessoa afirmou ser filha de casamento misto (mãe católica e pai judeu) e respondeu que sempre se sentiu pertencente à religião judaica. Três dos entrevistados declararam que estão resgatando suas origens judaicas, e, portanto, se sentem judeus e não vêem necessidade de conversão ao judaísmo.

Segundo Barth, a identidade é uma forma de organização e classificação social sendo uma categoria relacional. Assim, a cultura de um grupo em contato

³⁵ Segundo a *Halachá* é judeu aquele cuja mãe é judia, ou que se converteu ao judaísmo.

com outros não desaparece ou se funde simplesmente, como afirmavam os teóricos da aculturação, mas será utilizada para estabelecer contrastes. Nestas circunstâncias não é conservada a cultura como um todo, mas serão ressaltados alguns traços, justamente para mostrar sua singularidade³⁶.

O antropólogo considera o grupo identitário como uma forma de organização social em que enfatiza a interação, apesar disso o grupo não se dilui, pois mantém um complexo organizado de comportamentos e relações que marcam fronteiras identitárias entre os “de dentro” e os “de fora”. Na construção e manutenção dessas fronteiras, traços culturais são usados como marcas diferenciais, mas apenas algumas dessas diferenças são consideradas significativas pelos autores e não a soma total das diferenças.

A cultura, não é o elemento definidor de identidade, mas constitui um arsenal geralmente usado para marcar distinções, visto que etnia implica numa situação de alteridade – afirmação de nós perante o outro. Nessa perspectiva o contato com o outro leva a uma exarcebação de certos traços da tradição cultural que se tornam diacríticos; assim a cultura original, ou parte dela, assume uma nova função: marcar fronteiras. Além do mais, a cultura pode ser manipulada pelo grupo que movido por seus interesses busca espaço próprio ou esboça resistência. Se um indivíduo depende, para a sua segurança, de apoio espontâneo ou voluntário de sua própria comunidade, é preciso que a auto-identificação como membro dessa comunidade seja expressa e confirmada de modo explícito, sendo que qualquer comportamento que seja desviante desse padrão pode ser interpretado como um enfraquecimento da identidade.

³⁶ BARTH, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. São Paulo: Unesp, 1997. pp. 185-228.

A identidade se ativa ou não em determinado contexto: às vezes não convém mostrar a identidade. Compreender a identidade é compreender seu contexto, ou melhor, os contextos responsáveis em cada caso particular. Os atores passam seus dias escolhendo, optando, negociando, avaliando, calculando e maximizando. Eles avaliam os custos e benefícios de cada um de seus atos.

Identidade, para Barth e seus seguidores, portanto é uma questão de auto-definição e de definição por parte dos outros. A auto-inclusão e a inclusão dos outros são elementos fundamentais.

Neste sentido, não há uma identidade primordial, não há uma lista imutável de traços onde se pode dizer quais as características que serão sublimadas e quais não serão. O que é relevante não é o conteúdo cultural, mas o limite negociado pelo grupo em contextos precisos, ao desenvolver sua interação com os demais. Os aspectos que assinalam a fronteira identitária podem mudar, mas subsistirá a dicotomia entre membros e não-membros.

Pertencer ou não a um grupo³⁷ é uma questão fronteiriça, e esses limites não são fixos e existentes *a priori*, eles são construídos e porosos, seus atores passam de um lado a outro da linha que divide a sua etnia das outras, movidos por seus interesses. Se for da vontade e interesse desses indivíduos se verem e serem vistos como pertencentes a determinado grupo, eles assim o farão, sinais diacríticos exarcebados são a prova desse comportamento.

³⁷ POUTIGNAT, Philippe e STREIFF F., Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Unesp, 1997.

1.2. Uma breve história das religiões no Brasil

No Brasil, o catolicismo chegou com os colonizadores que aqui se encontraram com as religiões indígenas; posteriormente, a escravidão trouxe consigo as religiões africanas que foram articuladas num vasto sincretismo³⁸.

A religião católica sempre foi majoritária no Brasil. Os chamados protestantes históricos, que têm como representantes as Igrejas Reformadas de origem norte-americana e europeia que se estabeleceram no país desde o século XIX, estão completamente enraizados na sociedade brasileira e se reproduzem, não pela prática proselitista, mas fundamentalmente pela herança familiar. Suas principais Igrejas são: Luterana, Batista, Presbiteriana, Metodista, Episcopal e Congregacional³⁹. Nesse grupo estão incluídas as igrejas que se estabeleceram no Brasil a partir dos ciclos migratórios do século XIX. Nessa época a tolerância religiosa aumentou devido ao intenso comércio com a Inglaterra em virtude da vinda da família real portuguesa e a Abertura dos Portos a partir de 1808. Entre as denominações que chegaram ao país podemos citar: a Igreja Anglicana, a Confissão Luterana (alemã) e as várias igrejas reformadas (holandesa, armênia, suíça e húngara)⁴⁰.

O segundo grupo formado por evangélicos pentecostais teve sua origem no reavivamento do protestantismo nos Estados Unidos; esse grupo tem o culto centrado no dom das línguas e da cura⁴¹, além da crença da volta eminente de Cristo. É interessante salientar que as Igrejas Pentecostais são comumente

³⁸PASSOS, João Décio (org.). **Movimento do espírito: matrizes, afinidades e territórios pentecostais**. São Paulo: Paulinas, 2005.

³⁹ PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do espírito**. São Paulo: Edusp, 1998.

⁴⁰ PASSOS, João Décio (org.). **Movimento do espírito: matrizes, afinidades e territórios pentecostais**. São Paulo: Paulinas, 2005.

⁴¹ PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do espírito**. São Paulo: Edusp, 1998.

discriminadas por protestantes históricos e pela Igreja Católica⁴². O pentecostalismo brasileiro, no entanto, nunca foi homogêneo e desde a sua criação sempre apresentou diferenças internas⁴³. As duas primeiras Igrejas dessa onda foram a Congregação Cristã e a Assembléia de Deus, fundadas respectivamente em 1910 e 1911⁴⁴.

Na década de 1950, com a chegada dos missionários da Cruzada Nacional de Evangelização, vinculados à Igreja do Evangelho Quadrangular, teve início a fragmentação do pentecostalismo.

O terceiro movimento pentecostal começa na segunda metade dos anos 1970, cresce e se fortalece nas décadas de 1980 e 1990. A Igreja de Nova Vida, fundada em 1960 no Rio de Janeiro pelo missionário canadense Robert McAlister foi a primeira de uma longa série, encabeçada pelas Igrejas Universal do Reino de Deus (RJ, 1977), Internacional da Graça de Deus (RJ, 1980), e Cristo Vive (RJ, 1986), estas três ao lado da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (GO, 1970) e Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (SP, 1994), são as principais igrejas surgidas no período. Tal corrente é denominada neopentecostal⁴⁵.

Essa onda apresenta peculiaridades doutrinárias e práticas religiosas singulares, e por não reivindicarem vínculos históricos explícitos, são chamadas também de pentecostalismo autônomo. Não existem apenas igrejas tradicionais de um lado e pentecostais do outro, apresentando assim um panorama religioso brasileiro bastante complexo⁴⁶.

⁴² MARIANO, Ricardo. **Neo pentecostais – sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

⁴³ Ibidem.

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ PASSOS, Décio. **Movimento do espírito: matrizes, afinidades e territórios pentecostais**. São Paulo: Paulinas, 2005.

Segundo José Bitencourt Filho, no Brasil há também outras religiões. Essas guardam entre si um traço histórico comum: todas nasceram nos EUA ao longo do século XIX, como resultado de revelações místicas de seus líderes: Testemunhas de Jeová, Adventistas do Sétimo Dia, Santos dos Últimos Dias (Mórmons), e a Ciência Cristã⁴⁷ constituem exemplos dessa categoria.

O censo de 2000 promovido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), trouxe entre seus resultados a mudança de perfil das opções religiosas brasileiras. De um país essencialmente católico, o espectro de alternativas religiosas aumentou, assim como o número de seus adeptos. Cresceu também o número de pessoas que se declararam sem religião.

O sociólogo brasileiro Flávio Pierucci, por exemplo, costuma enfatizar dois aspectos dessa mudança: por um lado, a quebra de monopólios religiosos e a proliferação de alternativas, por outro, a diversidade de opções religiosas continua pequena: o Brasil ainda se constitui num país essencialmente cristão e novos experimentos não costumam se afastar muito dessa herança⁴⁸.

Segundo Eduardo Rodrigues da Cruz:

A influência da Igreja Católica continua diminuindo não contando mais com o apoio da esfera pública, esvaindo-se a sacralidade das instituições e das hierarquias, além do desgaste de ritos e crenças e o descomprometimento dos agentes religiosos. Assim, o catolicismo tende a ser um grupo religioso entre os demais⁴⁹.

⁴⁷ Ibidem.

⁴⁸ PIERUCCI A. F. **Secularização e declínio do catolicismo**, em SOUZA, B.M. e Martino, L.M.S (orgs.) **Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2004.

⁴⁹ CRUZ, Eduardo Rodrigues da. **A persistência dos deuses - religião, cultura e natureza**. São Paulo: Unesp, 2004. pp.18-19.

O aumento mais significativo, tanto em termos percentuais como em termos do número de aderentes, é certamente dos evangélicos, em particular dos pentecostais. Uma das razões para isso é que em tempos de crise, as religiões de entusiasmo tornam-se mais atraentes. Registra-se também o aumento significativo das religiões denominadas neocristãs (Testemunha de Jeová e Adventistas do Sétimo Dia). Por outro lado, o número de pessoas aderentes aos cultos afro-brasileiros, em especial a umbanda, têm diminuído⁵⁰.

As religiões afro-brasileiras são formadas primeiramente pelas religiões tradicionais de origem africana. Até os anos 1960, as religiões tradicionais afro-brasileiras estavam circunscritas às populações negras como religiões étnicas, perdendo aos poucos esse caráter para se constituir em religiões universais abertas a todos. Candomblé na Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, Xangô em Pernambuco e estados vizinhos, Batuque na região sul do Brasil, Tambor de Mina no Maranhão e estados da região amazônica são as várias denominações do candomblé. A Umbanda surgiu na região sudeste do país nos anos 1930 resultado do contato entre o espiritismo europeu (os espíritas seguem a religião do francês Alan Kardec, introduzidas no Brasil no final do século XIX) e o candomblé⁵¹.

No panorama religioso brasileiro ainda temos: Judaísmo, budismo, Mórmons, *Seicho-No-Iê*, *Perfect Liberty*, Igreja Messiânica, Santo Daime, além de práticas esotéricas⁵². Como faz questão de afirmar Pierucci:

A maior parte dos brasileiros que hoje abandona o catolicismo adere a um outro ramo do cristianismo. O evangelismo pentecostal, portanto, ao se implantar e expandir, nada mais faz do que

⁵⁰ Ibidem.

⁵¹ PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do espírito**. São Paulo: Edusp, 1998.

⁵² Ibidem.

recristianizar os católicos desistentes ou desapontados com sua antiga igreja⁵³.

Segundo pesquisa Datafolha de 2007, o catolicismo continua a perder adeptos especialmente para os protestantes pentecostais: 64% dos entrevistados se declararam católicos contra 70% em 2002, 72% em 1998 e 74% em 1996; 3% de espíritas, 5% outras religiões, 5% evangélicos não pentecostais, 17% evangélicos pentecostais, 6% sem religião⁵⁴.

1.3.1. Os judeus no Brasil moderno

Segundo a *Encyclopédia Judaica Jerusalem*⁵⁵, a moderna comunidade judaica no Brasil, constituída basicamente de judeus do leste europeu, teve seu início formal em 1903 quando as primeiras tentativas para estabelecer comunidades agrícolas foram feitas na região sul do país. Por ocasião da Primeira Guerra Mundial, o Brasil tinha uma população judaica de 5000 a 7000 pessoas, após a Guerra houve um aumento significativo da imigração judaica. Entre as décadas de 1920 e 1930 chegaram ao país cerca de 28.000 indivíduos vindos principalmente da Europa Oriental (de acordo com dados fornecidos pelas entidades judaicas de assistência aos imigrantes da época).

O ano de 1930 foi um ponto de mudança na política de imigração brasileira que se tornou mais restritiva e teve um efeito negativo sobre a imigração judaica. Em 1937, a tendência para selecionar imigrantes na base de sua origem étnica foi

⁵³ PIERUCCI, Antonio Flávio em GAARDER, Jostein. **O livro das religiões**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999. p.283.

⁵⁴ Folha de São Paulo, 6 de maio de 2007.

⁵⁵ *Encyclopédia Judaica Jerusalem*. Vol. 4. pp. 1322-1333.

levada ao extremo quando uma circular secreta foi criada e postada nos diversos consulados brasileiros no exterior:

Getúlio Vargas aprovou a Circular Secreta n.1.127 que passaria a regulamentar a concessão de vistos nos passaportes dos judeus interessados em imigrar para o Brasil. Esta prática de bastidores se fazia necessária dada a impossibilidade de se promulgar uma legislação anti-semita que, certamente, atrelaria a imagem do Brasil aos regimes nazi-fascistas. Ao mesmo tempo, em decorrência do sistema de quotas adotado desde 1934, nem todos os vistos poderiam ser indeferidos, obrigando o Itamaraty a sustentar uma “política de aparências” artifício garantido pela postura americanófila de Oswaldo Aranha⁵⁶.

O conteúdo dessa Circular impunha rígidas regras no controle da entrada de judeus no Brasil. As Constituições de 1934 e 1937 e um decreto de 1938 introduziram um sistema de quotas de imigração, tais quotas não poderiam exceder 2% a mais do total de imigrantes de qualquer país no período de 1884-1934 e dos quais 80% teriam que ser trabalhadores rurais.

Apesar disso, a imigração judaica, especialmente da Europa nazista, continuou por vários meios. De tempos em tempos, disposições especiais eram tomadas para permitir a imigração de pessoas com certas habilidades especiais ou para parentes de cidadãos brasileiros. A lei também permitia que as autoridades brasileiras transformassem vistos de turistas em vistos permanentes. Desta forma, cerca de 17500 pessoas entraram no Brasil entre 1933 e 1939. Em 1940, o governo brasileiro, a pedido do Vaticano, permitiu a entrada de aproximadamente 3000 refugiados dos nazistas que haviam se convertido ao catolicismo⁵⁷.

⁵⁶ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O anti-semitismo na era Vargas**. São Paulo: Perspectiva, 2001 p.115.

⁵⁷ Ibidem

No período de 1956/1957, 2.500 judeus do Egito e cerca de 1.000 do Norte da África, principalmente do Marrocos, foram admitidos e de tempos em tempos pequenos grupos também foram recebidos. De acordo com o censo oficial, a população judaica em 1940 era de 55.668 habitantes e em 1950 de 69.957. Os números reais, no entanto, deviam ser muito maiores. Em 1969, a população judaica era estimada em 130.000 a 140.000 distribuídos nas grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro⁵⁸.

Diferentemente de muitos países do mundo, o censo brasileiro traz uma pergunta sobre a filiação religiosa. No caso específico dos judeus as dificuldades se multiplicam além do componente religioso, pois os indivíduos podem se identificar tanto religiosamente como etnicamente, culturalmente e historicamente. Aquele indivíduo que, por exemplo, não se identifique com a religião judaica, mas que encontra outras formas de identificação com o judaísmo, não será contabilizado como judeu através do censo.⁵⁹

As primeiras estatísticas confiáveis da presença judaica no Brasil provem do censo de 1940, cujos resultados só foram conhecidos em 1943. Anteriormente a essa data foram divulgados números e estimativas exageradas, segundo René Daniel Decol: “[...]400 mil judeus viviam no Brasil; 150 mil entraram nos últimos seis meses – *O Meio Dia – jornal Carioca* [...]”⁶⁰.

Quando os dados censitários foram publicados, soube-se que a comunidade judaica tinha algo em redor de 50 mil pessoas.

Durante o período em que a “questão judaica” era debatida publicamente, começaram os trabalhos de preparação do censo de 1940, os judeus foram

⁵⁸ Ibidem.

⁵⁹ DECOL, René Daniel. **Explorando os dados censitários**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº. 16. p.31.

⁶⁰ DECOL, René Daniel, apud- Lesser, 1955.p.231.

enumerados em uma categoria independente da pergunta sobre religião. A persistência do grupo como categoria nos censos de 1950 em diante pode ser explicada, talvez, pelo interesse sociológico em uma minoria com características sócio-demográficas específicas.

Nos 100 anos entre as décadas de 1870 e 1970, mais de cinco milhões de imigrantes chegaram ao Brasil⁶¹. Comparada com os demais fluxos, a imigração judaica é relativamente recente no Brasil. A partir dos anos 1960, tanto a imigração geral como a judaica entraram em declínio, a partir desse momento, essa última só pode contar com seu crescimento vegetativo.

1.3.2. O judaísmo messiânico no Brasil: a história da *Beit Sar Shalom*

Os judeus messiânicos, ao se identificarem como judeus entram nos números do censo, todavia não existe nenhum estudo ou pesquisa oficial que indique a quantidade de pessoas pertencentes a esse movimento religioso no país.

Existem diversas sinagogas messiânicas pequenas espalhadas pela cidade de São Paulo, nos bairros do Bom Retiro (*Beit Mashiach*), Brooklin (*Cabalat Shabat*) e na cidade de Ribeirão Preto (*Shaarei Tikvah*), além de outras cidades brasileiras como: Belo Horizonte, na Congregação Ministério Ensinado Sião e Ministério Profético *Shemá Israel*, em Curitiba a Congregação *Maoz Israel*; no Rio de Janeiro, Ministério Pedras-Vivas e Congregação Judaico-Messiânica *Beit Tefilá Yesuha*; e em Vitória (ES) a Congregação *Netivyah*.

⁶¹ Ibidem.

Segundo David Stern⁶², autor do *Manifesto Judeu Messiânico*, o moderno judaísmo messiânico teve sua primeira referência em John Toland na obra “*Nazarenus*”. Toland, no entanto, não cita fontes, nem documenta o surgimento dos primeiros movimentos judaicos messiânicos.

No início do Século XIX nasceu o movimento cristão-hebreu na Inglaterra e em 1886 foi fundada em *Kishinev*, na Moldávia, a primeira Congregação judaico-messiânica moderna por Joseph Rabinovich. Em 1976, a *Hebrew-Christian Alliance of América* mudou seu nome para *Messianic Jewish American Alliance (MJAA)*. No ano de 1979 foi fundada nos Estados Unidos no estado do Novo México, a *Union of Messianic Jewish Congregation (UMJC)*. Destes movimentos, o mais conhecido é o *Jews for Jesus*, movimento nascido em 1970, em São Francisco, na Califórnia nos Estados Unidos⁶³.

A escolha da *Beit Sar Shalom* como objeto de pesquisa partiu do princípio de que provavelmente foi essa a primeira sinagoga messiânica fundada em São Paulo, na década de 1950, por Emanuel Woods (pai de Daniel Woods), norte-americano, que partindo do seu país de origem se dirigiu ao Brasil com o propósito estabelecido de aqui fundar uma sinagoga messiânica. As outras congregações messiânicas são posteriores (mas não há referências confiáveis sobre as datas de suas fundações).

Segundo relato de Daniel Woods em entrevista concedida em julho de 2005, a sua família é originária, pelo lado paterno, de judeus vindos da Rússia e da Hungria e do lado materno, de judeus “*muito antigos nos Estados Unidos, que participaram inclusive da Guerra de Independência*” e teriam suas raízes na França e Alemanha.

⁶² STERN, David. **Manifesto judeu messiânico**. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1989.

⁶³ *Ibidem*.

Os avós de Daniel Woods se conheceram nos Estados Unidos, casaram-se e tiveram doze filhos. A família Woods conheceu o judaísmo messiânico por intermédio de dois irmãos de sobrenome Cohen, rabinos que organizavam grupos de estudos numa loja pequena do bairro do *Brooklin* na cidade de Nova York. Duas irmãs de Emanuel Woods (pai de Daniel Woods) foram a essa loja e se converteram ao judaísmo messiânico, passaram a crer que Jesus era o messias e anunciaram sua nova crença à família que as perseguiu, inclusive o pai de Daniel.

Ainda segundo o relato de Woods, seu pai começou a estudar o judaísmo e se interessar por respostas que, segundo ele, o “*judaísmo tradicional não conseguia resolver*”. Convenceu-se, então, que Jesus era o verdadeiro messias. Posteriormente Emanuel Woods teria ido a uma *yeshivá*⁶⁴ onde conheceu sua futura esposa. Nesse ponto o relato se torna confuso e os dados do relato do entrevistado não condizem com a realidade e as regras existentes nas *yeshivot*, pois nesse tipo de escola não são aceitas moças e Daniel afirma que os pais estudaram juntos numa *yeshivá* tradicional em Chicago, mas não citou o nome dessa entidade.

A família Woods chegou ao Brasil em 1951, segundo Daniel, atendendo a uma “espécie de chamado de Deus”. Nessa época, Emanuel e sua esposa já tinham quatro filhos, o quinto, Daniel, foi o único que nasceu no Brasil. Na época Emanuel Woods pregava nas ruas do bairro paulistano Bom Retiro e era constantemente rechaçado e ridicularizado

Segundo Daniel Woods, a *Beit Sar Shalom* é uma congregação que sempre foi independente, uma iniciativa particular de seu pai e não está ligada a nenhuma outra

⁶⁴ *yeshivá*- hebraico- colégio talmúdico para estudantes homens solteiros, desde a puberdade até vinte e poucos anos de idade

entidade nacional ou internacional e teria sido o próprio Emanuel Woods que desenvolveu todo o ritual praticado na sinagoga.

A *Beit Sar Shalom* é uma comunidade pequena, que conta com aproximadamente cinquenta membros/associados fixos, mas com alguns freqüentadores eventuais advindos de outras denominações religiosas, a exemplo de judeus, pentecostais e neo-pentecostais, que vêm à sinagoga messiânica tanto por curiosidade, como por laços de amizade com seus integrantes.

Dos questionários respondidos temos uma pequena amostra das religiões de origem dos membros da *Beit Sar Shalom*: um membro se declarou católico por nascimento; um filho de mãe católica e pai judeu, quatro judeus por nascimento, dois da Igreja Batista Esperança, dois da Igreja Adventista do Sétimo Dia, dois da Igreja Renascer em Cristo, três da Igreja Universal do Reino de Deus e três se declararam Protestantes.

1.4. Judaísmo messiânico e o sincretismo religioso

1.4.1. O sincretismo religioso

A palavra sincretismo costuma ser malvista e rejeitada, segundo Ferreti, “*Sincretismo é palavra maldita que provoca mal estar em muitos ambientes e em muitos autores*”. Diversos pesquisadores evitam mencioná-la, considerando seu sentido como sinônimo de mistura confusa de elementos diferentes, ou imposição de evolucionismo e colonialismo⁶⁵.

No *Dicionário de Sociologia*⁶⁶, o sincretismo é definido como nome genérico utilizado por vários autores no campo da antropologia no Brasil, para designar o fenômeno religioso resultante do encontro de religiões. O Brasil é um país em que o sincretismo religioso tem sido abordado frequentemente, mas essa assiduidade nem sempre procurou compreender de forma mais ampla o significado e implicações dessa categoria.

Primeiramente o termo sincretismo foi elaborado com o propósito de dar conta das religiões africanas no Brasil e vários autores, tanto do passado como do presente, têm se preocupado com esse tema. Um dos autores mais conhecidos que abordaram esse assunto foi Nina Rodrigues⁶⁷, médico fundador do campo de Estudos Afro-brasileiros, que discorre sobre o sincretismo usando expressões como justaposição, equivalência de divindades e ilusão de catequese.

⁶⁵ FERRETI, S. **Repensando o sincretismo**. São Paulo: Edusp, 1995. p. 13

⁶⁶ BARRETO, M.A. P. **Dicionário de sociologia**. Rio de Janeiro: Globo, 1977.

⁶⁷ RODRIGUES, Nina. **O animismo fetichista dos negros baianos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

Nina Rodrigues defendia a idéia de que o negro por ser “inferior ao branco” não teria a capacidade de abstração necessária às religiões monoteístas e por compreenderem de forma errônea o cristianismo teriam a necessidade de criar equivalências entre os orixás africanos e os santos católicos. Para o autor, o sincretismo é um dilema, e sendo assim não há solução possível para compreender essa questão. Esse dilema aparece quando há a interpretação do negro na sociedade republicana, o problema fundamental nessa época é o da assimilação, que segundo o médico não seria possível, já que considera os negros, inassimiláveis.

Ainda dentro dessa visão evolucionista, outro estudioso das religiões afro-brasileiras, Arthur Ramos⁶⁸, usava o termo sincretismo, mas diferentemente de Nina Rodrigues; considerava o sincretismo como resultado harmonioso de contatos culturais sem que houvesse nenhum tipo de conflito.

Outro teórico que se ocupou com a questão do sincretismo foi Roger Bastide⁶⁹ que se preocupou em compreender a lógica desse fenômeno. Para o autor, o sincretismo religioso se faz por justaposição, ou seja, o sincretismo não está no simbólico, mas na aproximação dos agentes e dos empréstimos mentais; assim, as conexões se fazem a partir das experiências pessoais dos atores religiosos.

Podemos também citar Reginaldo Prandi⁷⁰ que divide a história das religiões afro-brasileiras em três fases: o período inicial de sincretização; o de branqueamento, com a formação da umbanda; e o de africanização, a partir de 1960. Para o autor, o candomblé surge como forma de preservação do patrimônio

⁶⁸ RAMOS, Arthur. **A culturação negra no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1942.

⁶⁹ BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1971.

⁷⁰ PRANDI, Reginaldo. **Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização**. Rio de Janeiro: Pallas 1999.

cultural negro⁷¹. O movimento de retomada da África pelo candomblé procurava desfazer o sincretismo com o catolicismo

Muitos outros autores aqui não citados também se preocuparam em compreender o sincretismo religioso, principalmente aquele no qual se imbricam a religião católica e as religiões africanas. Nesse trabalho essa abordagem terá como foco de indagação um universo bem diferente: o do Judaísmo messiânico, que aparentemente, une aquilo que é irreconciliável. Os judeus messiânicos se identificam como judeus, porém aceitam Jesus Cristo como messias; já para os judeus tradicionais, o salvador prometido por Deus ainda não veio, portanto dentro do aspecto doutrinário notamos diferenças abissais entre essas duas manifestações religiosas, que apesar disso são superadas pelos judeus messiânicos.

Os integrantes da sinagoga *Beit Sar Shalom* identificam-se como judeus e crêem que Jesus não veio estabelecer uma nova religião, mas de fato cumprir uma antiga. Utilizam versículos dos evangelhos para justificar e legitimar sua crença, a exemplo de (Mateus: 5:17) “*Não pensem que eu vim abolir a Lei e os Profetas, Não vim abolir, mas dar-lhes pleno cumprimento.*”, ou em (Paulo: Gal. 4:4) que afirma ter Jesus nascido como judeu” *nasceu submetido à Lei*” e que ele “*se fez ministro dos circuncisos para honrar a fidelidade de Deus, no cumprimento das promessas feitas aos pais*” (Rom: 15:8). Os judeus messiânicos defendem a idéia de que as Escrituras Cristãs são uma continuação lógica do *Tanach*⁷², não há uma ruptura entre os dois livros. Paralelamente, acreditam que as Escrituras Cristãs e as Escrituras Hebraicas devem ser lidas uma à luz da outra⁷³. Assim, o profeta Isaías,

⁷¹ Ibidem.

⁷² *Tanach*:- hebraico - Bíblia hebraica

⁷³ KERMODE, Frank. **Guia literário da bíblia – midraxa e alegoria: os inícios da interpretação escritural**. São Paulo: Unesp, 1997.

por exemplo, só pode ser compreendido de forma completa sob a ótica dos Evangelhos.

É muito difícil determinar o momento exato em que certo grupo se transforma numa comunidade distinta ou mesmo numa nova religião. Porém, segundo alguns teóricos como David Flusser, a idéia de continuidade defendida pelos judeus messiânicos é incorreta “[...] devido à ênfase judaica no monoteísmo, é difícil perceber como o judaísmo poderia aceitar a crença na completa divindade de Cristo.⁷⁴

Essa diferença entre o judaísmo e o cristianismo patrístico está refletida nos textos rabínicos nos quais, com o cristianismo na mira, a idéia de que Deus teve um filho que era divino foi rejeitada.

O autor ainda complementa:

Se porventura existiu um grupo puramente judeu cuja crença era idêntica à da cristologia desenvolvida pela Igreja, tal crença não pode ser descrita como uma forma específica de judaísmo; esse grupo seria uma seita, que provavelmente não poderia prevalecer sobre a maioria dos judeus, e é duvidoso se tal seita poderia ter durado muito tempo⁷⁵.

Com vistas a tentar compreender esse fenômeno, parece que as teorias defendidas por Nicola Gasbarro⁷⁶, antropólogo italiano e Cristina Pompa⁷⁷ antropóloga da Universidade de Campinas (Unicamp) têm a capacidade de entender o fenômeno do sincretismo religioso de uma maneira mais complexa. Gasbarro trata

⁷⁴ FLUSSER, David. **O judaísmo e as origens do cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1988. Vol. III p.168.

⁷⁵ Ibidem.

⁷⁶ GASBARRO, Nicola. **A civilização cristã em ação**. [s.n.t]

⁷⁷ POMPA, Cristina. **A religião como tradução**. Bauru: Edusc, 2003.

dessa problemática analisando o que acontece quando diferentes construções culturais entram em contato, a questão é: a quem pertence à prioridade epistemológica? e como fazer essa análise sem recorrer à categoria do sincretismo? Para o autor a resposta está na colocação do cristianismo como uma religião que tem o potencial universalizador. Os processos de seleção e comparação são analisados mediante os códigos de comunicação acionados pelos próprios agentes.

Por sua vez, Leonardo Boff⁷⁸ em sua obra afirma que todas as religiões são sincréticas e que esse fato representa a normalidade e não a exceção.

Cristina Pompa constrói a problemática do sincretismo como:

A construção do sentido do outro, ou seja, sobre os códigos colocados em jogo, de um e de outro lado, do encontro colonial, para entender a alteridade humana que penetrava de maneira tão inusitada no mundo e no fluir da história, criando tantos novos universos simbólicos com fragmentos dos tradicionais⁷⁹.

Para a autora, a linguagem é negociada. No encontro entre duas religiões o que ocorre é a “leitura do outro” para poder traduzi-lo de forma que seja compreensível para quem o faz. Elementos que vêm do outro só são absorvidos quando fizerem sentido, portanto há uma escolha deliberada do que interessa ou não, e não apenas uma mistura aleatória em que não há a participação ativa e consciente dos agentes.

Se a linguagem simbólica é negociada, o sincretismo é a “lei do outro” e traduzi-lo de maneira que possa ser compreendido será o processo de uma

⁷⁸ BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder**. Petrópolis: Vozes, 1982.

⁷⁹ POMPA, Cristina. **A religião como tradução**. Bauru: Edusc, 2003.p.24

linguagem de mediação. Não se trata de uma simples tradução cultural, existe uma escolha. Encontramos explicitada essa escolha na fala de David Stern no seu livro *Manifesto Judeu Messiânico*:

Uma sinagoga messiânica não deveria ser apenas uma cerimônia religiosa, com algumas palavras, roupagens e símbolos judeus intercalados. Se for usado material judaico, isto deve ser feito de modo correto; ou se modificarmos a maneira habitual de usar tais itens deveríamos fazê-lo intencionalmente, e não por ignorância⁸⁰.

O ritual do *shabat*⁸¹ que se realiza na sinagoga messiânica *Beit Sar Shalom*, é em grande parte igual ao serviço judaico tradicional, porém diferentemente desse último, a *Torá* é lida e estudada (às sextas-feiras nas sinagogas tradicionais não se lê a *Torá*, apenas se ora e se louva Deus, não é um dia dedicado ao estudo), é possível observar ainda, uma nítida escolha entre o que eles utilizam do ritual judaico e aquilo que interessa ao ritual judaico-messiânico, a descrição desses rituais será feita no capítulo III.

A análise do judaísmo messiânico, entretanto, não pode ser feita apenas a partir da categoria sincretismo, devemos também recorrer à categoria de identidade, apoiando-nos nas teorias de Fredrik Barth⁸², que vê a relação entre identidade e cultura, deslocando o enfoque identitário dos conteúdos culturais para a análise das relações entre os grupos. Portanto, como já foi visto anteriormente, para o autor, a cultura não é o elemento definidor de identidade, mas uma gama de estratégias para marcar as diferenças existentes, a afirmação de nós perante o outro, a identidade não pode ser definida apenas pela cultura, já que essa pode ser manipulada pelo grupo.

⁸⁰ STERN, David. **Manifesto judeu messiânico**. Rio de Janeiro: Editora Louva-a-Deus, 1989. p.149.

⁸¹ *Shabat* – hebraico – dia do descanso.

⁸² BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador**. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2000.

A identidade irá ou não ser ativada dependendo do contexto, portanto a etnicidade é uma questão de auto-definição e de definição por parte dos outros, onde as fronteiras entre o ser e o não ser são porosas e elásticas. No caso do judaísmo messiânico, à variável religiosa é necessário acrescentar análise identitária e como o grupo constrói suas fronteiras culturais/religiosas vis-à-vis outros grupos religiosos.

1.4.2. O judaísmo messiânico e o sincretismo religioso

Como já foi visto a *Beit Sar Shalom* (Casa do Príncipe da Paz), localizada na cidade de São Paulo, foi fundada há cinqüenta anos por Emanuel Woods, norte-americano, rabino de formação tradicional, que segundo narrativa de seu filho Daniel Woods, em determinado momento de sua trajetória como sacerdote teve uma “revelação”, que lhe mostrou que o Messias esperado pelos judeus já havia estado entre os homens e que retornará; esse Messias é Jesus Cristo.

Emanuel Woods afirmava que sua revelação poderia ser facilmente comprovada pelos escritos bíblicos, em diversas passagens, mas principalmente nos livros proféticos, como os de Isaías – 7:14 “*Por isso o Senhor mesmo lhes dará um sinal: a virgem ficará grávida e dará à luz a um filho, e o chamará Emanuel*” ou a passagem de Daniel – 9:26” *E depois das sessenta e duas semanas será cortado o Messias, mas não para si mesmo: e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário...*” ou ainda Miquéias-5:2” *E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre os milhares de Judá, de ti me sairá o que governará em Israel, e cujas saídas são desde os dias da eternidade*”. Esses são apenas alguns exemplos de passagens nos livros dos Profetas que falam da iminente vinda do Messias, que

foram interpretadas pelo rabino Emanuel Woods como uma confirmação de que o Messias descrito nas Escrituras hebraicas é Jesus Cristo e que um dia voltará.

A partir dessa profunda ruptura com o judaísmo tradicional, o rabino abandonou sua comunidade nos Estados Unidos e emigrou para o Brasil acompanhado de sua mulher e filhos, estabelecendo-se em São Paulo, Emanuel Woods fundou a primeira sinagoga messiânica do Brasil. Após sua morte, Daniel Woods, assumiu o lugar do pai na congregação.

Dentro da *Beit Sar Shalom* se mantém grande parte do ritual judaico tradicional, homens e mulheres sentam-se separados, os homens usam *kipá*⁸³ e há símbolos que remetem ao judaísmo por toda parte: Estrela de David, *Menorá*⁸⁴ e a *Torá* na tradicional forma de rolo⁸⁵, além disso, grande parte do ritual é celebrado na língua hebraica. Entretanto e curiosamente, ao lado da *Torá* vêm-se em lugar de destaque as Escrituras Cristãs, também em formato de rolo e escritas em hebraico.

A liturgia é feita a partir da *Parashá*⁸⁶ do dia, seguida pelas sinagogas tradicionais, porém a *haftará*⁸⁷ aqui não segue essa tradição e é usado como texto confirmatório, algum trecho do Evangelho Cristão. Como por exemplo: a *parashá* da semana é *Vayigash* (Ele aproximou-se) *Bereshit* (Gênesis) 44:18 - 47:27 a *haftará* *Yechezck'el* (Ezequiel) 37:15 e a *Haftará* do *Brit Hadshá* (Novo Testamento) é Atos 7:9-16, ou *Parashá Vaykra* (Ele chama) *Haftará* (Levítico 1:1 e Isaías 43:21 – 44:23) e *Haftará* do *Brit Hadshá* (Hebreus 10:1-18). Essa escolha é fundamental, pois a

⁸³ *Kipá*- hebraico- solidéu.

⁸⁴ *Menorá* - hebraico-Candelabro de sete braços.

⁸⁵ *Torá* – Hebraico- Pentateuco.

⁸⁶ *Parashá* - hebraico- seção - diz-se das passagens da bíblia que tratam de um tema específico.

⁸⁷ *Haftará* - hebraico - conclusão – leitura do livro dos profetas, que segue á do *sefer Torá*, no *shabat*, festas e dias de jejum. A *Haftará* hoje em dia é fixada pelo costume comunitário, e reflete em geral um dos temas abordados na leitura da *Torá*, ou é associada a algum caráter especial daquele dia.

partir dela é que se dará a confirmação de que o Messias esperado trata-se do mesmo salvador cristão. É a legitimação do rito daquele dia e da religião messiânica.

As festas são as mesmas que as festas judaicas tradicionais; a Páscoa, por exemplo, não é a Páscoa cristã (morte e ressurreição de Jesus), mas a Páscoa judaica (saída dos hebreus do cativeiro no Egito); essa questão será analisada no capítulo III.

As diferenças entre judaísmo tradicional e judaísmo messiânico são visíveis: como já foi visto nas sinagogas judaicas tradicionais, a *Torá* nunca é lida às sextas-feiras, dia dedicado às orações e não ao estudo. Na *Beit Sar Shalom* essa tradição não é seguida, as escrituras hebraicas são lidas e estudadas principalmente às sextas-feiras, essa escolha é feita em função da maior frequência às sextas-feiras do que em outros dias da semana. A *Beit Sar Shalom* oferece bíblias a seus visitantes, volumes da tradução de João Ferreira de Almeida, usada comumente pelos evangélicos brasileiros, onde a ordem dos livros é diferente tanto das Escrituras Hebraicas como da bíblia católica, aos fiéis também é oferecido o *sidur*⁸⁸. Nesse livro algumas orações tradicionais foram substituídas por orações messiânicas.

Após o serviço religioso do *shabat* é feito o *Kidush*⁸⁹, e com o acréscimo de que o vinho é consagrado em nome do Messias (*Yeshua* – Jesus). No entanto, não se trata da eucaristia cristã, não há transubstanciação do vinho em sangue e do pão em carne, como nas cerimônias cristãs, apenas se consagra o pão e o vinho em nome do messias. Os participantes então cantam e dançam canções hebraicas (algumas com letras alteradas, usando-se, por exemplo, o nome de Jesus no lugar

⁸⁸*Sidur*- hebraico - livro de orações.

⁸⁹*Kidush* - santificação – cerimônia de recitar orações e bênçãos sobre uma taça de vinho no começo do *shabat* e das festas, e de novo ao fim do serviço matutino, antes do almoço.

do nome do Rei David) e no final da cerimônia todos participam de um lanche onde há uma confraternização entre os convivas. Neste capítulo foi desenvolvida apenas uma breve descrição de um dos rituais realizados na *Beit Sar Shalom* que será melhor esmiuçado no capítulo III.

Para Nicolas Gasbarro⁹⁰ o rito tem papel fundamental para compreender a religião, o rito é a prática e na prática tudo se torna possível, não há necessidade de coerência, não é preciso entender o rito, segundo leis que sigam a lógica do observador. O ritual é uma escolha de determinadas estratégias que serão usadas para resolver os problemas, se existe essa possibilidade de escolha ela não é feita de maneira aleatória, se é feita uma opção é porque ela faz sentido.

Isto posto, é possível afirmar que o sincretismo religioso, ainda que em graus diferentes, é algo inerente às religiões; não existe uma religião pura, todas essas manifestações sempre estão em contato e sob influência de agentes externos. No entanto, é muito simplista considerarmos o fenômeno do sincretismo, como consideravam os teóricos evolucionistas, como uma simples justaposição aleatória de elementos ora de uma, ora de outra religião. Em primeiro lugar, esses elementos não são aleatórios, são cuidadosamente escolhidos, e em segundo lugar, não podemos considerar que há uma equivalência entre ritos: o sincretismo é um processo de comparação que se dá a partir de códigos de comunicação acionados pelos agentes religiosos.

É interessante observar que, dos membros da *Beit Sar Shalom* que responderam ao questionário passado para fins dessa pesquisa, apenas duas pessoas responderam que a única sinagoga que freqüentam é a *Beit Sar Shalom*. Uma pessoa respondeu que freqüenta uma sinagoga no bairro de Higienópolis, mas

⁹⁰ GASBARRO, Nicola. *A civilização cristã*. [s.n.t]

não explicitou qual; outra pessoa disse que freqüenta a CIP (Congregação Israelita Paulista) e outras Igrejas cristãs; outra pessoa disse que freqüenta também a Igreja Batista Esperança; duas pessoas disseram freqüentar a Igreja Renascer em Cristo; três pessoas a Igreja Universal do Reino de Deus; outras três pessoas disseram que freqüentam Igreja protestante, sem mencionar quais; e outras três pessoas não responderam essa questão. Dessas dezesseis pessoas entrevistadas, treze disseram que vão a *Beit Sar Shalom* há mais de dois anos e todos os entrevistados afirmaram que comparecem aos serviços religiosos semanalmente.

Esses dados esclarecem um fator importante: muitos dos fiéis da *Beit Sar Shalom*, apesar de assíduos na sua freqüência (semanal) e membros por mais de dois anos dessa comunidade, mostrando uma fidelidade a essa sinagoga, freqüentam também outras religiões, sem que se sintam constrangidos em declarar esse fato nos questionários respondidos. Como vimos, apenas três pessoas não responderam a essa pergunta. Fica claro, portanto, que muitas das pessoas, membros da *Beit Sar Shalom*, seguem outras religiões e não apenas o judaísmo messiânico.

Podemos concluir dos dados obtidos através dos questionários respondidos e a observância dos rituais da sinagoga messiânica *Beit Sar Shalom* que trata-se de uma religião sincrética em que elementos do judaísmo e do cristianismo são lidos à luz dos próprios interesses dos atores religiosos. Há escolhas muito bem definidas, nos ritos, ou nas comunidades visitadas e freqüentadas por seus membros (que variam conforme seus interesses). Ao analisarmos os rituais que são realizados na *Beit Sar Shalom*, notamos que eles são dirigidos de maneira a tornar legítimas as suas manifestações religiosas, nenhum movimento é ingênuo ou despropositado,

toda ação é pensada e refletida no sentido de conferir a essa religião uma aura de legitimidade.

Assim podemos pensar que há um duplo sincretismo entre os membros da *Beit Sar Shalom*: O próprio judaísmo messiânico e a freqüência a outras religiões.

Capítulo II – O messianismo no judaísmo

Em hebraico, *mashiach* significa ungido. O rei ungido da casa de David que será enviado por Deus para dar início à redenção final no fim dos dias. Segundo Scardelai a doutrina acerca da vinda de um libertador já era conhecida entre os judeus do 1º século da era comum.⁹¹

Dentro da tradição judaica, a espera do messias se refere à espera de um salvador, este assume diversas formas, por vezes humana, por outras, os contornos deste messias assumem características divinas. De qualquer modo este salvador é esperado para se tornar o mediador de um tempo futuro mais feliz⁹².

O termo messias na Bíblia hebraica não se refere a esse salvador do futuro, mas a uma personagem histórica presente, uma figura de caráter terreno como um rei, um profeta ou um sacerdote.

A idéia escatológica do messias humano não existe nas Escrituras Hebraicas, esta idéia só surgirá no tempo do Segundo Templo posterior ao período do Antigo Testamento. Durante a época anterior a este período, apenas existia a concepção de um messias não-humano. Só posteriormente o termo passa a ser aplicado a seres humanos para designar a salvação escatológica⁹³.

No judaísmo tardio, a figura de messias está associada à salvação. A espera messiânica é típica da ideologia monárquica, que se funde com a fé judaica na intervenção de Deus na história. Messias era o título relacionado às expectativas judaicas de renovação religiosa e libertação política. Ele foi aplicado a vários tipos de figuras: ao rei de características guerreiras como David que libertaria o povo da

⁹¹ SARDELAI, Donizete. **Movimentos messiânicos no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1998.

⁹² SCHIAVO, Luigi. **Anjos e messias**. São Paulo: Paulinas, 2006.

⁹³ *Encyclopaedia Judaica Jerusalém*. Vol.11 p.1408.

escravidão política; ao sumo sacerdote, purificador do Templo e da religião; ao profeta escatológico⁹⁴.

A dominação romana levou ao surgimento de muitos líderes messiânicos. Segundo a *Encyclopaedia Judaica Jerusalem*⁹⁵ havia no primeiro século da era comum muitos líderes de natureza messiânica, mas é difícil ter uma idéia exata sobre suas idéias e lideranças, pois os relatos sobre suas atividades estão sujeitos a distorções, já que foram feitos ou por seus admiradores ou por seus detratores⁹⁶.

O período que se estende de 1 a 135 d.C. foi uma era repleta de perturbações sociais na Judéia e imediações, a exemplo do surgimento das figuras de Jesus que foi aceito fora do judaísmo, e Bar Kohkba que, por um determinado período, foi aceito como libertador pelos judeus.

A doutrina do messias teve sua origem dentro do judaísmo do período do Segundo Templo. Foi somente no fim desta época que uma figura escatológica passou a ser desenvolvida num corpo doutrinário, oriunda da interpretação bíblica. A esse Salvador caberia conduzir Israel à redenção.

Os movimentos messiânicos judaicos devem ser vistos a partir do panorama sócio-político de Israel do final do período do Segundo Templo, constituído pela interação de forças sociais, religiosas e políticas. O marco inicial da esperança messiânica de Israel se inicia no período posterior à morte de Herodes O Grande e se estende até a Grande Guerra Judaica de 66-70 d.C.

A revolta messiânica judaica contra o Império romano não cessou com a derrota de 70 d.C. podemos citar, por exemplo, a revolta contra o imperador Trajano

⁹⁴ SCHIAVO, Luigi. **Anjos e messias**. São Paulo: Paulinas, 2006.

⁹⁵ *Encyclopaedia judaica Jerusalem*. Vol. 11 pp. 408-411.

⁹⁶ *Encyclopaedia judaica Jerusalem*. Vol. 11 pp. 408-411.

que ocorreu em 155-117 d.C. e que contou com líderes messiânicos como Simão Bar Kohba⁹⁷.

O nacionalismo acentuado de uma nação atingida pela guerra fez surgir figuras em torno da idéia do messianismo. Os maiores expoentes desse nacionalismo foram Judas Galileu, Menachem, João de Giscala, além de Simão Bar Kohkba. Todos eles trazem o perfil de agentes da ação libertadora judaica. Existem estreitos laços entre as expectativas messiânicas judaicas e a perspectiva de redenção anunciada por Jesus de Nazaré.

No século I da era comum, a vinda do messias estava associada a um desejo de reformas tanto no âmbito nacional quanto no âmbito religioso. Assim, a expectativa de salvação cristã não correspondia ao anseio judaico, pois era longínqua e utópica e a necessidade de salvação era urgente e terrena: a libertação da nação israelita. A espera neste período foi marcada pelo anseio de um salvador terreno como Simão Bar Kohkba que nada tinha de divino.

Nesse contexto surge um movimento sectário entre o II e o III séculos d.C. os ebionitas, seita judaica que acreditava no caráter messiânico de Jesus, mas negava sua divindade e origem sobrenatural. Os ebionitas observavam todos os rituais judaicos e rejeitavam os escritos de Paulo⁹⁸. Segundo Flusser, essa comunidade entendia como profeta e não como messias⁹⁹.

No judaísmo do século I, a pessoa do messias era vista sob duas óticas, os judeus, principalmente após a cisão com o cristianismo, viam o messias como um homem, um rei e não como Deus¹⁰⁰.

⁹⁷ Ibidem.

⁹⁸ Site: [http:// Jewishencyclopadeia.com](http://Jewishencyclopadeia.com), acesso em 21/03/2008.

⁹⁹ FLUSSER, David. **O judaísmo e as origens do cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago 2002. Vol. III

¹⁰⁰ *Encyclopaedia Judaica Jerusalém*. Vol.11, pp. 408-411.

Segundo Gershom Scholem, na tradição judaica, a idéia messiânica está ligada à experiência do fracasso e a figura do messias aparece como a reparação de uma perda. Isaías, por exemplo, tem visões escatológicas sobre Israel num cenário de catástrofes¹⁰¹.

O messianismo, segundo o autor, também aparece posteriormente como uma resposta à expulsão da Espanha no século XV (1492). O aparecimento do líder messiânico Shabetai Tzvi, nascido na cidade turca de Esmirna em 1626, surge como uma promessa messiânica após o massacre que os judeus foram submetidos na Polônia entre 1648 a 1656.

Scholem afirma que a vitalidade particular do messianismo judaico reside na tensão entre uma tendência racionalista utópica e uma segunda tendência mística e apocalíptica. Há no messianismo uma temporalidade messiânica que se opõe a uma temporalidade histórica.

Esta breve incursão ao messianismo na tradição judaica teve como objetivo contextualizar uma idéia que é pilar na teologia da sinagoga *Beit Sar Shalom*: a crença de que Jesus é o messias esperado e a confirmação dessa crença é feita através das Escrituras Hebraicas. Os impressos distribuídos aos fiéis na sinagoga messiânica reproduzem passagens do Antigo Testamento, principalmente aquelas contidas em *Isaías* que contam sobre a vinda do messias.

Segue abaixo a transcrição de trechos de um folheto distribuído na *Beit Sar Shalom* aos frequentadores:

¹⁰¹ SCHOLEM, Gershom. **Las grandes tendencias de la mística judaica**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1996.

Todas as profecias deste capítulo 53 de Isaías, cumpriram-se integralmente na pessoa de Jesus Cristo. Ele e somente ele completa o quadro. Ele é aquele de quem o profeta Daniel escreveu: “Será morto o Ungido, e já não estará” (Daniel 9:24-26). Mas você diz que há outras Escrituras que falam do Messias como Rei; como poderia ser ele um e também o sofredor descrito neste capítulo 53 de Isaías? A resposta é simples: são duas as vindas do Messias registradas na palavra de Deus. A primeira vez o Messias viria em humilhação e sofrimento para acabar com o pecado; na segunda vez Ele virá como um monarca para se assentar sobre o trono de Davi. No Salmo 16:10 que diz:” Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu SANTO veja corrupção “...” Na Cruz do Calvário o Messias morreu UMA VEZ por todos os pecados da humanidade e ali “consumou” para sempre a obra redentora predita nas Escrituras do Velho Testamento ¹⁰².

Como é possível observar, o messianismo da *Beit Sar Shalom* difere do messianismo judaico tradicional, pois seus fiéis crêem que Jesus Cristo foi o messias, uma figura de contornos divinos e com uma missão escatológica. Essa concepção difere da idéia judaica de um messias libertador muitas vezes distante do aspecto místico e que por vezes assume contornos de um líder temporal e racional.

Na doutrina do judaísmo messiânico não há uma contradição entre a idéia de um líder divino e um líder temporal. Para os seus fiéis o messias é um ente de caráter divino, que eles sabem quem é (diferentemente do judaísmo oficial), a dúvida não é quanto ao seu caráter divino e sim quando ele retornará.

¹⁰² Folheto sobre Isaías colocado à disposição dos fiéis na *Beit Sar Shalom*.

Capítulo III – Os rituais

3.1. A sinagoga messiânica

A *Beit Sar Shalom* está localizada, desde março de 1969, na cidade de São Paulo, à Rua Albuquerque Lins, Nº1282, no Bairro de Higienópolis. A sinagoga foi fundada no Brasil em 1951, quando Emanuel Woods, seu criador, chegou ao Brasil (São Paulo). Nessa época, o serviço religioso era feito na residência dos Woods, primeiro na Rua Rubi no bairro da Aclimação onde a casa era aberta para o *shabat* e depois em outra casa na Rua Estados Unidos, no bairro Jardim América.

A princípio, o prédio da *Beit Sar Shalom*, no bairro de Higienópolis, era residência da família e sinagoga simultaneamente, mas algum tempo depois (Daniel Woods não precisou exatamente esse tempo na entrevista) a família mudou para outro local, separando definitivamente a sinagoga da residência familiar. Desde a fundação na Rua Albuquerque Lins, a sinagoga já contava com uma placa igual à que se encontra hoje em dia: Sinagoga messiânica *Beit Sar Shalom* transliteração do hebraico que significa “Casa do Príncipe da Paz”.

O prédio onde se localiza a sinagoga é uma casa de três andares, branca e azul sem um estilo arquitetônico definido, no local há a placa com os dizeres “*Beit Sar Shalom*”. Para entrar na sinagoga é necessário passar por um portão de madeira que está sempre fechado. Até 2005, a congregação contava com um porteiro que mantinha esse portão entreaberto nos dias de serviço religioso e solicitava às pessoas desconhecidas, nome completo, número da carteira de identidade, telefone para contato e endereço completo, além disso, era necessário que esse visitante dissesse o nome de quem o havia indicado, todos esses dados

eram anotados em uma planilha. A partir de 2006, devido à diminuição de freqüentadores e por problemas financeiros (segundo Daniel Woods) o porteiro foi dispensado e atualmente para entrar na sinagoga é necessário tocar a campainha e identificar-se.

A entrada para a sinagoga se localiza à direita de quem chega e há um pequeno móvel onde ficam à disposição dos freqüentadores bíblias, livros de orações e *kipots*¹⁰³. A sinagoga em si é um local que comporta cerca de cinquenta pessoas. De um lado estão as cadeiras reservadas as mulheres e de outro lado as cadeiras reservadas aos homens. A sala contém diversos quadros sobre Israel (mapas, fotos de Jerusalém e do Muro das Lamentações) e outros que remetem ao judaísmo, como a figura de um rabino carregando a *Torá*.

De frente para as cadeiras, ao fundo, há uma mesa coberta por uma toalha branca onde fica o castiçal, a bíblia e o *sidur* estes livros de orações são os mesmos usados nas sinagogas oficiais, porém algumas orações foram modificadas, como por exemplo, o *Kadish*¹⁰⁴ que passa a ter o novo título de *Kadish* messiânico. A transcrição dessa oração modificada segue abaixo:

***Kadish* Messiânico**

*“Exaltado e santificado seja o seu grande Nome (AMEM), no mundo que Ele criou por Sua vontade. Já brotou a salvação, e aproximará a **volta do Messias** e estabelecerá seu reino milenar (AMEM), no decurso da vossa vida, nos vossos dias e no decurso da vida toda. Casa de Israel, prontamente e em tempo próximo; e dizei AMEM. Seja o Seu grande Nome bendito eternamente e para todo sempre; seja*

¹⁰³ *Kipot* (plural em hebraico de Kipá)– solidéu.

¹⁰⁴ *Kadish* - Aramaico – oração recitada pelo *chazan* (funcionário da sinagoga que conduz as orações) para assinalar o fim da liturgia.

bendito, louvado, glorificado, exaltado, engrandecido, honrado, elevado excelentemente adorado o Nome do Sagrado, bendito seja Ele (AMEM), acima de todas as bênçãos, hinos, louvores e consolações que possam ser proferidos no mundo; e dissei AMEM. Que haja uma paz abundante emanado do céu, e vida boa para nós e para todo povo de Israel; e dissei AMEM. Aquele que firma a paz nas alturas com Sua Misericórdia, conceda a paz sobre nós e sobre todo povo de Israel; e dissei AMEM.”

O *Kadish* tradicional não cita o messias, ao contrário do *Kadish* messiânico, como foi assinalado em negrito.

Um outro exemplo das modificações introduzidas nos livros de rezas é a tradicional canção do *shabat Lechá Doddi* que é cantada pelos messiânicos da seguinte maneira: *Lechá Dodi Im Hacialá Pene Mashiach Nifgoshá* (Vem amado junto com a noiva encontrarmos com o **Messias**)¹⁰⁵ que fala em nome do messias que já veio. Curiosamente, a nova oração é simplesmente colada (no *sidur*) sobre a oração antiga sem que haja nenhuma preocupação em se esconder o arranjo.

Na mesa que serve de apoio ao serviço religioso, à diferença das sinagogas ortodoxas, há um microfone que é usado pelo rabino. Ao lado dessa mesa encontra-se um armário que contém a *Torá* em forma de rolo e um outro armário menor que contém, também em forma de rolo, os Evangelhos Cristãos, do outro lado da mesa há um teclado e um piano. As cortinas são azuis e brancas e contém a figura estampada do Leão de Judá. Ao fundo e em destaque há uma bandeira de Israel.

¹⁰⁵ O *Lechá Doddi* original: *Lechá Dodi Licrat Cala Pnê Shabat Necabelá* – Venha meu amado ao encontro da noiva, vamos dar boas vindas ao *Shabat*.

O andar de cima da casa é reservado à família de Daniel Woods (sua esposa e seus sete filhos e alguns outros parentes) e só eles tem acesso a essa parte do imóvel. É importante assinalar que todas as portas da casa contém *mezuzot*¹⁰⁶.

Uma questão bastante instigante quando se trata de judaísmo messiânico é a nomenclatura que deve-se dar ao local do culto. David Stern, em seu livro, já citado, afirma que as sinagogas messiânicas podem e devem ser chamadas sinagogas, essa permissão seria dada pelas Escrituras Cristãs que citam literalmente a palavra grega “*sunagôgê*”, que, segundo o autor, foi erroneamente traduzida como igreja, assembléia ou reunião, mas que na realidade significa mesmo sinagoga.

Os seguintes trechos da obra de Stern são ilustrativos no que diz respeito à questão sobre que nome deve ser dado ao local do serviço religioso. Assim, o autor defende a premissa de que:

Não nos surpreenderemos se protestar contra a ênfase messiânica; é de se esperar, mas não gostaríamos de passar pelo embaraço de se usar material judaico erroneamente. Uma sinagoga messiânica não deveria ser apenas uma cerimônia religiosa, com algumas palavras, roupagens e símbolos judaicos intercalados... Por exemplo: sei de uma congregação que possui um *sefer-Torá* (rolo da *Torá* para leitura pública). Até aí, tudo bem. Mas, que faz ela com esse rolo da *Torá*? Recita a bênção “*Noten há-torá*” (louvado sejas, *Adonai*, doador da *Torá*), mas em seguida lê a Bíblia traduzida porque ninguém sabe hebraico suficiente para ler o rolo... A um observador judeu esclarecido isto parece ridículo. Pode-se defender esta paródia de procedimento na sinagoga dizendo que Deus julga os corações e não se preocupa com detalhes do ritual, ou com o fato das pessoas saberem ou não hebraico... Mas se um rolo da *Torá* é aberto em uma sinagoga messiânica deverá ser lido corretamente... Não quero dizer que tudo deve ser feito com perfeição¹⁰⁷.

¹⁰⁶ *Mezuzot* - hebraico – rolo de pergaminho feito por um escriba contendo o texto manuscrito dos dois primeiros parágrafos do *shemá* (hebraico – ouve), os três primeiros parágrafos da bíblia Deut. 6:4-9, 11:13-21; Num. 15:37-41 que são recitados nas orações. O nome vem da linha de abertura; “Ouve ó Israel, o Senhor é nosso Deus, o Senhor é um” e posto em um estojo fixado no batente direito das portas da casa.

¹⁰⁷ STERN, David. **Manifesto judeu messiânico**. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1989. p.149.

Os judeus messiânicos afirmam categoricamente, como foi analisado, que o local aonde celebram seu serviço religioso deve ser chamado de sinagoga e não de igreja ou outra nomenclatura qualquer.

3.2. *Shabat e Kidush*

O ritual de celebração do *Shabat* não é rigoroso na *Beit Sar Shalom* quanto ao horário, não começa com o nascer da primeira estrela, inicia-se entre 20hs e 20h30min das noites de sexta-feira. Como fora assinalado, homens e mulheres sentam-se separados. Alguns homens além da *kipá* usam *talit*¹⁰⁸. Daniel Woods costuma dirigir a cerimônia, mas em algumas ocasiões em que ele não está presente, outro membro masculino assíduo da comunidade dirige o serviço religioso.

A cerimônia começa com as orações em hebraico seguidas do *sidur*, depois são entoadas algumas músicas tradicionais judaicas e outras compostas exclusivamente para as congregações judaico-messiânicas também na língua hebraica acompanhadas por piano ou teclado. As letras das canções e orações são projetadas em caracteres latinos transliterados do hebraico em uma tela localizada ao fundo da sinagoga, nota-se também que todas as rezas e músicas são traduzidas para o português. Na homilia as crianças se retiram do recinto e Daniel Woods ou o dirigente da cerimônia faz então sua pregação.

Ao final da homilia é passada entre os presentes uma cesta onde são recolhidas doações, que segundo Woods são destinadas à manutenção da sinagoga e a ajuda financeira a um lar para crianças carentes denominado “Tia Edna” localizado à Rua Luiz Góis em São Paulo. Depois de recolhida é feita uma oração abençoando essas ofertas. Esse ato de recolhimento de ofertas não é realizado em sinagogas tradicionais, sendo mais comum ver esse tipo de recolhimento de ofertas e doações em igrejas evangélicas.

¹⁰⁸ *Talit* - hebraico – manto – xale de orações.

Em frente à sala onde são realizados os serviços religiosos há uma outra sala, onde nos dias mais frios ou chuvosos é realizado o *kidush*, este local lembra uma sala de jantar de uma residência comum, com uma grande mesa com cadeiras e um armário. Nesse local há também quadros sobre Israel, inclusive uma foto que mostra soldados israelenses.

A exemplo da modificação do *Kadish*, abaixo segue a transcrição do *Kidush*, também modificado em função da crença em Jesus:

Benção do vinho messiânica:

“[...] *Baruch ata Adonai Eloheinu Melech Há Olam, borê pri Hagafen. Be Shem Yeshua Há Mashiach. Amém “Bendito sejas Tu Senhor, D’us e rei do Universo que tira o fruto da vida”. Em nome de Yeshua. Amém [...].*”

Mais uma vez observamos que a uma prece tipicamente judaica é acrescentado o nome hebraico de Jesus: *Yeshua*.

Há na casa uma cozinha aonde são preparados os lanches que serão servidos às sextas-feiras após o serviço religioso. No fundo da casa há ainda um quintal onde se encontra uma mesa coberta por uma toalha branca, esse é o local no qual na maioria das vezes é realizado o *kidush*. De forma similar ao realizado nas sinagogas ortodoxas, nas quais costuma-se servir petiscos após a cerimônia do *shabat*. As crianças brincam nesse quintal enquanto os pais assistem à cerimônia.

Durante o *Kidush*, o rabino ouve os pedidos da comunidade, que vão desde problemas de saúde até problemas financeiros, é feita então uma oração coletiva para que os pedidos e necessidades dos presentes sejam alcançados. Assim como

o recolhimento das ofertas durante o serviço religioso é recorrente nas igrejas evangélicas, os pedidos por graças e testemunhos de fé também são um comportamento típico de denominações pentecostais e neopentecostais e não de sinagogas.

Após o *Kidush* são entoadas várias canções, algumas músicas judaicas tradicionais têm sua letra modificada, como por exemplo, a letra da tradicional “*David Melech Israel*” (David, Rei de Israel) que é alterada para: “*Yeshua Melech Israel*” (Jesus, Rei de Israel) o hino de Israel muitas vezes é cantado também.

É servido então um lanche que sempre conta com a *chalá*¹⁰⁹ presente no *Kidush* e outros alimentos que a família de Daniel Woods oferece, ou lanches que os membros da comunidade trazem de fora. Quando termina a cerimônia, as pessoas confraternizam entre si, conversando, comendo até por volta das 23h00min quando todos se retiram.

Aos sábados não há nenhum tipo de cerimônia religiosa, mas a *Beit Sar Shalom* abre as portas principalmente aos seus fiéis mais jovens, são oferecidos nesse dia cursos de hebraico, de bíblia, etc.

¹⁰⁹ *Chalá*- hebraico – pão trançado que se come no *shabat*.

3.3. As festas

3.3.1. A Páscoa judaica e a Páscoa cristã

Pessach – significa em hebraico “passar sobre”. Segundo o *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*¹¹⁰, podemos descrever o *Pessach* da seguinte maneira: uma das três festas de peregrinação que comemora a redenção dos escravos hebreus do Egito. É também a época da colheita da cevada e o fim da estação das chuvas. Durante toda a festa não se come nenhum alimento que contenha levedo e um dia antes do início do *Pessach* a casa deve ser limpa de todo levedo.

A festa tem duração de sete dias (oito dias na diáspora) e começa no anoitecer da véspera de quinze de *Nissan*¹¹¹, noite do Êxodo, com a refeição ritual familiar do *seder*¹¹², a refeição é acompanhada do relato da história do Êxodo na *Hagadá*, esse texto contém a liturgia que se recita durante a refeição familiar. A *Hagadá* foi construída a partir de textos da bíblia sobre o Êxodo, Salmos de Louvor, homilias rabínicas, hinos e canções, entoadas ao fim das refeições.

Tipos especiais de comida e bebida que seguem um ritual complexo são arrumados na mesa e incluídos nessa refeição, sendo os mais importantes o ovo (*beitsá*) mergulhado em água salgada, lembrando aos participantes as lágrimas e sofrimento dos hebreus no Egito, e um ovo cozido no prato do *seder* representa a oferenda festiva; os quatro cálices de vinho; o pão ázimo (*matzá*¹¹³) e as ervas

¹¹⁰ UNTERMAN, Alan. **Dicionário judaico de lendas e tradições**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

¹¹¹ *Nissan* - Primeiro mês lunar do calendário hebraico, contando a partir do período do Êxodo do Egito, ou o sétimo mês contando com a festa de ano-novo (*Rosh há-shaná*).

¹¹² *Seder*- hebraico - significa ordem.

¹¹³ *Matzá* – hebraico - pão ázimo.

amargas (*maror*¹¹⁴) que são mergulhadas em *charosset* (que simboliza a argamassa usada pelos escravos hebreus no Egito, ou a argila que tinham para moldar os tijolos; em geral é feito de frutas e nozes amassadas, misturadas para formar uma pasta e são adoçadas com vinho ou tâmaras). Costuma-se mergulhar o *marot* no *charosset*.

Ao fim da refeição o último alimento que se come é um pedaço de *matzá* que simboliza a oferenda pascal¹¹⁵. A noite termina com salmos e canções e a declaração dos judeus que estão na diáspora “No próximo ano em Jerusalém”.

A Páscoa cristã tem significado diverso do *Pessach*. A festa cristã assinala a festa da ressurreição de Jesus. No Concílio de Nicéia em 325 d.C. a Igreja católica estabeleceu que a páscoa cristã fosse celebrada no domingo que segue a lua cheia (14 *Nissan*) depois do equinócio de primavera¹¹⁶.

A sexta-feira santa é aquela que antecede o domingo de Páscoa. É a data em que os cristãos celebram a morte de Jesus através de diversos tipos de ritos religiosos.

Na Igreja Católica, este dia pertence ao mais importante período do ano litúrgico. Este é um dia em que não se celebra a eucaristia e não há missa. A Igreja exorta os fiéis nesse dia a observarem alguns sinais de penitência, em respeito à morte de Jesus, assim a prática do jejum e da abstinência de carne.

Segundo o *Catecismo da Igreja Católica*, na Antiga aliança o pão e o vinho receberam novo significado no contexto do Êxodo:

¹¹⁴ *Maror* – hebraico - geralmente de raiz-forte que lembram a amargura do deserto.

¹¹⁵ *Afikomen* – do grego que quer dizer sobremesa. Parte-se o *afikomen* da porção do meio entre três pedaços de *matzá* do prato de *seder*, ele simboliza o cordeiro pascal.

¹¹⁶ *Catecismo da Igreja Católica*. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

[...] 1340 - Celebrando a última ceia com os Apóstolos, no decorrer da refeição pascal, Jesus deu o seu sentido definitivo à Páscoa judaica. Com efeito, a passagem de Jesus para o Pai, por sua Morte e Ressurreição – a Páscoa nova – é antecipada na Ceia e celebrada na Eucaristia, que cumpre a Páscoa judaica e antecipa a Páscoa final da igreja na glória do reino [...] ¹¹⁷.

[...] 1363 - No sentido da Sagrada Escritura o memorial não é somente a lembrança dos acontecimentos do passado, mas a proclamação das maravilhas que Deus fez por amor dos homens. Na celebração litúrgica destes acontecimentos, eles tornam-se de certo modo presentes e atuais. É assim que Israel entende a sua libertação do Egito: sempre que se celebra a Páscoa, os acontecimentos do Êxodo são tornados presentes à memória dos crentes, para que conformem com eles a sua vida. [...] ¹¹⁸.

A Páscoa cristã difere essencialmente da Páscoa judaica, como fica claro nos trechos reproduzidos acima. A seguir veremos como os judeus messiânicos celebram essa festa de fundamental importância para as duas religiões (cristã e judaica) embora com significados absolutamente diferentes.

3.3.2. A Páscoa para os judeus messiânicos

Os judeus messiânicos argumentam que a Igreja Católica Romana ao rejeitar a Páscoa judaica comete um grande engano, pois essa é a verdadeira festa e não aquela inventada posteriormente. Segundo entrevista concedida por Daniel Woods, o Imperador Constantino, ao mudar o calendário, quando cristianizou Roma, separou no tempo as duas festas que originariamente eram uma só. A Páscoa judaica foi rejeitada e numa nova data passou-se a comemorar a Páscoa cristã que celebra a ressurreição de Cristo.

¹¹⁷ Site: <http://www.Vaticano.Va/liturgical>. Acesso em 12/05/2007.

¹¹⁸ Ibidem.

Na *Beit Sar Shalom* os fiéis são instados a celebrar o *Pessach* da maneira judaica tradicional ainda que também nesse dia seja celebrada conjuntamente a morte e ressurreição de Jesus, pois os dois eventos ocorreram na mesma época, tanto que para os judeus messiânicos essa é uma festa de significado duplo e de suma importância para a sua fé. Segundo Daniel Woods, Jesus Cristo morreu na primeira noite de *Pessach* e ressuscitou ao terceiro dia depois dessa data.

Ao pretender manter as raízes e rituais judaicos, assim como eles são celebrados nas sinagogas ortodoxas e em outras vertentes judaicas, os freqüentadores da *Beit Sar Shalom* se reúnem no primeiro *Seder*. De maneira geral eles alugam um salão em algum hotel da cidade e celebram o *Pessach*.

Segundo David Stern¹¹⁹ muitos cristãos se ofendem quando judeus messiânicos celebram as festas judaicas em vez do Natal ou a Páscoa, para o autor as primeiras são mandamentos bíblicos, enquanto as últimas são invenções humanas, ainda segundo Stern uma das mais antigas expressões de anti-judaísmo da Igreja foi a controvérsia que levou ao Decreto do Concílio de Nicéia, segundo o qual a data para a celebração e morte de Jesus não deveria ser estabelecida pela data do calendário judaico que marca a Páscoa.

Stern, em seu livro, aconselha os judeus messiânicos a não abandonar o judaísmo original incentivando-os a festejar *Pessach*, *Chanuká*¹²⁰ e outras datas tipicamente judaicas.

¹¹⁹ Stern, David H. **Manifesto judeu messiânico**. Rio de Janeiro: Edições Louva-A-Deus, 1989.

¹²⁰ *Chanuká*- hebraico – significa dedicação, inauguração – Festa das luzes, que comemora a vitória dos Macabeus em 165 a.C. sobre os governantes seleucidas da Palestina, que haviam profanado o templo e imposto a religião helenística aos judeus.

Os judeus messiânicos acreditam que a restauração das raízes judaicas da fé cristã se canaliza também através das festas bíblicas judaicas, segundo os seus seguidores:

Por intermédio do Império romano e da nova religião “cristã” adotada, a Igreja foi obrigada a romper com todo relacionamento com a nação de Israel e com o povo judeu, sendo assim as festas do Senhor abolidas do meio do corpo do messias *Yeshua*. Quase duzentos anos depois o Deus de Abraão, Isaque e Jacó tem trazido a sua Igreja a restaurar o relacionamento com o povo judeu e com a nação de Israel bem como a celebração das Festas do Senhor. Elas são realizadas e celebradas em conformidade com o calendário bíblico judaico e fazem parte do trabalho de restauração da fé cristã. Celebramos juntos as festas instituídas e estabelecidas pelo próprio Deus ao seu povo escolhido ¹²¹.

3.3.3. *Rosh há - Shaná*¹²²

A festa de ano novo judaico começa no primeiro dia de *tishri*¹²³. O ano novo judaico e o *Yom Kipur* constituem dois grandes momentos do calendário judaico, dedicados à contrição e expiação dos pecados, tanto individuais como do grupo. As bênçãos mais importantes do *Rosh há-Shaná* são: “Que sejas inscrito no livro dos vivos” e “Que tenhas um ano bom e doce”. Um outro ritual típico dessa data é soprar o *shofar*¹²⁴ para despertar os pecadores para o arrependimento.

¹²¹ Site: www.ensinadodesião.com.br. – site judaico-messiânico localizado na cidade de Belo horizonte. Acesso 02/08/2007.

¹²² *Rosh há-Shaná* – hebraico- cabeça do ano

¹²³ *Tishri* - Sétimo mês lunar do calendário hebraico, normalmente em meados de setembro.

¹²⁴ *shofar* - hebraico- trompa. O *shofar* mais comum é feito de chifre de carneiro.

Rosh ha-shaná, também é chamada do Dia do Julgamento. Três livros são abertos no céu, um para os verdadeiramente justos, um para os verdadeiramente iníquos e um para os que não se enquadram em nenhuma das categorias¹²⁵.

Os alimentos especiais que se comem na festa são escolhidos por causa do seu simbolismo, como o mel (simboliza a doçura e a amenidade da vida), o pão (alimento) e a cabeça de um animal ou peixe (para ser a cabeça do ano).

3.3.4. *Yom Kipur*¹²⁶

O jejum de 10 de *Tishri* é o dia mais sagrado do calendário judaico, marcando o fim dos dez dias de penitência. *Yom Kipur* é precedido de rituais de penitência e a purificação no *mikve*¹²⁷. Logo antes do pôr-do-sol acendem-se as velas da festa e uma vela de recordação. Faz-se um jejum de 24 horas, que começa antes do pôr-do-sol e termina ao aparecer das estrelas na noite seguinte. Durante o *Yom Kipur* os judeus são proibidos de calçar sapatos de couro, de manter relações sexuais e de se lavar.

A liturgia começa com o *Kol Nidrei*¹²⁸ e passa-se a maior parte do dia em orações, recitando o *Izcor*¹²⁹, pedindo perdão divino, confessando os pecados, ouvindo a leitura da Tora, do livro de Jonas, e as prédicas.

¹²⁵UNTERMAN, Alan. **Dicionário Judaico das lendas e tradições**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

¹²⁶ *Yom Kipur*- hebraico- Dia da expiação.

¹²⁷ *Mikve*- Hebraico – piscina de água acumulada da chuva ou de uma fonte, que é usada no ritual de purificação e ablução.

¹²⁸ *Kol Nidrei*- Aramaico - todos os votos ou todos os juramentos.

¹²⁹ *Izcor*- Hebraico – preces especiais em memória dos parentes falecidos.

As pessoas se saúdam mutuamente com o voto de que tenham seus nomes inseridos no livro dos justos. O dia se encerra com o serviço de *neilá*¹³⁰ e com o toque do *shofar*¹³¹.

3.3.5. *Rosh há-Shaná* e *Yom Kippur* no judaísmo messiânico

Os fiéis da *Beit Sar Shalom* dão grande importância à festa de *Yom Kipur*, muitos fazem jejum, mas segundo Daniel Woods o jejum não é obrigatório, pois significa o arrependimento e o querer chegar mais perto de Deus e nem todos estão preparados para fazer esse sacrifício. Daniel Woods ainda disse em entrevista concedida, que o judaísmo rabínico afirma que para agradar a Deus deve-se seguir todas as *mitzvots*¹³² e isso é impossível.

Segundo Mário Moreno, dirigente da congregação judaico-messiânica *Shemá Israel*, localizada em Belo Horizonte (Minas Gerais) e que também tem uma sede localizada na cidade de Votorantin (São Paulo):

Há várias maneiras práticas de observarmos o *Rosh há-shaná*. Para os judeus messiânicos e os gentios esta época deve ser observada com o mesmo espírito... Assim como a maioria dos feriados judaicos muita preparação é gasto com a refeição do feriado. A mesa é posta com o melhor aparelho de jantar, toalha de mesa e os dois candelabros... Para os crentes é uma bela declaração de nossa pureza em *Yeshua*! É tradição acender as velas com uma bênção apropriada que é levemente diferente da bênção usual do *shabat*... Depois do jantar é tempo de celebrar com adoração e meditação. Normalmente isso se dá no culto da sinagoga. A compra de *tickets* para depois é necessário, pois os judeus não passam o prato para a

¹³⁰ *Neilá* - Hebraico – significa fechamento.

¹³¹ UNTERMAN, Alan. **Dicionário judaico de lendas e tradições**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Editor, 1992.

¹³² *Mitzvots* - hebraico – significa mandamentos. Termo usado originalmente para os mandamentos divinos da bíblia, mas que mais tarde veio a se referir a qualquer boa ação. UNTERMAN, Alan. **Dicionário judaico de lendas e tradições**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

coleta de ofertas no culto. Incluir vários elementos que chamem atenção para esse dia especial ¹³³.

O trecho transcrito acima mostra claramente a grande importância que os judeus messiânicos imputam a festa de *Yom Kipur*, Também fica bem assinalado nesse texto que algumas posturas e costumes adotadas pelo judaísmo messiânico, como por exemplo, o recolhimento de ofertas após o serviço religioso, são bem diferentes daquelas adotadas pelo judaísmo rabínico.

¹³³ Site: <http://www.shemaysrael.com>. Acesso em 06/01/2008.

3.4. Rituais de iniciação e passagem

3.4.1. A circuncisão

Em hebraico “*brit milá*” significa o “pacto de circuncisão”. Trata-se da remoção do prepúcio de uma criança após oito dias de seu nascimento, ou dos prosélitos masculinos do judaísmo. Nos tempos bíblicos, e posteriormente, os escravos eram também circuncidados. Um homem incircunciso era excluído da participação em importantes ritos judaicos. A circuncisão adquiriu um significado adicional na história dos judeus dado o martírio a que eram submetidos em decorrência de sua prática durante as perseguições. Tornou-se um símbolo que distinguia o judeu do gentio¹³⁴.

A prática é chamada frequentemente de “pacto de Abraão” porque remonta à aliança de Deus com Abraão (Gen.17:11-12). Durante a cerimônia da circuncisão, a criança é colocada por alguns momentos numa cadeira destinada ao Profeta Elias, e então o bebê é colocado sobre os joelhos do padrinho (*sandak*), que a segura enquanto o *mohel* realiza a circuncisão¹³⁵. No fim da cerimônia dá-se um nome hebraico à criança¹³⁶.

¹³⁴ Enciclopédia Judaica. Rio de Janeiro: tradição S/A, 1967. Vol. 1 p.324.

¹³⁵ *Mohel* - hebraico - pessoa treinada no ritual da circuncisão. Como a circuncisão é considerada uma *mitsvá* (qualquer boa ação), o *mohel* não precisa ser necessariamente pago. O *mohel* deve ser um judeu adulto do sexo masculino.

¹³⁶ UNTERMAN, Alan. **Dicionário judaico de lendas e tradições**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

3.4.2. A Circuncisão para os judeus messiânicos

No livro *Manifesto judeu messiânico* encontramos o seguinte comentário em relação ao ritual da circuncisão:

A aliança de Deus com Abraão (Gênesis 12, 13, 15, 17) gerou o povo judeu. A exceção do requisito da circuncisão trata-se de uma aliança incondicional, prometendo que os judeus serão uma bênção para toda humanidade. Isto é verdade comprovada especialmente através de *Yeshua*, o Messias, a “semente de Abraão”, que nasceu do povo judeu e cuja soberania justa sobre as nações se estenderá a partir de Jerusalém, a capital judaica. A aliança aplica-se agora tanto aos judeus como aos gentios que seguem *Yeshua*, conforme foi explicado em Romanos 4 e Gálatas 3¹³⁷.

Daniel Woods afirmou em entrevista concedida que a circuncisão é um ritual de extrema importância e para o rabino uma pessoa só será considerada judia se passar por esse ritual. Como veremos adiante, quando analisarmos o processo de conversão ao judaísmo messiânico, Woods aconselha aos gentios que antes de se converterem ao judaísmo messiânico, deveriam fazer a conversão ao judaísmo rabínico, como vimos essa conversão exige do prosélito a circuncisão. Não há nenhum *mohel* messiânico na *Beit Sar Shalom*, quando necessário, os fiéis recorrem a um *mohel* de uma sinagoga tradicional que é conhecido da comunidade. Woods disse que a circuncisão, no entanto, não é obrigatória, disse que pergunta ao fiel que não é circuncidado se ele já pensou em fazer o *Brit Milá* e o aconselha a fazê-lo para tornar-se judeu, o rabino alega que a postura sobre a circuncisão no Novo Testamento depende de interpretação e declarou:

¹³⁷STERN, David. *Manifesto judeu messiânico*. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1988. p.91.

“O Rabino Shaul diz que o Brit Milá não é o que traz a paz é apenas uma identificação, é separação. O sacrifício de Yeshua é a identificação dos homens da condição de pecador.”

3.4.3. Bar Mitzvá

Bar mitzvá em hebraico quer dizer literalmente “filho do mandamento”. Aos treze anos de idade mais um dia, um menino é considerado adulto, isto é, responsável para todas as obrigações religiosas. Ele passa então a ter obrigação de cumprir os mandamentos, a colocar *tefelin*¹³⁸, e pode ser contado no *minian* (quorum de dez homens) necessário para realização do culto público.

O menino celebra seu *bar mitzvá* ao ser chamado para subir para leitura da *Torá*, geralmente no primeiro *shabat* disponível após seu aniversário hebraico. O pai do menino faz uma prece agradecendo a Deus por ter-se liberado da responsabilidade pelos atos de seu filho¹³⁹.

A celebração do *bar mitzvá* é um marco importante na vida de toda família e os pais costumam dar uma festa para parentes e amigos.

¹³⁸ *Tefelin*- Hebraico – significa “objetos de oração”, ou aramaico, significa “ornamentos”. Duas caixas de couro preto que contém quatro passagens bíblicas (Êxodos 13:1-10, 11-16; Deuteronômio 6:4-9, 11:13-21) e são presas com correias de couro ao braço esquerdo e à testa.

¹³⁹ UNTERMAN, Alan. **Dicionário judaico de lendas e tradições**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

3.4.4. *Bar Mitzvá* para os judeus messiânicos

O *bar mitzvá* é feito dentro da comunidade messiânica. O rabino é quem dirige o serviço religioso que levará o menino a passagem para a idade adulta. Tanto para o judaísmo rabínico como para o judaísmo messiânico esse é um ritual importante em que a família e a comunidade se envolvem diretamente na preparação do menino, ajudando-o com seus estudos e depois celebrando com uma festa essa importante data.

O filho mais velho de Daniel Woods, por exemplo, após a celebração de seu *bar mitzvá* ganhou como presente uma viagem a Israel. Segundo seu pai essa viagem será propiciada a todos os seus filhos assim que fizerem seu *bar mitzvá*. Essa viagem representa não só um presente de lazer, mas também uma etapa importante no aprendizado de seus filhos sobre o judaísmo.

Para os judeus messiânicos não só aqueles nascidos judeus, ou aqueles que foram circuncidados podem fazer o *bar mitzvá* como esclarece o trecho abaixo:

Para nós judeus messiânicos é claro seguir a tradição do *bar mitzvá*. Mas, os gentios cristãos podem segui-la? Cremos que sim. Podemos citar pelo menos dois motivos: Primeiro: todos os cristãos devem seguir as boas tradições, quer sejam elas orais ou escritas como diz Paulo (2Tim 2:16). O *bar mitzvá* é uma boa tradição, quando o pai abençoa o filho, liberando-o para que o mesmo seja bem sucedido e prospero; segundo, a Igreja gentílica foi enxertada na Oliveira que é Israel de D'us. Assim, ela participa e é co-herdeira das bênçãos e promessas de nosso pai Abraão, participando da mesma raiz e seiva desta oliveira (Gal 3:29 e Ro. 11:17)¹⁴⁰.

[...] foi baseado nestes princípios milenares que, o maior judeu do mundo, *Yeshua Bar Yosef* (Jesus, filho de José) fez seu *bar mitsvá*.

¹⁴⁰ Site: www.ensinadodesiao.org.br. Acesso em 05/01/2008.

Antes da cerimônia propriamente dita, ele já mostrava traços de autonomia espiritual, pois graças a D'us repousava sobre ele¹⁴¹.

Abaixo segue uma pequena descrição de como se realiza a cerimônia do *bar mitzvá* para os judeus messiânicos:

A cerimônia, assim como acontece no judaísmo rabínico é feita no sábado seguinte ao adolescente completar seus 12 ou 13 anos. Normalmente é realizada na sinagoga que os pais freqüentam. Quando o (a) jovem é chamado (a) publicamente para a leitura da *Torá*. No livro *Temas Judaicos Messiânicos*¹⁴², o autor aconselha introduzir a leitura de algum texto do evangelho à cerimônia.

Resumindo o ritual de *bar mitzvá* celebrado pelos judeus messiânicos¹⁴³:

- 1- Chamada á leitura da *Torá*.
- 2- O filho ou filha declaram seus compromissos.
- 3- Leitura dos textos bíblicos
- 4- Os pais oram abençoando o filho, ou a filha.
- 5- O rabino abençoa o menino ou a menina.

Exemplo de oração para o jovem retirado do livro *Temas judaicos messiânicos*:

“Eu,, declaro que estou consciente da importância desta benção para minha vida e anseio por recebê-la. Declaro diante de todos, o meu amor, carinho e obediência a meus pais, reconhecendo-os como autoridade sobre a minha vida.

¹⁴¹ Site: www.ensinandodesiao.org.br. Acesso em 05/01/2008.

¹⁴² GUIMARÃES, Marcelo Miranda. **Temas judaicos messiânicos**. Belo Horizonte: Ames, 2005.

¹⁴³ Ibidem.

*Declaro, também frente a estas testemunhas, que farei tudo para temer e andar no caminho do Senhor, pois confesso a minha fé em D'us único de Israel e em seu filho, o Messias Yeshua (Jesus Cristo), Amém*¹⁴⁴

No livro *Temas judaicos messiânicos* também há a sugestão de trajes que seriam apropriados à cerimônia do *bar (bat) mitzvá*:

Para os meninos a tradição é usar uma camisa branca, calça preta ou mesmo um terno, acompanhado do uso do *talit* e *kipá*. Para as meninas recomenda-se o uso de vestido preferencialmente de cor clara, sem estampas e um véu.

Os judeus messiânicos, como analisamos celebram o *bar mitzvá*, procurando manter as mesmas tradições e imputando a mesma importância a esse evento religioso que o judaísmo rabínico.

3.4.5. A conversão para o judaísmo

A conversão ao judaísmo inclui uma série de rituais, para o homem a circuncisão, e para ambos os sexos, a imersão no *mikve* na presença de três juízes (*daianim*¹⁴⁵) que compõem o Tribunal Rabínico. Prosélitos são considerados como nascidos novamente. Eles adotam um novo nome, em geral Rute ou Sara para as mulheres e Abraão para os homens¹⁴⁶.

A concepção judaica diz que judeu é aquele que nasce de mãe judia ou que se converte ao judaísmo de acordo com a *halachá*, a Lei Judaica. Segundo o *Beit*

¹⁴⁴ GUIMARÃES, Marcelo Miranda. **Temas judaicos messiânicos**. Ames, Belo Horizonte, 2005. p.151.

¹⁴⁵ *Daianin* - hebraico - Juiz que atua num tribunal religioso.

¹⁴⁶ UNTERMAN, Alan. **Dicionário judaico de lendas e tradições**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

Chabad, corrente ortodoxa muito difundida no Brasil, a Lei Judaica descreve que uma pessoa só pode passar por uma conversão quando tem a única e exclusiva intenção de abraçar o judaísmo por ideologia, antes de passar pela conversão, o Rabinato deve examinar cada caso. Ainda assim, por questões políticas internas da ortodoxia, os rabinos da América latina como um todo não estão autorizados a praticar conversões com exceção de casos muito particulares. Mesmo assim, a liderança do *Beit Chabad* do Brasil afirma que o candidato à conversão deve aceitar as leis judaicas e desde que feita a conversão essa pessoa será considerada judia em todos os aspectos. Literalmente: “[...] *uma pessoa, entretanto, que passa por uma conversão fictícia, por mais bem intencionada que seja, não pode ser considerada judia, não apenas conforme o chassidismo, mas conforme a halachá* [...]”¹⁴⁷

A conversão deve envolver a aceitação dos comandos. Se um convertido, em virtude do seu comportamento, demonstra um genuíno comprometimento com a prática e a Lei judaica na época da conversão, isso permanece, mesmo se depois ele a abandona. Um convertido faltoso é um judeu em falta. A conversão ao judaísmo é um empreendimento sério, porque o judaísmo não é um mero credo. Envolve um estilo de vida distinto e detalhado¹⁴⁸.

3.4.6. A conversão para o judaísmo messiânico

O trecho que segue, encontrado no livro de Stern, é emblemático em relação ao posicionamento dos judeus messiânicos sobre a conversão:

¹⁴⁷ Site: www.chabad.org.br/INTERATIVO/FAQ?tor_judeu.html. Acesso em 14/03/2008.

¹⁴⁸ Site: <http://209.85.165.104/search?q=cache:uGLZfGWNukQj:comunidadeshemaisrael.blogs>. Acesso em 10 de maio de 2006. Por Rabino chefe da Inglaterra, Professor Jonathan Sacks

[...] mas, antes de mais nada, vamos reafirmar que os gentios messiânicos e os judeus messiânicos são iguais diante de Deus no Corpo do Messias. Não há espaço na Comunidade Messiânica para comparações invejosas entre fiéis judeus e não-judeus¹⁴⁹.

Por sua vez, Daniel Woods afirma que aquele que quiser pertencer à *Beit Sar Shalom* não é obrigado tornar-se judeu; ele defende a postura de que para tornar-se um verdadeiro judeu messiânico, antes de tudo, é necessário conhecer o judaísmo e, se posteriormente a pessoa decidir pela conversão será uma alegria para a comunidade judaico-messiânica.

A postura da maior parte das lideranças judaico-messiânicas é que é judeu aquele nascido de mãe judia, ou aquele que se converteu ao judaísmo sem professar outra religião. Todavia, segundo comentário de Russ Resnik (Rabino judeu-messiânico inglês):

O judaísmo messiânico decidiu concordar com a Reforma Judaica, que diz que aquele que descende tanto de pai ou mãe judia, é isso que faz alguém judeu, se alguém mantiver alguma conexão com a comunidade e práticas judaicas este tratamento, embora não seja oficialmente sancionado, parece ser universal em nosso meio, e está de acordo com os exemplos fornecidos pelas escrituras¹⁵⁰.

Em depoimento, Woods afirmou que a pessoa que pretende converter-se tem que possuir a compreensão clara de que o judaísmo não é só uma religião, é algo muito mais complexo que envolve um *“modo judaico de viver”*, ele questiona a firmeza de propósito do prosélito, pois segundo ele a vida de um observante não é flexível, e essa pessoa tem que estar muito consciente da sua opção, sendo que de maneira alguma esse desejo de conversão pode ser superficial.

¹⁴⁹ STERN, David. **Manifesto judeu messiânico**. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1989. pp. 67-68.

¹⁵⁰ Artigo retirado do site: www.beithmassiach.org. Acesso em 02/01/2008.

Para se tornar um judeu messiânico dentro da *Beit Sar Shalom* o processo consiste em primeiro se converter ao judaísmo, se a pessoa não for judia por nascimento, e depois fazer um batismo por imersão em águas de fontes naturais. Para Daniel Woods o batismo é uma identificação em público com Jesus, “reconhecer que ele morreu e ressuscitou” Não é meramente uma aspersão e uma imersão. É importante assinalar que o batismo não é feito em crianças, apenas em adultos.

Para o rabino messiânico Resnik, a conversão ao judaísmo que fazem os judeus messiânicos deve ser reconhecida dentro do mundo judaico mais amplo:

Se buscamos fazer parte do povo judeu, devemos aceitar as normas gerais de conversão prevalentes dentro da comunidade judaica. Assim como todas as formas de judaísmo, vemos um convertido, seja no contexto da reforma, Conservativo ou Ortodoxo, como um judeu, e sua descendência normalmente como judia¹⁵¹.

Para Stern, diferentemente de Daniel Woods, um membro gentio de uma congregação messiânica não pode ser denominado judeu messiânico, então se for seu desejo, ele deve se converter ao judaísmo dentro da própria comunidade judaico-messiânica.

Stern e Resnik discordam no que diz respeito a quem deve optar pela conversão. O segundo autor deixa claro que a conversão deve ser feita dentro do judaísmo *halachico* por rabinos não-messiânicos, já Stern alega que ao procederem a conversão com rabinos não-messiânicos, os judeus messiânicos estariam

¹⁵¹ Ibidem.

reconhecendo a autoridade desses rabinos em sua comunidade e isso é algo a ser evitado¹⁵².

¹⁵² STERN, David. **Manifesto judeu messiânico**. Rio de Janeiro. Louva-a-Deus, 1989.

Capítulo IV - Os judeus messiânicos falam de si

4.1. Teologia

4.1.1. Quem é Jesus Cristo para os judeus Messiânicos?

Os judeus messiânicos crêem que Jesus é o messias que já veio e um dia voltará. As várias congregações messiânicas, assim como a *Beit Sar Shalom* e o Ministério Ensinando Sião defendem essa premissa:

O Ministério Ensinando Sião é uma associação, sem fins lucrativos, composta por não-judeus, descendentes de judeus que crêem ser *Yeshua há Mashiach* (Jesus, o Cristo) o Messias de Israel e Salvador da humanidade que foi enviado por D'us há 2000 anos como “*Ben Yosef*” (Filho de José ou Filho do Homem) e que em breve voltará com seus santos em Jerusalém como “*Ben David*” (Filho de David) ou Rei dos reis, o *Sar Shalom* (O Príncipe da Paz) trazendo redenção e paz para os da Casa de Israel e para todas as nações¹⁵³.

Por outro lado, no livro *Temas judaico-messiânicos* temos a seguinte afirmação:

Yeshua era judeu, nasceu em Belém e viveu no pleno estilo do povo judeu, bem como seus apóstolos e todos posteriores discípulos. O apóstolo Paulo se declara judeu da tribo de Benjamim (Fp 3:5). *Yeshua* celebrou e participou com seus discípulos das festas Bíblicas judaicas, vestiu-se como judeu, usando xale de oração com suas quatro franjas (o *talit* com os quatro *tzitziôt* – Lc 8:44) e comia como judeu, observando os princípios da Lei. Se fizermos uma análise minuciosa do *livro de Atos*, vamos ver que a Igreja primitiva, composta de judeus e gentios, também vivia no contexto e no estilo de vida judaicos¹⁵⁴.

¹⁵³ Site: <http://www.ensinandodesiao.org.br>. Acesso em 12/12/2007.

¹⁵⁴ GUIMARÃES, Marcelo Miranda. *Temas judaico-messiânicos*. Belo Horizonte: Ames, 2005. p.21.

Os judeus messiânicos, quando se referem a Jesus Cristo usam sempre seu nome hebraico *yeshua*, nunca usam o nome latinizado. Essa é uma importante pista para entendermos como os membros dessa religião entendem o messias cristão. A doutrina do judaísmo messiânico baseia-se na concepção de que Jesus Cristo é o Messias esperado e esse salvador não criou uma nova religião. Segundo Daniel Woods, “*Yeshua nasceu como judeu, viveu como judeu e morreu como judeu, assim como seus seguidores diretos, os Apóstolos*”.

Dentro da lógica da religião judaico-messiânica não há nenhuma contradição entre crer que Jesus Cristo é o messias esperado e permanecer judeu, já que não existe registro algum de que Jesus teria pretendido fundar uma nova religião; ao contrário, segundo os teóricos do messianismo judaico todo relato bíblico reforça a idéia de que o judaísmo é a religião que deve ser seguida.

Como foi assinalado várias vezes ao longo dessa dissertação para os fiéis da *Beit Sar Shalom*, as Escrituras Cristãs são uma continuação da Bíblia Hebraica, uma confirmação das profecias que se concretizaram na figura messiânica de Jesus Cristo.

Nos folhetos entregues na sinagoga messiânica, a vinda do messias é alertada em Isaías 53 e a profecia se concretiza nos evangelhos cristãos que narram a vinda, a vida, a morte e ressurreição de Jesus Cristo.

A própria denominação “sinagoga messiânica *Beit Sar Shalom*” foi escolhida de Isaías 9:5- 6 quando se refere a “Ao Príncipe da Paz”, que é a tradução do hebraico de *Beit Sar Shalom*, mostrando a importância que os vaticínios desse profeta têm para a sua religião assim em (Isaias 9-56):

Porque nasceu para nós um menino, um filho nos foi dado: sobre seu ombro está o manto real e ele se chama “Conselheiro Maravilhoso”, “Deus Forte”, “Pai para sempre”, “Príncipe da Paz”. Grande será o seu domínio, e a paz não terá fim sobre o trono de Davi e seu reino, firmado e reforçado com o direito e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo de Javé dos exércitos é quem realizará isso.

O judaísmo messiânico prega em seu corpo doutrinário que o messias esperado pelo povo judeu já veio e voltará, e esse messias é o mesmo das religiões cristãs: Jesus Cristo. Defendem que existe a trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) e como consequência, negam a unidade absoluta de Deus.

A crucificação de Jesus significou, segundo palavras do rabino Mário Moreno, da sinagoga messiânica *Shema Ysrael*¹⁵⁵, um holocausto, e “*Yeshua foi crucificado pelos nossos pecados para que fossemos perdoados*”. Moreno em sua homilia diz que quem levou Jesus à cruz foram os sacerdotes e que jamais os judeus foram amaldiçoados pela morte do Messias, já que o povo nada teve a ver com a crucificação.

Diferentemente dos Ebionitas, movimento judaico sectário surgido no II século da era comum, que acreditava ser Jesus Cristo um profeta, mas negava seu caráter divino¹⁵⁶, os judeus messiânicos da atualidade, incluindo os membros da *Beit Sar Shalom*, enxergam na figura de Jesus o messias aguardado. O caráter divino de Jesus é comprovado dentro da teologia judaico-messiânica pelas Escrituras Cristãs, por exemplo, quando narra em (Lucas 24: 35-43), a ressurreição:

¹⁵⁵ Site: www.shemaysrael.com. Acesso 08/09/2007.

¹⁵⁶ Site: www.JewishEncyclopaedia.com. Acesso em 02/01/2008.

Ainda estavam falando, quando Jesus apareceu no meio deles, e disse: “A paz esteja com vocês”. Espantados e cheios de medo, pensavam estar vendo um espírito. Então Jesus disse: Por que vocês estão perturbados, e por que o coração de vocês está cheio de dúvidas? Vejam minhas mãos e meus pés; sou eu mesmo. Toquem-me e vejam: um espírito não tem carne e ossos, como vocês podem ver eu tenho. E dizendo isso Jesus mostrou as mãos e os pés. E como eles ainda não estivessem acreditando por causa da alegria e porque estavam espantados, Jesus disse: “Vocês têm aqui alguma coisa para comer”? Eles ofereceram a Jesus um pedaço de peixe grelhado. Jesus pegou o peixe, e o comeu diante deles.

Jesus, segundo os judeus messiânicos, era judeu e se identificava plenamente com o judaísmo. Para seus teóricos a frase com a inscrição que foi pregada acima da cruz de Jesus Cristo: Jesus Nazareno Rei dos Judeus é uma das provas de sua condição judaica até na morte.

4.2. O papel da *Torá*

Torá em hebraico significa ensinamento, se refere de maneira estrita ao Pentateuco, dividido em cinco livros; *Gênesis*, *Êxodo*, *Levítico*, *Números* e *Deuteronômio*, também conhecida na tradição judaica como “Lei Escrita”. Segundo a tradição, a *Torá* foi dada a Moisés no Monte Sinai juntamente com a *Torá* Oral. Desta forma, o nome *Torá* serve como designação genérica para as duas leis, a escrita e a oral¹⁵⁷.

Para os judeus messiânicos assim como para os judeus tradicionais, a *Torá* é o centro da religião judaica:

Uma sinagoga sem *Sefer Torá* não é uma sinagoga. Por mais seriedade e sinceridade que exista num trabalho, para que ele seja aceito e compreendido é condição absoluta dentro do judaísmo a existência de um *Sefer Torá*. Não é possível implementar uma liturgia e o ritual sem a devida reverência ao que de mais sagrado existe na religião judaica. A *Torá* simboliza a manifestação física da Palavra do Eterno¹⁵⁸.

Segundo David Stern, autor do livro *Manifesto Judeu Messiânico*, a teologia cristã entendeu de maneira equivocada as palavras de Paulo e concluiu que a *Torá* já não se encontra mais em vigor. Em seu livro, Stern explica uma tese oposta:

Em *Romanos* 10, 4 quando Paulo diz: “Por que Cristo é o fim da Lei”, a maioria dos teólogos entende que o versículo diz que Jesus acabou com a *Torá*, mas a palavra grega traduzida como “fim” é *telos* cujo significado é objetivo, propósito, consumação e não término¹⁵⁹.

¹⁵⁷ Enciclopédia Judaica. Rio de Janeiro: Tradição S/A, 1967. Vol. M-Z, p. 1165.

¹⁵⁸ Site: www.judaismomessianico.com. Acesso em 07/04/2008.

¹⁵⁹ STERN, David. **Manifesto judeu messiânico**. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1989. p.117.

No capítulo *Paulo e a Torá*, do livro *Temas judaico-messiânicos* escrito pelo *Rosh* (cabeça), Igor Miguel da sinagoga messiânica *Beth Messiach* (Casa do Messias) de Cabo frio (RJ) afirma que a *Torá* é divina e que jamais um apóstolo de Jesus iria contradizê-la.

Yeshua disse claramente que Ele não veio para destruir, abolir, anular ou derrubar a *Torá* (lei). Este é um princípio básico. Mas *Yeshua* veio fazer mais, ele veio também para “cumprir”. Só que este verbo grego no original é *plerosai*, que na verdade significa: completar, acrescentar, aperfeiçoar, plenificar, etc. *Yeshua* em nenhum momento foi contra a *Torá*. Muito pelo contrário, ele veio acrescentar o sentido pleno da *Torá*, veio completar o seu significado, “plenificar” seu objetivo¹⁶⁰.

Os judeus messiânicos afirmam que a *Torá* deve ser observada à luz do Novo Testamento, ou seja, ela deve ser lida e interpretada a partir dos Evangelhos cristãos. Em entrevista concedida, Daniel Woods declarou que a *Torá* é a lei máxima e os Evangelhos que compõem o Novo Testamento fazem parte do conjunto que compõe a *Torá*, junto com o *Pentateuco*, o *Tanach* e a Lei Oral, e que os pontos que são diferentes e incompreensíveis serão explicados pelo messias quando ele voltar.

A teoria de que Jesus não veio abolir a *Torá*, segundo os judeus messiânicos, encontra-se no Sermão da Montanha descrito no Evangelho de Mateus 5, onde Jesus teria declarado: “*Não pensem que vim para abolir a Lei e os Profetas. Não vim abolir, mas dar-lhes pelo cumprimento*”.

A idéia proposta é que tanto os judeus, como judeus messiânicos e os gentios devem seguir a *Torá*. David Stern critica a postura de algumas sinagogas messiânicas que se relacionam de maneira individual com a *Torá*:

¹⁶⁰ GUIMARÃES, Marcelo Miranda. *Temas judaico-messiânicos*. Belo Horizonte: Ames, 2005. p.71

Judeus messiânicos individualmente e congregações messiânicas tem desenvolvido um relacionamento próprio com a *Torá*, cada qual fazendo o que é certo aos seus olhos, isso mostra um fracasso comunitário. A *Torá* é eterna e o Novo Testamento não a anulou¹⁶¹.

Diferentemente da Lei Oral, como veremos a seguir, para os judeus messiânicos, a *Torá* é considerada a lei máxima que não deve ser modificada ou interpretada conforme os interesses individuais de cada pessoa ou comunidade.

¹⁶¹ STERN. David. **Manifesto judeu-messiânico**. Rio de Janeiro. Louva-a-Deus, 1989. p.123.

4.3. o papel do *Talmud*

Em hebraico *Talmud* é a lei oral e significa estudo. Essa obra compila discussões rabínicas sobre as leis judaicas, costumes, tradições, lendas e histórias. Foi editada sob a forma de um longo comentário sobre as seções da *Mishná* (repetição em hebraico, esse termo refere-se ao ensino que fazia-se oralmente, com base na repetição). As seis divisões da *Mishná* tratam principalmente da *halachá* e incluem elementos de compilações da *Torá* oral.

Embora a *Mishná* não constitua um código de lei, uma vez que cita opiniões diferentes em muitos assuntos, as gerações posteriores conferiram-lhe autoridade e ela tornou-se a base de toda tradição *haláchica*. O *Talmud* é, em essência, um comentário ampliado da *Mishná*. O *Talmud* também é conhecido por seu nome aramaico, *Guemará* e foi redigido numa versão palestina (*Ierushalmi*) em 400 da era comum, e numa versão babilônia cerca de cem anos depois. Ambos tratam principalmente da *halachá*¹⁶².

Segundo a tradição judaica quando Moisés liderou a saída dos hebreus cativos no Egito, subiu ao Monte Sinai e ali recebeu de Deus as Tábuas do decálogo e a *Torá* Oral.

Em seu livro David Stern argumenta que quando a Lei oral era apenas oral, os julgamentos tendiam a ser mais espontâneos e as tomadas de decisão mais flexíveis se adaptando a situações particulares e específicas. Quando após a destruição do Segundo Templo a lei Oral foi compilada e escrita, ela se tornou mais rígida, muitas vezes não se ajustando adequadamente a determinada situação.

¹⁶² UNTERMAN, Alan. **Dicionário judaico de lendas e tradições**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

Ainda segundo o autor, o Novo Testamento permite uma abordagem baseada em uma *halachá* própria, isto é: *O Novo Testamento expõe várias dinei Torá (julgamentos específicos, relativos a como se aplica a Torá ou halackhot (aplicações da Lei) e em geral chega-se a eles através de modo de pensar totalmente rabínicos.*¹⁶³

Na sua obra *Manifesto Judeu-Messiânico*, Stern fala da existência de uma *halachá* messiânica que é capaz de proporcionar uma orientação específica, composta de normas capazes de fornecer uma base para debate dentro da comunidade. Para os judeus messiânicos, um dos aspectos mais polêmicos contidos na *halachá* são aqueles que se referem às regras alimentares: a *Kashrut*. Ao analisarmos as Escrituras Cristãs deparamos inúmeras vezes com a abolição das leis dietéticas judaicas: *Gálatas* 2,11-14; *Marcos* 7, 1-23 e *Atos* 10,9 - 22. A análise que os judeus messiânicos fazem das regras alimentares parte de uma interpretação particular dessas normas.

Daniel Woods declarou em entrevista, que segue apenas as regras alimentares descritas na *Torá*, as que ali não estão descritas não são seguidas por ele. O rabino, em uma postura radicalmente diferente do judaísmo rabínico, disse que considera impureza maior se alimentar com comidas provenientes dos chamados *fast-food* do que misturar a uma mesma refeição carne e leite. Essa postura do rabino messiânico não condiz com as regras alimentares descritas na *Torá* no livro Deuteronômio a regra de não misturar na mesma refeição carne e leite é descrita claramente: (Deut: 14:21: “Não cozerás o cabrito com o leite de sua mãe”).

A postura de Igor Miguel, em seu artigo contido no livro *Temas judaicos messiânicos*, sobre as regras alimentares (e outras normas) estabelecidas aos

¹⁶³ STERN, David. **Manifesto judeu messiânico**. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1989. p.141.

judeus tradicionais não são, segundo a interpretação desse autor, as mesmas regras que os gentios devem (ou precisam seguir):

É claro que o gentio está isento das leis alimentares (exceto os proibidos em At 21:25). Mas o princípio é claro: “alimentos” são os que realmente estão descritos em Levítico. Outros animais podem ser tomados como alimentos, mas os “alimentos que D’us criou” são descritos com clareza, no trecho citado. Um princípio que pode ser vivido por crentes em *Yeshua* sem legalismos, sendo que deve-se deixar claro que não há nenhuma obrigação bíblica para que os gentios guardem as leis alimentares. Os que optarem em guardar estes princípios, sem dúvida serão abençoados, pois a palavra de D’us nunca volta vazia¹⁶⁴.

E mais:

Nós judeus messiânicos procuramos seguir o cardápio bíblico. A todo alimento que D’us nos permitiu comer, damos o nome de alimento *cashêr*. Mas nem toda comida *cashêr* para um judeu ortodoxo é bíblica. Os rabinos exageram nesta área e ultrapassam os princípios bíblicos. Portanto, nos restringimos apenas às recomendações bíblicas. Fazemos por fé¹⁶⁵.

Segundo Daniel Woods a Lei Oral não foi inspirada por Deus, ela é importante, possui relevância histórica, mas seria no mínimo injusto colocá-la no mesmo nível que a *Torá*, mas o *Talmud*, mesmo tendo menor importância não deve ser ignorado.

Em uma das entrevistas concedidas, Woods disse que pensa da Lei Oral: “O *Talmud* é um laboratório ainda em pesquisa, cada opinião faz parte dessa procura, dessa pesquisa. O Judaísmo tradicional coloca a Lei oral acima da lei escrita. A Lei oral não é a *Torá*, isso é uma blasfêmia”

¹⁶⁴ GUIMARÃES, Marcelo Miranda. **Temas judaico-messiânicos**. Belo Horizonte: Ames, 2005. p.76.

¹⁶⁵ Ibidem.

4.4. O Estado de Israel

Jacó passou a se chamar Israel após uma luta com um anjo (Gênesis, 32), Israel que significa “ele lutou com Deus”. Os descendentes de Jacó passaram então a ser chamados de filhos de Israel e a terra que lhes foi prometida por Deus tornou-se conhecida como *Eretz Israel* (Terra de Israel) ¹⁶⁶.

Os judeus permaneceram na Diáspora desde a destruição do Segundo Templo no ano 70 da era comum; entretanto essa situação se modificou quando em 1948 foi fundado o moderno Estado de Israel. Sem querer entrar em questões sobre o surgimento e o significado do sionismo, pois trata-se de tema muito amplo e complexo, é fundamental lembrar que Israel é de extrema importância na formação da identidade dos judeus, assunto que já foi levantado no primeiro capítulo desse trabalho.

Vejamos agora a importância do Estado de Israel para os judeus messiânicos:

Todos os anos um grupo de integrantes da *Beit Sar Shalom* viaja a Israel. Essas viagens, além de terem o intuito de lazer, também têm a função de peregrinação. O roteiro escolhido inclui não somente o chamado “roteiro judaico”, visitando modernas cidades como *Tel Aviv e Haifa* e sítios de interesse judaico como *Massada* e o museu do Holocausto em Jerusalém (*Yad’Va Shem*), como também o “roteiro cristão”, visitando pontos como a *Via Crucis*, a Igreja da Natividade, etc. Esses passeios são promovidos por um membro da comunidade, proprietária de uma agência de viagens.

¹⁶⁶ UNTERMAN, Alan. **Dicionário judaico de lendas e tradições**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

Nos rituais realizados na sinagoga no Brasil, em diversas ocasiões, às sextas-feiras após a cerimônia do *Kidush*, o Hino de Israel é entoado pelos fiéis. Outro sinal importante da relação da *Beit Sar Shalom* com o Estado de Israel é a presença da bandeira israelense colocada em lugar de destaque na sinagoga, e algumas fotos e quadros espalhados pela casa evocando cenas israelenses modernas. Essas referências confirmam uma relação afetiva que os membros da comunidade mantêm com o Estado de Israel.

Daniel Woods afirma que todos os fiéis que freqüentam a *Beit Sar Shalom* apóiam incondicionalmente o Estado de Israel, fato comprovado pelas respostas dos questionários. As pessoas que responderam as perguntas declararam que o Estado de Israel seria a Terra prometida por Deus ao povo judeu e o local aonde o Messias teria vindo, é um lugar sagrado e que pertence aos judeus, sejam eles tradicionais ou messiânicos. Vários membros da *Beit Sar Shalom* manifestaram também vontade de fazer *aliah*¹⁶⁷ em algum momento de suas vidas.

O questionário que foi respondido pelos freqüentadores da *Beit Sar Shalom* continha a seguinte pergunta: *O que significa para o Sr.(a) o Estado de Israel?* As respostas foram as mais variadas, mas sempre com sentido religioso, e nunca laico: Alguns exemplos de respostas dos questionários respondidos pelos membros da *Beit Sar Shalom*:

- “Jesus nasceu, morreu e ressuscitou em Israel”.
- “Abraão saiu da caldeia e foi para Israel”
- “Deus determinou que o povo hebreu fosse para Israel”
- “Onde acontecerá a segunda vinda do messias?”
- “A segunda vinda do messias será em Israel”

¹⁶⁷*Aliah*- hebraico- significa subida. O termo também tem o significado de visitar, imigrar para Israel.

No *Manifesto Judeu Messiânico*, David Stern coloca a questão do relacionamento dos judeus messiânicos com o Estado de Israel da seguinte forma:

Concluimos ali que Deus cumprirá sua promessa de entregar a Terra de Israel ao povo judeu, embora os direitos árabes dispostos a nela viver em paz devam ser preservados. Observamos que o judaísmo messiânico vai girar eventualmente em torno de Israel, primeiro porque a Escritura profetiza- “Por que de Sião sairá a *Torá* e a palavra de *Adonai* de Jerusalém”, segundo, porque nenhum movimento importante que se centralize na Diáspora quando existe o estado judaico pode ter esperanças de afetar significativamente o povo judeu; e terceiro, porque existe um forte sentimento enraizado entre os judeus messiânicos de que assim deve ser. Significa que, em última análise, quando “todo Israel for salvo”, o sistema sócio-político de Israel será judeu messiânico¹⁶⁸.

Além de afirmar, conforme o trecho acima citado, que um dia Israel será um Estado judaico messiânico, Stern defende a idéia que hoje, no Estado de Israel, um judeu messiânico não precisa provar sua judaicidade, pois a maioria da população é judaica, por isso uma congregação messiânica seria livre para “*se focalizar no messias*”.

O autor defende a imigração de judeus messiânicos para Israel a fim de aumentar a população judaico messiânica no país e promover a evangelização dos judeus tradicionais. É interessante notar que no Estado de Israel a prática do proselitismo é proibida por lei.

Marcelo Miranda Guimarães reforça essa postura:

Por isso, tentou-se arrancar, violentar e estrangular para sempre a “menina dos olhos de D’us”. A prova do Estado de Israel, o movimento sionista levando os judeus do mundo todo de volta para

¹⁶⁸ STERN, David. **Manifesto judeu messiânico**. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1989. pp.195-196.

Sião, a própria terra de Israel é a maior prova da fidelidade da palavra de D'us. O deserto dando frutos, a língua hebraica reconstituída, as cidades bíblicas sendo reconstruídas, são provas da profecia do Eterno para com seu povo que já começou a ser salvo e a reconhecer profeticamente *Yeshua Há Mashiach*, o nosso Messias, como o rei dos Reis¹⁶⁹.

Os judeus messiânicos consideram o Estado de Israel a pátria por direito dos judeus, esse direito seria confirmado pela narrativa bíblica. Ao se identificarem como judeus, os messiânicos tem a mesma relação com Israel que os judeus tradicionais, ou seja, o lugar designado por Deus para o povo judeu e não aceitam, portanto, a idéia de não serem bem aceitos, o que eles consideram uma decadência espiritual do Estado de Israel¹⁷⁰, Além do mais, David Stern reforça essa idéia ao dizer que considera Israel um país “*espiritualmente subdesenvolvido*” por não aceitar os judeus messiânicos como verdadeiros judeus. É importante assinalar que os judeus laicos na atualidade não estão ligados a Israel pela promessa divina diferentemente dos judeus messiânicos.

¹⁶⁹ GUIMARÃES, Marcelo Miranda. **Temas judaico-messiânicos**. Belo Horizonte: Ames, 2005. p.32.

¹⁷⁰ Site: www.judeusmessianicos.com. Acesso em 22/02/2008.

4.5. A Shoá como fator identitário

Os judeus que sofreram as perseguições e mortes perpetradas pelos nazistas têm um elo em comum, além da religião e do Estado de Israel. Tal evento passou a ter um forte valor identitário não só entre aqueles que passaram por tais eventos, mas também por seus descendentes e judeus que mesmo não tendo vivido diretamente o Holocausto se identificaram com suas vítimas, ou seja, o Holocausto é parte medular da identidade judaica moderna e contemporânea.

Entretanto, no material impresso ou digital dos judeus messiânicos não há muitas referências ao Holocausto. De uma maneira geral, os artigos preocupam-se mais em atacar a indiferença da Igreja Católica em relação às perseguições nazistas aos judeus. No livro *Temas judaicos messiânicos* há apenas uma pequena referência à Shoá de meia página explicando ao leitor o que foi o Holocausto durante a II Guerra Mundial. No livro de David Stern não foi encontrada nenhuma referência ao Holocausto.

Em uma das entrevistas concedidas, Daniel Woods narrou o ocorrido em uma visita ao museu do Holocausto em Israel destacando a frieza que os seus companheiros de viagem, freqüentadores da *Beit Sar Shalom*, demonstraram diante dos horrores expostos nesse museu. Woods declarou que ficou decepcionado e que esperava uma reação mais emotiva, disse então que essas pessoas que o acompanhavam “*careciam de profundidade*”.

Como foi verificado nos questionários, muitos dos freqüentadores da *Beit Sar Shalom* não são judeus de nascimento, assim, o Holocausto torna-se algo distante de sua realidade. Diferentemente do Estado de Israel que apesar de moderno

contém diversas referências bíblicas, a *Shoá* é um evento moderno, não citado biblicamente, razão pela qual não desperta interesse religioso nos judeus messiânicos. Deste modo, o Holocausto é visto como um evento histórico lamentável, mas não se transforma num elemento de identificação para os judeus messiânicos.

Capítulo V - Os judeus messiânicos falam sobre os outro

5.1. Os judeus messiânicos falam sobre o judaísmo

Os judeus messiânicos se consideram judeus em termos de identidade religiosa, porém a relação com o judaísmo tradicional tem se mostrado conflituosa, tanto do lado judaico-messiânico, como do lado do judaísmo tradicional.

No livro *Manifesto judeu messiânico*, Stern afirma que os judeus messiânicos têm uma dupla tarefa: a de fazer apologia do judaísmo messiânico aos gentios e aos judeus tradicionais, e essa tarefa nem sempre ocorre em um ambiente harmonioso¹⁷¹.

O principal conflito está na crença dos judeus messiânicos de que a sua religião está fundamentada nas Escrituras Hebraicas, e que o Novo Testamento deve ser lido à luz do judaísmo¹⁷². Ou seja, o judaísmo messiânico tem a tarefa de convencer os judeus de que o messias já veio.

Uma das perguntas do questionário respondido pelos membros da *Beit Sar Shalom* era: *Para o Sr.(a) o que significa ser judeu?* Uma das respostas foi a seguinte: *“Judeu: Povo escolhido pelo Hashem. Descendente de Israel (não o Estado), os descendentes de Jacó. O povo escolhido por Deus, mas um povo que conhece pouco dos ensinamentos, melhor poucos judeus conhecem muito e muitos judeus conhecem pouco”*.

¹⁷¹ STERN, David. **Manifesto judeu messiânico**. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1989.

¹⁷² Site: www.ensinandodesião.org.br. Acesso em 03/11/2007.

Essa resposta deixa clara a maneira de pensar de muitos judeus messiânicos (fato comprovado pelas várias respostas dos questionários): Há uma tensão entre os judeus messiânicos e os judeus que não acreditam que Jesus é o messias.

Um outro ponto de atrito entre o judaísmo e o judaísmo messiânico que já foi abordado no capítulo IV, é a autoridade do *Talmud*: se para os judeus tradicionais o *Talmud* tem extrema importância não só na conduta religiosa como também na vida cotidiana, para os judeus messiânicos sua importância é diminuída, se não omitida.

Quando o questionário foi distribuído na *Beit Sar Shalom*, uma das grandes dificuldades encontradas foi a falta de predisposição dos frequentadores da sinagoga messiânica para responder às questões. Um dos motivos principais alegados pelos entrevistados foi a desconfiança de que suas palavras fossem mal interpretadas, principalmente pela comunidade judaica tradicional.

Daniel Woods inclusive declarou que em uma entrevista concedida a uma revista judaica (ele não disse qual) suas palavras foram deturpadas causando-lhe inúmeros dissabores.

No livro *Temas Judaico-messiânicos*, no capítulo escrito por Joseph Shulam, esses conflitos são explicitados da seguinte forma:

[...] é mais freqüente se encontrar uma comunidade judaica mais inclinada a cooperar com cristão “gentio” do que com judeus que crêem que *Yeshua* é o Messias. Uma das razões desta atitude entre os judeus é o modo pelo qual o judeu messiânico tem sido percebido. Aqui estão algumas das percepções comuns da comunidade judaica acerca dos judeus messiânicos:

1. Eles são judeus que não conhecem o judaísmo. Somente judeus ignorantes e convertidos ao judaísmo aceitam o cristianismo;
2. O “judaísmo” dos judeus messiânicos é exatamente como um método missionário enganoso;

3. Não há diferença entre judeus messiânicos e missionários cristãos;
4. As congregações judaico-messiânicas são compostas, em sua maioria, de gentios que vem de algumas denominações cristãs e usam alguns poucos judeus como isca para atrair outros judeus¹⁷³.

Os judeus messiânicos admitem que o impacto de sua crença seja maior nas comunidades cristãs do que na comunidade judaica tradicional, e pregam um esforço proselitista no sentido de modificar essa situação¹⁷⁴. Isto foi visto claramente no capítulo III quando foram explicadas as relações dos judeus messiânicos com o Estado de Israel, em uma passagem de seu livro David Stern diz claramente que uma das funções da imigração messiânica a Israel é de evangelização do povo judeu.

Segundo os judeus messiânicos, as tradições judaicas devem ser mantidas, acreditam que não há motivos para que eles sejam rejeitados e terem sua religião refutada pelos judeus tradicionais, pois segundo seu ponto de vista, são tão judeus como aqueles que não crêem em Jesus Cristo como messias.

Além do mais, o judaísmo messiânico não admite o não reconhecimento do judaísmo de seus membros, para eles judaísmo é um só:

Os verdadeiros judeus messiânicos não concordam com o grupo "*Jews for Jesus*", pois este movimento tem a finalidade de levar os judeus a se tornarem cristãos, diferentemente do judaísmo messiânico que leva o messias ao povo judeu sem retirá-lo dos princípios da fé judaica¹⁷⁵.

¹⁷³ GUIMARÃES, Marcelo Miranda. **Temas Judaico-messiânicos**. Belo Horizonte: Ames, 2005. p.91.

¹⁷⁴ Ibidem

¹⁷⁵ Site: www.beitshuva.com. Acesso em 23/01/2008.

Por outro lado, várias das respostas obtidas nos questionários respondidos na comunidade da *Beit Sar Shalom*, declararam o orgulho de alguma forma pertencer ao povo judeu. Exemplos:

“Ser judeu significa herdar as bênçãos, representar a aliança entre o Eterno, os patriarcas e o povo de Israel”.

“O povo escolhido por Deus”

“Uma bênção, pois venho de um povo escolhido para ser o povo santo, significa um privilégio de ser descendente dos patriarcas bíblicos, é maravilhoso ser do povo especial do Todo Poderoso, do povo que recebeu as Escrituras Sagradas”.

Esse orgulho é manifestado tanto por aqueles que se declaram judeus de nascimento, como por aqueles que nasceram em outras denominações religiosas.

5.2. Os judeus messiânicos falam sobre o cristianismo:

Apesar de acreditarem que Jesus Cristo é o messias, os judeus messiânicos não se consideram cristãos, consideram a fé cristã uma fé judaica, pois para eles, a bíblia foi escrita por judeus, e além de tudo, Jesus era judeu. Como foi mencionado a idéia original não era a da criação de uma nova religião quando Deus enviou o messias aos homens, mas sim dar continuidade ao que estava já estabelecido nas Escrituras hebraicas, o judaísmo messiânico, portanto, seria dentro dessa perspectiva, uma continuação do projeto de Deus iniciado com o povo de Israel.

Segundo Flusser:

A origem judaica do cristianismo é um fato histórico. Também está claro que ele constituía uma nova comunidade, distinta do judaísmo. Portanto, o cristianismo se encontra na situação peculiar de ser uma religião que, em virtude de suas origens cristãs, é obrigada a se ocupar com o judaísmo, ao passo que um judeu pode viver plenamente sua vida religiosa sem lidar com os problemas do cristianismo. Desde o começo, o cristianismo se viu mais ou menos como herdeiro do judaísmo e como sua verdadeira expressão, ao mesmo tempo em que sabia que tinha passado a existir pela graça especial de Cristo. Como a grande maioria dos judeus não concordava com seus irmãos cristãos nessa reivindicação, o cristianismo tornou-se uma religião de gentios para quem, a partir do século II era proibido observar os mandamentos da Lei de Moisés¹⁷⁶.

Os judeus messiânicos, em seus livros e *sites*, falam sobre a chamada *Teologia da Substituição* que para eles é um dos fatores preponderantes para um relacionamento tenso entre a Igreja e os judeus, tanto tradicionais como messiânicos. Essa doutrina declara que entre os primeiros cristãos e os judeus houve uma ruptura gradual que foi precipitada pela destruição do Templo no ano 70

¹⁷⁶ FLUSSER, David. *O judaísmo e as origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p.165.

da era comum, desencadeando cada vez mais uma dissimetria entre sinagoga e a Igreja nascente.

Em Roma, quando o imperador Constantino, no segundo século, declara a religião cristã oficial do Império, a distância entre Sinagoga e Igreja se torna abissal. A Igreja passa a ensinar que ela teria substituído Israel, em vez de estar enxertada nela. A separação definitiva entre as duas matrizes religiosas, judaísmo e cristianismo, teria resultado em ações de não aceitação mútua entre as duas religiões.

Em relação a esse tópico os judeus messiânicos dizem que cristianismo não só errou ao se considerar agora a verdadeira doutrina de Deus como também se equivocou ao forçar os judeus a renunciarem à sua fé e se converterem ao cristianismo. A igreja gentílica, portanto, não deve segundo seus preceitos substituir a religião judaica.

O judaísmo messiânico, em contraste, acredita que Yeshua não veio estabelecer uma nova religião, mas de fato cumprir uma antiga (Mateus 5:17)¹⁷⁷.

O cristianismo é visto como uma religião que nega o judaísmo, uma religião que se fecha aos ensinamentos judaicos, considerados pelos judeus messiânicos como verdadeiros. Acreditam que a Igreja dá mais importância a interpretações pessoais de textos bíblicos do que aos próprios textos bíblicos.

Em sua obra, David Stern tem uma visão menos radical no relacionamento com a cristandade. Segundo suas palavras há uma neurose na relação entre judeus

¹⁷⁷ Site: www.judaismomessianico.com.br. Acesso em 02/03/2008.

e cristãos: atitudes judaicas anti-gentílicas devem ser evitadas, assim como atitudes anti-semitas não devem estar presentes no comportamento dos cristãos. O autor diz que o judeu messiânico tem dois papéis a representar: primeiro, deve fazer o possível para corrigir a igreja no seu relacionamento com os judeus e com o judaísmo. Segundo, deve evangelizar a comunidade judaica, auxiliar a igreja a levar o Evangelho aos judeus¹⁷⁸.

A característica que permeia a maioria dos relatos dos judeus messiânicos é a de que não há necessidade de se tornar judeu para ser um judeu messiânico e, por outro lado, um judeu não deve se gentilizar para se tornar um judeu messiânico.

Na *Beit Sar Shalom* há um convívio bastante intenso entre pessoas advindas das mais diversas denominações religiosas; entre os que responderam os questionários, a maioria declarou vir de religiões evangélicas.

Daniel Woods disse diversas vezes que mantém excelente relacionamento com religiosos e membros de outras comunidades judaico-messiânicas, congregações evangélicas (inclusive seus filhos estudam em uma escola evangélica de origem norte-americana: PACA- *Pan Christian Academy*, escola metodista que se localiza no bairro de Interlagos na cidade de São Paulo). Ao ser argüido do porquê seus filhos estudam em uma escola cristã, Woods respondeu que educação judaica eles tem em casa, a escola serve para dar uma educação cristã mais ampla a seus filhos.

Em certa ocasião, no serviço religioso da *Beit Sar Shalom* encontrava-se o representante da religião *Jews for Jesus* no Brasil. Além disso, o rabino mantém um contato bastante estreito com a comunidade judaica tradicional, sendo inclusive sócio do clube A Hebraica que frequenta com seus familiares.

¹⁷⁸ STERN, David. **Manifesto judeu messiânico**. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1989.

Enquanto o relacionamento com as várias denominações evangélicas é harmoniosa dentro da *Beit Sar Shalom*, as declarações de Woods com relação à Igreja Católica Apostólica de Roma são sempre muito tensas. Em entrevista, o rabino declarou que a Igreja Católica é anti-semita.

Nos questionários respondidos pelos membros da *Beit Sar Shalom* fica claro a relação conflituosa que a maioria dessas pessoas mantém com a Igreja Católica Apostólica Romana. Alguns exemplos de declarações:

“Às vezes vou à CIP (Congregação Israelita Paulista) e algumas Igrejas cristãs, não católicas”.

“Não frequento Igrejas católicas, nem vou à missa”.

Essa visão é compartilhada com outras sinagogas messiânicas:

Diferentemente da Igreja Primitiva, cheia de graça de Jesus, a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) foi instituída pelo Império romano por seu imperador Constantino, sem nenhuma responsabilidade com a palavra de Deus, a estrutura dessa Igreja foi fundada numa mescla profana dos ensinamentos pagãos da Babilônia, do Egito, da Grécia, e outros¹⁷⁹.

Esse distanciamento da Igreja Católica Apostólica Romana é explicado pelos judeus messiânicos como uma atitude reativa, a uma postura anti-judaica dos católicos dentro da sua doutrina religiosa, e portanto, o que levaria a ter dificuldades em aceitar e compreender a religião judaico-messiânica.

Outro fator importante a ser analisado e já comentado no primeiro capítulo desse trabalho, é a composição religiosa da *Beit Sar Shalom*, das dezesseis

¹⁷⁹ Site: <http://fimdodosdias.com.br>. Acesso em 06/02/2008.

peessoas entrevistadas, apenas uma delas se disse católica de nascimento, e outra, filha de casamento misto entre um judeu e mãe católica, quatro se declaram judeus de nascimento e dez se declaram pertencentes a outras denominações religiosas. Entre elas: Igreja Batista Esperança (1), Igreja Renascer em Cristo (2), Igreja Adventista do Sétimo Dia (1), Igreja Universal do Reino de Deus (3), Protestantismo (3).

Apenas as crianças, filhos dos membros da *Beit Sar Shalom* e Daniel Woods e seus familiares: esposa e sete filhos nasceram e foram criados dentro do judaísmo messiânico.

Capítulo VI - Os Judeus falam dos judeus messiânicos

Neste capítulo será feita uma breve discussão sobre a visão que o judaísmo rabínico tem sobre o judaísmo messiânico. Para tal foram entrevistados alguns líderes da comunidade judaica paulista. Também será analisado um artigo sobre judaísmo messiânico do rabino Nilton Bonder da Congregação Judaica Brasileira do Rio de Janeiro. Os entrevistados foram: Alberto Milkewitz, diretor institucional da Fisesp (Federação Israelita do Estado de São Paulo), Rabino Michel Schelesinger, da Congregação Israelita Paulista (CIP), Rabino Alexandre Leone da sinagoga *Bnei Chalutzim* (Alphaville, São Paulo) e Rabino Daniel Touitou da comunidade *Kehilat Mizrahi*.

Essas personalidades representam um amplo espectro do judaísmo brasileiro, dentre os diferentes tipos de judaísmo podemos destacar os ultra ortodoxos, ortodoxos e os liberais: conservadores e reformistas.

Diferentemente dos ortodoxos o judaísmo conservador é mais flexível no cumprimento das leis religiosas; já os judeus reformistas aceitam a lei judaica, porém tem autonomia para interpretar essas leis. Segundo a *Encyclopaedia Judaica Jerusalém*, o termo ortodoxia apareceu pela primeira vez relacionado ao judaísmo em 1795, no entanto, passou a ser mais usado a partir do início do século XIX para marcar o contraste com o movimento Reformista Judaico. Já o termo Judaísmo reformista, segundo essa mesma fonte, emergiu em resposta às mudanças políticas e culturais que a emancipação judaica trouxe na Alemanha no século XIX¹⁸⁰.

¹⁸⁰ *Encyclopaedia Judaica Jerusalem*. Vol. 14 p. 23 e Vol.12 p.1486.

Apenas para um breve esclarecimento das divisões entre as várias correntes do judaísmo no Brasil, podemos citar o caso da cidade de São Paulo, onde as primeiras sinagogas foram fundadas entre as décadas de 1920 e 1930; neste período não havia uma distinção clara entre as várias denominações religiosas. Segundo a antropóloga Marta Topel até a década de 1980, o termo ortodoxia não existia no Brasil, havia apenas uma distinção entre a sinagoga liberal (CIP- Congregação Israelita Paulista) e as outras sinagogas, que eram conhecidas como tradicionais¹⁸¹. Entretanto, por inúmeras razões, que não cabe a essa dissertação discutir, a partir da década de 1970, ocorreu em São Paulo, um crescimento das correntes ortodoxas, marcadas pela fundação do primeiro centro do *Chabad*¹⁸² em 1974 e o estabelecimento do *Binyan Olam*¹⁸³ na década de 1980, ambas são instituições ortodoxas que apresentaram forte crescimento na década de 1990.

Levando-se em consideração essas diferenças entre as diversas correntes do judaísmo, foram feitas as mesmas perguntas para todos os entrevistados: O Senhor conhece ou já ouviu falar sobre o movimento judaico-messiânico? Em sua opinião eles são judeus dentro no sentido *halachico*?

Nas respostas às entrevistas que se seguem não há nenhuma ordem hierárquica dos entrevistados.

Alexandre Leone¹⁸⁴ considerou que as perguntas devem ser respondidas em dois níveis, o coletivo e o individual. Segundo o rabino, no nível coletivo, as comunidades judaico-messiânicas não devem ser consideradas como verdadeiras comunidades judaicas e nem parte do povo judeu, mesmo que tenham práticas e

¹⁸¹ TOPEL, Marta. **Jerusalém & São Paulo, a nova ortodoxia judaica em cena**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

¹⁸² *Chabad* - Nome da corrente ortodoxa *chassídica* fundada no Século XVIII.

¹⁸³ *Binyan Olam* – Nome de uma das congregações ortodoxas de São Paulo.

¹⁸⁴ Resposta enviada via e-mail em 08/02/2008.

observâncias religiosas semelhantes às praticadas pelos judeus religiosos, isso porque essas comunidades advogam a doutrina de que Jesus de Nazaré é o messias, filho de Deus,

No nível individual, os judeus messiânicos, segundo o rabino Leone, ainda que permaneçam judeus segundo a *halachá*, devem ser considerados apostatas do judaísmo. Ele acredita que por serem pessoas que abandonaram o povo judeu, eles perderam o direito de serem enterrados no cemitério judaico (ainda mais que tal enterro poderia resultar em práticas não judaicas em campo santo) e que, no caso de pessoas não judias eles permanecem não judeus (gentios). Igualmente, no caso de não judeus que buscam uma corte rabínica (*beith din*) para fazerem a conversão sem declarar que são de fato messiânicos. Como enganaram o *beith din*, sua conversão é nula.

Segundo Leone, o judaísmo como tradição religiosa não se compõe apenas de práticas e observâncias religiosas, mas tem também certo espectro de crenças, pensamentos religiosos e uma literatura sagrada que lhe caracteriza. Para o judaísmo, a *Torá* não é apenas *halachá* (lei), mas também *agadá* (narrativa teológico-sapiencial). Assim como há discussão no âmbito da *halachá*, há discussão no âmbito da *agadá*. E se isso dá vida, tensão e diversidade ao pensamento judaico, também coloca limites ao que é um debate judaico e o que está fora deste debate. O rabino, em sua resposta, afirmou que nenhum homem, como por exemplo Jesus, seja a encarnação de Deus e que todos os rabinos concordam que o messias ainda não chegou e também estão de acordo que os Evangelhos não fazem parte do cânon judaico.

O que quero demonstrar com esses exemplos é que as crenças básicas dos judeus messiânicos não são partes da tradição judaica e na verdade são parte do corpo da tradição cristã, que se constitui numa outra religião independente do judaísmo. O que confunde muito é que Jesus de Nazaré e os seus primeiros seguidores, na primeira metade do século I eram judeus, mas essa primeira seita nazarena (cristã) logo evoluiu em um conjunto de comunidades que se constituíram numa outra religião com forte presença de elementos greco-romanos. Esse cristianismo que venceu e se espalhou foi o cristianismo de Paulo que advogava o fim da observância da *Torah*. Existiu nos primeiros séculos da era comum um grupo de judeus-cristãos, os ebionitas, que não criam na divindade de Jesus, nem consideravam os escritos de Paulo como parte do seu cânon. Eles foram considerados sectários pelos rabinos e como hereges pelos outros cristãos e acabaram desaparecendo.

Ainda segundo Alexandre Leone, é necessário notar que os atuais judeus messiânicos nasceram de um movimento surgido no final do século XIX, na Inglaterra e nos EUA e diferem dos ebionitas, pois, não só crêem na divindade de Jesus como também têm um cânon que não se distingue em nada do cânon dos cristãos evangélicos, tanto no Velho como no Novo Testamento.

Desse modo eles são de fato um ramo do cristianismo, compartilhando com outros cristãos, crenças e cânon. Na impossibilidade de reconstruir o judaísmo do primeiro século, eles se vestem com as roupagens do judaísmo rabínico, mas isso é uma mistificação e um *non sense*.

O Rabino Daniel Touitou¹⁸⁵, da mesma forma que o rabino Leone citou os ebionitas para compará-los aos judeus messiânicos da atualidade, e ambos disseram que a grande diferença entre os dois movimentos é aquela que constitui o caráter divino de Jesus. Além disso, o rabino afirmou que considera o judaísmo messiânico uma religião cristã, não judaica, opinião que é compartilhada por todos entrevistados.

¹⁸⁵ Entrevista concedida por telefone em 08/04/2008.

Segue a reprodução da entrevista feita com o rabino por telefone:

“Já ouvi falar do judaísmo messiânico e da Beit Sar Shalom. Não se pode considerá-los judeus, pois essa crença não existe no judaísmo, não é uma opção judaica, não é uma forma judaica de professar a religião.

A crença em Jesus antagoniza com o judaísmo que jamais vai aceitar Jesus, Jesus não é Deus, ninguém sabe ao certo o que Jesus falou.

Diferentemente dos ebionitas do século I e II que consideravam Jesus um profeta, retirando seu caráter divino, os judeus messiânicos acreditam que Jesus é o messias, filho de Deus, e isso é inaceitável para o judaísmo.

Os judeus messiânicos vestem-se como judeus, realizam ritos parecidos com os judaicos, se comportam como judeus, mas são cristãos. Na realidade o judaísmo messiânico se constitui de um grupo cristão vestido de roupas judaicas.”

O rabino da Congregação israelita Paulista, Rabino Michel Schlensinger¹⁸⁶ respondeu as questões via e-mail, assim como o Sr. Alberto Milkewitz, e ambos foram categóricos ao afirmar que, da perspectiva da *halachá*, os judeus messiânicos não podem ser considerados judeus.

Assim, segundo o rabino Michel Schlensinger:

“Já li a respeito do judaísmo messiânico. Pela halachá, judeu é aquele que nasceu de mãe judia ou converteu-se ao judaísmo dentro de um processo legítimo. O fato é que esse grupo não é reconhecido pela comunidade judaica organizada.”

¹⁸⁶ Entrevista concedida via e-mail em 11/02/2008.

Já para Alberto Milkewitz¹⁸⁷:

“Conheço os movimentos messiânicos, inclusive a Beit Sar Shalom. Pela perspectiva da halachá, com uma visão ortodoxa, não podem ser considerados judaicos, nem por uma visão do judaísmo contemporâneo (Movimento Conservador e Reforma ou Progressive Judaism).”

Por último, o artigo publicado pelo rabino Nilton Bonder¹⁸⁸ *“Messianismo e Práticas de Heresia”*, inicia com o relato do rabino que se disse motivado a escrever sobre o movimento judaico messiânico depois de ter recebido um folheto de divulgação de uma sinagoga messiânica de uma pessoa que viajara aos Estados Unidos.

O rabino Bonder afirma que os movimentos religiosos que existem hoje dentro do judaísmo são exemplos de um mesmo que é diferente, ou seja, dentro de uma mesma religião é possível haver diferentes interpretações dos rituais e tradições. Essas diferenças serão toleradas ou não conforme a disposição dos grupos em aceitá-las, no entanto essa tolerância ao diferente dependerá de uma definição clara de quem pertence ou não àquela fronteira identitária. Sem fronteiras que definam o que é um mesmo ou o que é um outro, não existe qualquer possibilidade de tolerância.

Bonder escreveu em seu artigo que, hoje, nas grandes capitais é cada vez mais visível o movimento judaico messiânico e que esse grupo se assume como parte da fé judaica que reconhece Jesus enquanto messias e pratica o judaísmo em sua forma cultural e tradicional. Segundo o rabino os judeus messiânicos:

¹⁸⁷ Entrevista concedida via e-mail em 18/02/2008

¹⁸⁸ Retirado do site: <http://www.cjb.org.br/gevura/religao/messianismo>, acesso em 23/04/2008.

Têm corpo de judeu – propõe-se as *mitsvot*, circuncisão, *kashrut*, *shabat*, *tefilá*, chama seu mentor espiritual de rabino e sua casa de orações de sinagoga – e alma cristã-fala de *Yeshua*, o salvador que trouxe nova luz e faz uso de livros que não fazem parte do cânone judaico. Há sem dúvida um canto de sereia no ar e um desafio em particular para aqueles que toleram. Este grupo não é um mesmo diferente, é um outro. Poderia ao assumir isto ser até mesmo da dimensão da apreciação.

No artigo, há uma acusação aos judeus messiânicos de falta de transparência e de cometerem um erro ao tentarem fazer parte de um mesmo, para o rabino eles são outro, são cristãos e não judeus. Sobre essa questão Bonder escreve:

“A heresia não é da dimensão do outro, mas do mesmo. Reforçar as identidades fazer-se mais outro, é o caminho da paz e da apreciação. Que cristãos sejam mais cristãos, que judeus sejam mais judeus, em particular assumindo a sua legítima diversidade”.

Todos os entrevistados demonstraram conhecer o judaísmo messiânico e com exceção do rabino Nilton Bonder (o qual não foi entrevistado) todos já ouviram falar da *Beit Sar Shalom* e deixam absolutamente claro que, para o judaísmo rabínico, não há como classificar os judeus messiânicos como judeus. Para todas as opiniões aqui reproduzidas, o judaísmo messiânico é uma religião cristã que usa elementos judaicos. Há para os entrevistados uma incompatibilidade entre o judaísmo rabínico e o messiânico, pois a crença de que Jesus seja o messias vai contra o preceito básico da religião judaica da espera do messias que ainda não veio assim como o Novo Testamento não faz parte do cânon judaico. Nilton Bonder afirma que o judaísmo messiânico é uma outra religião e não parte da religião judaica

Conclusão

Os membros da comunidade *Beit Sar Shalom* praticam uma religião que eles denominam Judaísmo Messiânico. Segundo seu rabino, o Sr. Daniel Woods, essa não é uma religião nova, e sim uma vertente do judaísmo que pretende resgatar a religião praticada pelos primeiros seguidores de Jesus nos séculos I e II da era comum. Segundo os judeus messiânicos, os cristãos primitivos foram aqueles que apesar de acreditarem que Jesus era o messias, ainda mantinham as tradições judaicas. O judaísmo messiânico se julga herdeiro direto desses grupos. Assim, os membros dessa religião não vêem contradição alguma em se autodenominarem judeus e acreditarem ao mesmo tempo, que o salvador, no caso, Jesus, já veio, crença muito diferente do judaísmo rabínico que ainda está à espera do messias.

Diferentemente do messianismo judaico que foi brevemente descrito no capítulo II, aqueles que seguem o judaísmo messiânico crêem que o messias já veio e que voltará uma segunda vez. Os membros da *Beit Sar Shalom* acreditam que Jesus é o messias, sabem quando ele veio, crêem que ele voltará e sabem que sua natureza é divina.

O judaísmo messiânico, como foi analisado nesse trabalho, é uma religião que mistura elementos de duas vertentes religiosas: judaísmo e cristianismo. Do cristianismo o pilar mais importante é a crença em Jesus, e do judaísmo, as tradições, as festas, a língua hebraica, os rituais de iniciação e passagem e o serviço religioso. Assim, podemos afirmar que o judaísmo messiânico é uma religião de caráter sincrético que mistura, não de forma aleatória, mas a partir de escolhas muito bem determinadas, elementos ora do judaísmo, ora do cristianismo, dependendo de necessidades específicas. O ritual é a confirmação dessas escolhas.

Assim, a composição dos elementos que compõem os rituais são cuidadosamente escolhidos, como por exemplo, a língua que é utilizada durante o serviço religioso (às vezes hebraico, às vezes português), ou as composições das orações e canções tradicionais judaicas que são modificadas a fim de se adaptar ao ritual judaico-messiânico.

Foi observado na *Beit Sar Shalom* uma nítida preferência por rituais judaicos. Outra questão relevante é que o ambiente da sinagoga tem poucas referências cristãs, não há nenhuma cruz ou imagem nas suas dependências. Tanto a arquitetura como a decoração da *Beit Sar Shalom* é muito semelhante às das sinagogas tradicionais. O cristianismo se faz notar através de elementos como o Novo Testamento que recebe lugar de destaque junto à *Torá* e as bíblias que são oferecidas aos fiéis todas elas de João Ferreira de Almeida.

Para esta pesquisa foram analisados alguns rituais e festas celebrados pelos judeus messiânicos. Das festas foram destacadas *Pessach*, *Rosh há-Shaná*, e *Yom Kipur*, por serem celebrações de extrema importância para o judaísmo.

Pessach comemora a libertação dos judeus do cativeiro no Egito e tem um significado medular na análise, já que se trata de uma festa judaica que tem correspondência cristã: o período referente aos dias que se estendem da crucificação à ressurreição de Jesus. Os judeus messiânicos festejam conjuntamente a Páscoa judaica e a cristã concedendo um duplo significado a essa efeméride. É interessante que, embora, os membros da *Beit Sar Shalom* acreditem que Jesus é o salvador enviado por Deus, a celebração não é a mesma dos cristãos, não há festas em homenagem à ressurreição ou um momento de contrição pela morte do messias, como é comum a todas as religiões de vertente cristã. A

comemoração da Páscoa pelos judeus messiânicos é igual à realizada nas sinagogas judaicas.

O *Rosh há-Shaná*, assim como o *Yom Kipur* são momentos dedicados à contrição e expiação dos pecados; esses são os períodos das chamadas grandes festas judaicas e são de fundamental importância para os judeus. Assim como acontece com o *Pessach*, *Rosh há-Shaná*, que simboliza o início do ano novo judaico, tem uma correspondência cristã: o início do ano novo civil que é celebrado à meia-noite do dia 31 de dezembro. De igual modo aos judeus, os judeus messiânicos só dão importância religiosa ao ano novo judaico.

Os judeus messiânicos tampouco não comemoram o Natal que, segundo Daniel Woods, é uma data que foi forjada pela Igreja Católica; mais precisamente, já que o rabino acredita que o dia do nascimento de Jesus não é conhecido, portanto não há uma data exata para celebrar esse acontecimento.

Yom Kipur é considerada a festa mais sagrada do judaísmo. Esta celebração, ao contrário das outras duas festas analisadas anteriormente, não encontra correspondência dentro do cristianismo. A sua escolha para esse trabalho ocorreu em função da sua grande importância entre os judeus. Para os judeus messiânicos, assim como para o judaísmo rabínico, *Yom Kipur* é celebrado com grande solenidade.

Dentre os rituais de passagem e iniciação judaicos, a circuncisão e o *Bar Mitzvá* foram escolhidos com o objetivo de compreender melhor a construção do judaísmo messiânico. O *Bar Mitzvá* é o ritual celebrado quando o menino completa treze anos e então é considerado adulto. No judaísmo essa passagem é considerada importante tanto para a comunidade como para a família do menino, ou menina (*Bat Mitzvá*). Todavia, aqui encontramos uma grande diferença entre os

rituais do judaísmo rabínico e do judaísmo messiânico: enquanto que para o primeiro a realização da circuncisão é condição fundamental para que um menino celebre a sua maioridade religiosa, o mesmo não ocorre para o segundo, sendo possível o menino realizar seu *Bar Mitzvá* sem ser circuncidado.

No judaísmo, a circuncisão é um ritual fundamental para que um homem seja considerado judeu, vimos que o judaísmo messiânico não nega a relevância desse ritual. Todavia, Daniel Woods, de forma contraditória declarou em entrevista concedida, que não considera a circuncisão obrigatória, apenas aconselha ao fiel que queira se tornar judeu que passe por esse ritual.

Um dos pontos polêmicos do judaísmo messiânico é aquele que se refere à conversão. Tanto nas entrevistas concedidas por Daniel Woods, como nos livros e *sites* que tratam de judaísmo messiânico pesquisados nesse trabalho, não fica claro como uma pessoa deve proceder para tornar-se judeu messiânico. Woods declarou que ele aconselha o fiel, que não é judeu por nascimento, que antes de se converter ao judaísmo messiânico se torne judeu. Assim, a pessoa deve procurar uma sinagoga tradicional e passar por um processo de conversão formal ao judaísmo. Depois de feita a conversão esse prosélito poderá então tornar-se um judeu messiânico pelo batismo, fazendo isso através de uma declaração pública de fé em Jesus.

Por outro lado, Woods afirma que se um fiel não quiser passar por esse ritual, ele também será aceito dentro da *Beit Sar Shalom* como um membro da congregação. Já em relação aos judeus por nascimento, o rabino afirmou que para se tornar judeu messiânico basta fazer o batismo por imersão e declarar publicamente a fé em Jesus.

Os livros e *sites* das sinagogas e instituições messiânicas também não esclarecem o que se deve fazer efetivamente para se tornar judeu messiânico. Stern explica em seu livro quem é judeu messiânico da seguinte forma:

[...] quanto a mim, julgo que é um erro atribuir o termo “judeu messiânico” a qualquer um que acredite em *Yeshua* e cujos pais sejam judeus. Talvez pudesse denominá-lo judeu messiânico “em potencial”. O gentio que acredita em *Yeshua* não é judeu messiânico, é um gentio messiânico. [...] ¹⁸⁹.

Chegados a esse ponto, é importante refletir sobre a identidade religiosa dos judeus messiânicos. A definição do que é ser judeu é extremamente complexa; no entanto, foi necessário incursionar nesse tópico para tentar compreender como a identidade judaica é construída dentro da *Beit Sar Shalom*. Como foi analisado no capítulo I, segundo DellaPergolla¹⁹⁰, a adesão às práticas religiosas somada à afirmação da etnicidade e a ligação com o Estado de Israel são elementos suficientes para definir a identidade judaica contemporânea. No capítulo III, além da ligação dos membros da *Beit Sar Shalom* com o Estado de Israel foi abordada a relação dos judeus messiânicos com o Holocausto, revelando que não existe uma identificação do grupo com o massacre nazista. Uma vez que esses dois referentes identitários são constitutivos da identidade judaica moderna, algumas questões podem ser colocadas.

Na sinagoga *Beit Sar Shalom*, observamos elementos que nos remetem ao Estado de Israel, como por exemplo, quadros retratando típicas cenas israelenses, a bandeira nacional do Estado de Israel e a cor azul e branca (cor da bandeira de Israel) presente em vários elementos decorativos. Em diversas ocasiões foi entoado

¹⁸⁹ STERN, David. **Manifesto judeu messiânico**. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1989.p.18.

¹⁹⁰ DELLAPERGOLLA, Sergio. **Assimilación/continuidad judia**. Mexico: Fondo Cultura Economica, 2000.

o Hino de Israel pelos freqüentadores da sinagoga. Contudo, há pouquíssimas referências ao Holocausto, tanto na sinagoga, como na literatura judaico-messiânica.

Como já foi explicitado no primeiro capítulo, a identidade, segundo a teoria de Barth¹⁹¹, é uma categoria relacional. Assim, no contato com outros grupos étnicos, a cultura de um grupo não desaparece, alguns traços permanecem notadamente para marcar as fronteiras desse grupo. No caso da *Beit Sar Shalom* isso é claro pelo fato de que as pessoas se auto-definem em termos de pertinência religiosa como judias. Além desse fenômeno, podemos afirmar que as fronteiras étnico-religiosas na *Beit Sar Shalom* são marcadas, também, através dos rituais e da doutrina religiosa. Porém, como já foi explicado anteriormente, essas fronteiras são porosas e as pessoas podem atravessá-las e manipulá-las. Um exemplo é que alguns membros da sinagoga messiânica responderam nos questionários que freqüentam a *Beit Sar Shalom*, mas também costumam ir a outras sinagogas ou igrejas.

A modo de conclusão é possível afirmar que os freqüentadores da *Beit Sar Shalom* se identificam como judeus, não acreditam que professam uma religião diferente do judaísmo rabínico, crêem que são uma facção dentro do judaísmo e não uma outra religião. Essa postura, entretanto, não é compartilhada pelas lideranças judaicas entrevistadas para esse trabalho. Assim, a opinião foi unânime, desde aqueles que têm conhecidamente uma postura mais ortodoxa, até aqueles que postulam idéias mais liberais quanto à religião, todos consideram o judaísmo messiânico como uma religião cristã e não judaica. Os entrevistados consideram que o fato de os judeus messiânicos seguirem determinadas tradições do judaísmo, como festas ou determinados rituais, não os torna judeus. O principal motivo para essa avaliação é a crença que Jesus é o messias.

¹⁹¹ BARTH, Fredrik. **O Guru, o iniciador**. Rio de Janeiro: Editora Contra Capa, 2000.

Se o judaísmo messiânico é um resgate do cristianismo primitivo dos primeiros séculos da era comum, ou se pode ser considerado uma corrente dentro do judaísmo depende de diversas variáveis. Porém, tomando como ponto de partida a teoria sobre a identidade de Barth – sobre a qual se apoiou este trabalho - chegamos a uma conclusão: não basta a auto-identificação para ser incluído dentro de um determinado grupo étnico também é necessário ser identificado pelos outros como pertencente a um esse grupo.

Os judeus messiânicos afirmam categoricamente serem judeus e não se vêem como uma outra religião. No entanto, os “outros”, representados nesse trabalho pelas lideranças judaicas entrevistadas, não os consideram judeus. Desta feita torna-se extremamente complexo categorizar essa religião segundo uma dicotomia judeu/não judeu.

No entanto, o esforço pretendido por esse trabalho não foi o de categorizar essa religião nem entendê-la como uma religião judaica ou cristã, mas como uma religião com suas singularidades próprias.

Muitos interrogantes ficaram sem resposta, fato que costuma acontecer em um estudo pioneiro. Todavia, acredito que uma primeira aproximação ao grupo escolhido foi realizada com intuito de expandir e aprofundar a pesquisa na minha tese de doutorado.

Bibliografia

AVINERI, Shlomo. **La idea sionista: notas sobre el pensamiento judío**, Jerusalém: La Semana Editora, 1993.

BARRETO, M.A.P. **Dicionário de sociologia**. Rio de Janeiro: Globo, 1977.

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador**. Rio de Janeiro: Contra capa, 2000.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1971.

BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder**. Petrópolis: Vozes, 1982.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O anti-semitismo na era Vargas**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CORNELIUS, Wayne. **Interviewing undocumentede immigrants: methodological reflexions based fieldwork in Mexico and U.S:** international migration review. California, 1982.

CRUZ, Eduardo Rodrigues. **A persistência dos deuses – religião, cultura e natureza**. São Paulo: UNESP, 2004.

DECOL, René Daniel. **Explorando os dados censitários**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº. 16.

DELLAPERGOLLA, Sergio & SCHEMETZ, Uziel. **La demografia de los judios de latinoamerica**. Rumbos, Jerusalém, nº. 15, 1996.

DELLAPERGOLLA, Sergio. **Assimilación/continuidad judia**. México: Fondo Cultura Economica, 2000.

EISENSTADT, S.N. **Sociedade Israelense**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

FERRETI, S. **Repensando o sincretismo**. São Paulo: EDUSP, 1995.

FLUSSER, David. **O judaísmo e as origens do cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1988. Volumes II e III.

GASBARRO, Nicola. **A civilização cristã em ação**. [s.n.t.]

GUIMARÃES, Marcelo Miranda. **Temas judaicos messiânicos – coletânea**. Belo Horizonte: Ames, 2005.

KERMODE, Frank. **Guia literário da Bíblia – midraxe e alegoria: os inícios da interpretação escritural**. São Paulo: Unesp, 1997.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais – sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

PASSOS, João Décio (org.). **Movimento do espírito: matrizes, afinidades e territórios pentecostais**. São Paulo: Paulinas, 2005.

PIERUCCI, A. F. **Secularização e declínio do catolicismo**, em SOUZA, B.M. e MARTINO, L. M. S. (orgs.), **Sociologia da Religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2004.

PIERUCCI, A. F. em GAARDER, Jonstein, **O livro das religiões**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

POMPA, Cristina. **A religião como tradução**. Bauru: Edusc, 2003.

POUTIGNAT, Philippe e FERNAT, Streiff Jocelyne, **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Unesp, 1997.

PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do espírito**, São Paulo: Edusp, 1998- **Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização**, Rio de Janeiro: Pallas, 1999.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**. São Paulo: Loyola, 2002.

RAMOS, Artur. **A culturação negra do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1942.

RATTNER, Henrique, **Revista Espaço Acadêmico**. nº. 33, Fev./2004.

REICKE, Bo, **A história do novo testamento**. São Paulo: Paulus, 1996.

RENAN, Ernest, **Que es uma nacion?** Madrid: Centro de estudos Constitucionales, 1993.

RODRIGUES, Nina. **O animismo fetichista dos negros baianos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

SCARDELAI, Donizete. **Movimentos messiânicos do tempo de Jesus – Jesus e outros messias**. São Paulo: Paulus, 1998.

SCHIAVO, Luigi. **Anjos e messias – messianismos judaicos e origem da cristologia**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SCHOLEM, Gershom. **Las grandes tendencias de la mística judaica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

SCHOLEM, Gershom. **The messianic idea in judaism**. New York: Schocken Books, 1971.

SHAFFER, Boyd C. **Nationalism: myth and reality**. London: Vitor Gallanez, 1955.

STERN, David. **Manifesto judeu messiânico**. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1989.

SORJ, Bernardo. **Diáspora, Judaísmo e teoria cultural**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003- **Sociabilidade brasileira e identidade judaica**, in SORJ, B. **Identidades judaicas no Brasil contemporâneo**. Imago, Rio de Janeiro, 1997.

TOPEL, Marta. **Jerusalém & São Paulo: a nova ortodoxia judaica em cena**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

TOPEL, Marta. **O lugar da nova ortodoxia judaica paulistana no cenário do campo religioso brasileiro: algumas observações**. Revista de Estudos da Religião. Nº1/2003.

UNTERMAN, Alan. **Dicionário judaico de lendas e tradições**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

Enciclopédia Judaica. Rio de Janeiro: Editora Tradição, 1967. Volume 12.

Encyclopaedia Judaica. Jerusalem: Keter Publishing House Jerusalem Ltd. 1978. Volumes 4, 8, 11, 12 e 14.

A Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Editora Paulus, 2000.

A Bíblia de Jerusalém. Editora Paulus.

Catecismo da Igreja Católica. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

Artigo: Brasil é o Maior País Pentecostal. Folha de São Paulo, seis de maio de 2007. Brasil.

Sites

<http://www.jewishworldreview.com>

<http://www.jewishencyclopaedia.com>

<http://www.netjudaica.com.br>

<http://www.espacoacademico.com.br>

<http://historia.uff.br>

<http://www.ifcs.ufrj.br>

<http://www.simpozio.ufsa.br>

<http://www.vaticano>

<http://www.ensiandodesião.com.br>

<http://www.shemaysrael.com>

<http://www.primeiramao.tripos.com>

<http://www.Chabad.org>

<http://www.pedrasvivas.org>

<http://www.judaismomessianico.com>

<http://www.beitshuva.com>

<http://www.fimdosedias.com.br>

<http://.cjb.org.br>

Modelo do questionário respondido pelos membros da *Beit Sar Shalom*

São Paulo, ___/___/_____

Sexo: () f () m

Data de nascimento: ___/___/_____

Cidade: _____

Escolaridade: () Ensino Fundamental; () Ensino Médio
() Ensino Superior incompleto ; () Ensino Superior completo ; () Pós
graduação

Profissão: _____

Religião de
nascimento: _____

Religião praticada
atualmente: _____

Se considera religioso/
praticante? _____

Freqüenta outras igrejas/sinagogas? Quais?

_____.

Há quanto tempo freqüenta a Beit Sar
Shalom? _____

Com que freqüência vêm a Beit Sar Shalom: () semanalmente; ()
quinzenalmente; () mensalmente; () eventualmente ; () raramente.

Como conheceu a Beit Sar Shalom?

Para o Sr (Sra) o que significa ser judeu?

Para o Sr (Sra) o que significa ser judeu-messiânico?

Como o Sr (Sra) se identifica em termos de pertinência religiosa?

Por que escolheu pertencer a Beit Sar Shalom?

O Sr (Sra) Tem amigos judeus? Freqüenta espaços judeus?

Qual é a diferença entre os judeus messiânicos e os judeus?

O Sr (Sra) já cogitou a idéia de se converter ao judaísmo?

O que significa para o Sr (Sra) o Estado de Israel?

Quem é Jesus Cristo para o Sr (Sra)?

Anexo 2

Fachada da *Beit Sar Shalom*



Anexo 2:

Livro de orações da *Beit Sar Shalom*



Anexo 3:

Envelope de recolhimento de ofertas da *Beit Sar Shalom*

CONGREGAÇÃO JUDAICA MESSIÂNICA
BET SAR SHALOM

Tomai do que tendes, uma oferta para o senhor; cada um
cujo coração é voluntariamente disposto...
Exodo 35:5

NOME: _____ Nº _____

DÍZIMO DO MÊS _____ R\$ _____

TZEDAKA (oferta) PARA _____ R\$ _____

_____ de _____ de 20 _____ TOTAL R\$ _____

QUERO RECIBO Tesoureiro _____

Anexo 4:

Folheto distribuído na *Beit Sar Shalom*

Bet Sar Shalom

ישוע

בית שר שלום

Ordem do Serviço

PARASHÁ DA SEMANA # 11

Vayigash
(Ele aproximou-se)
Bereishit (Genesis) 44:18-47:27

Haftará
Yechezck'el (Ezekiel) 37:15-28

B'rit Hadashá
Atos 7:9-16

Rabino Daniel Woods
e-mail: dmw@betsarshalom.org

5 Tevet 5765
17 de Dez, 2004

בֵּית שַׂר שְׁלוֹמִים

Anexo 5:

Folheto distribuído na *Beit Sar Shalom*



Anexo 6:

Folheto com o Hino de Israel distribuído na *Beit Sar Shalom*

HATIKVAH			
HEBRAICO TRANSLITERADO	HEBRAICO	INGLÊS	PORTUGUÊS
Kol od balevav p'nimah	המינום בגלב דעו לכ	As long as deep in the heart,	Enquanto bate no coração Judaico,
Nefesh Yehudi homiyah	הימוה ידוהי שפנ	The soul of a Jew yearns,	Enquanto os olhos judaicos do judeu olham com anseio para o leste,
Ulfa'atey mizrach kadimah	המידק חרזם יתאפל	And forward to the East	
Ayin l'tzion tzofiyah	היפז וניצל ויע	To Zion, an eye looks	
Od lo avdah tikvatenu	ונתוק הדבא אל דעו	Our hope will not be lost,	E então nossa esperança de dois mil anos de ser uma nação livre na terra de Jerusalém não estará morta
Hatikvah bat shnot alpayim	פילא תוש תב הוקתה	The hope of two thousand years,	
L'hiyot am chofshi b'artzenu	נצראב ישפות פע תיהל	To be a free nation in our land,	
Eretz Tzion v'Yerushalayim	פילשוריו וניצ צרא	The land of Zion and Jerusalem.	



BET SAR SHALOM

EM HOMENAGEM À MEMÓRIA DO RABINO NATAN.
Rabino Daniel Woods, Sebastião, Nelly e Samy.